

GIOVANA REIS LUNARDI
(ORGANIZADORA)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: DISCURSOS E POLÍTICAS

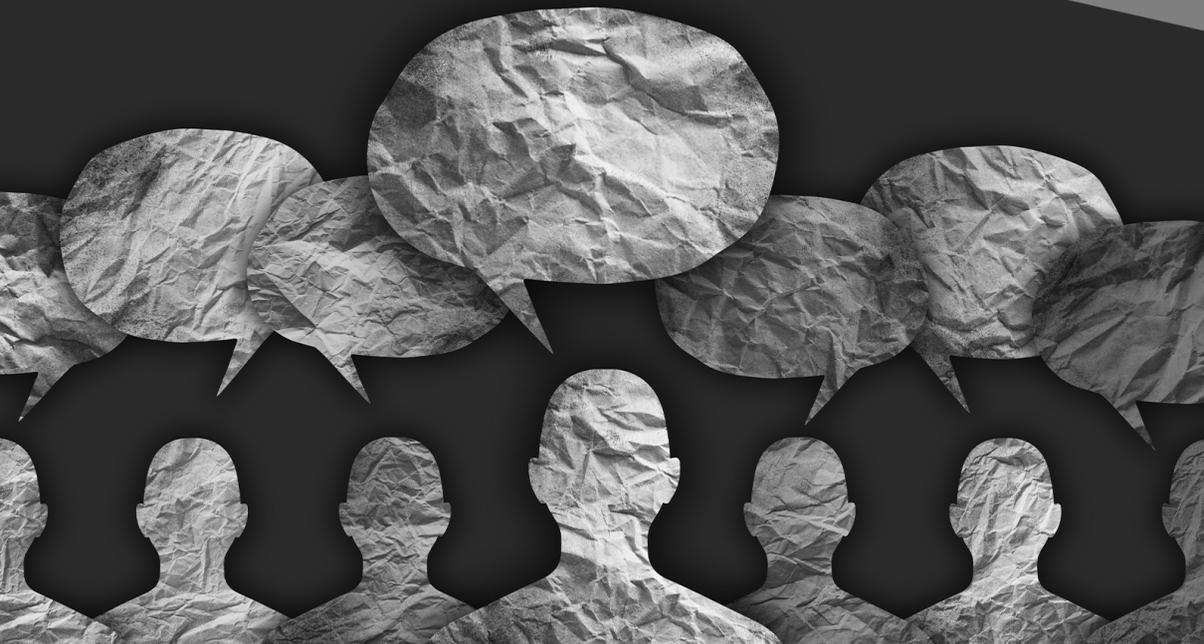


 **Atena**
Editora
Ano 2023

GIOVANA REIS LUNARDI
(ORGANIZADORA)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

DISCURSOS E POLÍTICAS



 **Atena**
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Linguística, letras e artes: discursos e políticas

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Giovana Reis Lunardi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
L755	Linguística, letras e artes: discursos e políticas / Organizadora Giovana Reis Lunardi. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1097-3 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.973232504 1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Lunardi, Giovana Reis (Organizadora). II. Título. CDD 410
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

A coleção “Linguística, letras e artes: Discursos e políticas” tem como objetivo principal promover a discussão científica através de uma variedade de trabalhos apresentados em seus capítulos. Neste volume, uma ampla gama de pesquisas, relatos de casos e/ou revisões aborda de forma interdisciplinar as letras, as artes, a literatura e a filosofia. O propósito é explorar a explicação das palavras, os sentidos da linguagem e as nuances de personagens literários, entre outros tópicos relevantes.

Esta obra é fruto da colaboração de diversos acadêmicos, pesquisadores e especialistas das diferentes áreas, que compartilham seus conhecimentos e experiências para fundamentar a compreensão das letras e da literatura. Nos variados capítulos, oriundos de pesquisas, estudos de caso, análises de discurso e revisões bibliográficas, os autores exploram temas fundamentais como a relação entre linguagem e poder, as políticas culturais, a produção literária e artística, bem como a relação entre a língua e a identidade linguística e cultural.

A coleção busca oferecer uma visão crítica e atualizada sobre a importância das linguagens, das letras e das artes no contexto das políticas públicas, bem como sua relação com a construção de identidades e a formação de valores sociais. Metáforas para explicar os sentidos que circulam na sociedade; conceitos filosóficos para compreender a essência da linguagem, reflexões sobre personagens literários; análises com viés da Linguística Textual em poemas de autores clássicos como Drummond e Mário Quintana; considerações sobre a importância de mapas mentais para a compreensão leitora, e mais temática que são desenvolvidas com zelo e com rica fundamentação teórica pelos autores de cada artigo científico presente nessa coletânea.

Os capítulos apresentam uma ampla variedade de temas instigantes e relevantes, com o objetivo de aprofundar o conhecimento de acadêmicos, especialistas e de todos aqueles que têm interesse no estudo das línguas e da linguagem. Com isso, a obra se torna fundamental não apenas para acadêmicos e pesquisadores, mas para todos aqueles interessados em compreender e discutir as dinâmicas sociais e culturais da nossa época relacionada à linguagem e à literatura. Com uma abordagem interdisciplinar, os autores unem conceitos e reflexões de diferentes áreas do conhecimento, proporcionando uma visão mais completa e complexa sobre esses temas. Além disso, o livro também aborda temas contemporâneos que são de interesse direto da sociedade, enriquecendo a discussão e promovendo uma reflexão crítica sobre questões relevantes para a nossa época.

Reconhecemos a importância da divulgação científica e, por isso, enalteçemos a estrutura da Atena Editora, que oferece uma plataforma fidedigna e de qualidade para que pesquisadores possam expor e divulgar seus resultados de maneira eficiente.

Boas leituras!

Giovana Reis Lunardi

CAPÍTULO 1	1
A IDEALIDADE DA SIGNIFICAÇÃO NA SEGUNDA INVESTIGAÇÃO LÓGICA DE EDMUND HUSSERL	
Athos Vieira Alves Sanqueilo de Lima Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9732325041	
CAPÍTULO 2	11
LINGUAGEM, ESTEREÓTIPOS E ETIQUETA PROFISSIONAL NA ATUAÇÃO DE SECRETÁRIOS EXECUTIVOS	
Louis Guillaume Théodore Bueno Santos Martins Débora Iracy Ferreira de Araújo Rafaela Dávila Souza de Mendonça	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9732325042	
CAPÍTULO 3	29
METÁFORAS DE JORNADA NO DISCURSO POLÍTICO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DE VÍDEOS PUBLICITÁRIOS DO TSE	
Jacimara Ribeiro Merizio Cardozo Sérgio Arruda de Moura	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9732325043	
CAPÍTULO 4	46
UMA VISÃO DO GOLPE MILITAR CHILENO NO ROMANCE <i>O AMOR DE PEDRO POR JOÃO</i> , DE TABAJARA RUAS	
Evandro Fantoni Rodrigues Alves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9732325044	
CAPÍTULO 5	63
GLOSSÁRIO: A TABUIZAÇÃO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS PARA <i>PROSTITUTA</i> , NO MARANHÃO	
Paulo Gabriel Calvet Ribeiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9732325045	
CAPÍTULO 6	81
A TECNOLOGIA SOCIAL DOS MAPAS CONCEITUAIS COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Ademilson Pereira Ribeiro Eduarda Alves Barbosa Mariana Rodrigues Marinho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9732325046	
CAPÍTULO 7	96
AS FRONTEIRAS ÉTNICAS NO CONTATO DE LÍNGUA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE AS LÍNGUAS PORTUGUESA E	

TICUNA NO ALTO SOLIMÕES

Rosinéa Auxiliadora Pereira dos Santos

Renilda Aparecida Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9732325047>**CAPÍTULO 8 106****REPETIÇÃO E EXPRESSIVIDADE NA POESIA**

Guaraciaba Micheletti

Ana Elvira Luciano Gebara

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9732325048>**CAPÍTULO 9 120****A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INGLESA PARA AS ESCOLAS**

Patrícia Cabral Duarte

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9732325049>**CAPÍTULO 10..... 130****IDENTIDADE, HISTÓRIA E MEMÓRIA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE “RESPEITEM MEUS CABELOS, BRANCOS,” DE CHICO CÉSAR E “IDENTIDADE”, DE MIA COUTO**

Fernanda Diniz Ferreira

Jailton dos Santos Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.97323250410>**CAPÍTULO 11141****OS LIMITES DA PERSONAGEM: CRIAÇÃO E EXPANSÃO NA *TRILOGIA DO ADEUS*, DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA**

Tacel R. C. Leal

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.97323250411>**SOBRE A ORGANIZADORA 153****ÍNDICE REMISSIVO 154**

A IDEALIDADE DA SIGNIFICAÇÃO NA SEGUNDA INVESTIGAÇÃO LÓGICA DE EDMUND HUSSERL

Data de aceite: 03/04/2023

Athos Vieira Alves

<http://lattes.cnpq.br/4875708611274714>

Sanqueilo de Lima Santos

<http://lattes.cnpq.br/9807115720019824>

RESUMO: A pesquisa tem como objeto de investigação o texto de Edmund Husserl *Vorlesungen Über Bedeutungslehre. Sommersemester (1908)*, no qual procura identificar como o filósofo concebe o significado das expressões linguísticas (signoverbal) e como a fenomenologia, dessa forma, pode contribuir para um debate que, no campo da filosofia, é realizado por outras correntes filosóficas. Para isso, a pesquisa procura identificar os avanços do filósofo com relação às *Logische Untersuchungen (1900/11)*, partindo da hipótese de que, nas *Vorlesungen*, a concepção de como o significado se estabelece intencionalmente, torna mais independente de pressupostos psicologistas e objetivistas e mais precisa do ponto de vista da idealidade específica e dos conceitos essenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Significado fântico; Significado ôntico; Intencionalidade; Espécie.

INTRODUÇÃO

Se não central, a questão do sentido, é parte fundamental do filosofar humano, onde, através da elaboração de perguntas, tenta-se compreender, com precisão, o que nos rodeia. Sejam agentes passivos ou ativos na construção de sentido, o significado que tentamos expressar através da linguagem direciona em algum grau a nossa percepção sobre o mundo. Não obstante, como tratar de lógica e linguagem, em toda a amplitude do fenômeno discursivo, sem cair nos acidentes da retórica. Para mudar essa perspectiva, de linguagem como algo incerto, não exato, o pensamento husserliano, nas *Investigações Lógicas (HUSSERL, 1901)* se debruça sobre o tema do significado, para dar base ao que mais tarde se daria como a semântica husserliana, que tem como base a sua teoria de significação definida pela idealidade.

Nesse sentido, buscamos reconstruir o caminho elaborado por

Husserl para chegar ao momento da idealidade da significação, para isso analisamos a da “unidade ideal do significado” e sua teoria dos signos linguísticos em duas de suas obras, as *Investigações Lógicas* e *As lições sobre a teoria da significação* (HUSSERL, 1908), em uma pesquisa bibliográfica, voltada à análise conceitual e histórica dos conceitos fundamentais que permiti-nos precisar as premissas do pensamento fenomenológico, em relação à idealidade do significado. As duas obras em questão se aproximam no quesito de que ambas vêm a tratar da linguagem em suas diversas formas, como o seu papel para a consciência e suas manifestações fenomênicas.

Dessa forma, iremos destacar quais os principais conceitos comentados nestas obras que circundam o significado e o tema idealidade que está presente na *Segunda Investigação*, e argumenta contra as concepções psicologistas do significado e a favor de sua idealidade. A obra de 1901, comenta, em suas seis investigações, as formas de manifestação e apreensão do significado. Entretanto a obra de 1908 é considerada uma consequência do seu amadurecimento sobre o assunto, revelado em aulas ministradas em um semestre de verão e posteriormente, compiladas em um volume.

Ao buscar a idealidade do significado, nos deparamos com diversos conceitos que o complementam e o configuram, como o papel do *signo linguístico* e a formação da *expressão*, a *unidade ideal da espécie* e o momento chamado de *instanciação das espécies*. Para isso, orientar nossa busca utilizamos da revisão de comentadores como Castro (2009), Hilgert (2017), Peres (2017) e principalmente Teixeira Filho em diversos textos que discutem o que concerne às indagações e as respostas advindas delas e como isso faz parte de um intrincado movimento correlacional entre representações e aquilo que se apresenta como tal. Antes de tratar esses tópicos, também analisamos o impacto que a elaboração de certos conceitos possui sobre o papel da linguagem.

A LINGUAGEM EM HUSSERL

A fenomenologia traz consigo um olhar particular para o que é concebido como linguagem, tanto ao instituir uma reflexão linguística elaborada em conceitos já a muito discutidos como o signo e a expressão, quanto por configurá-los nos moldes exatos da sua filosofia. Para trabalhar com um objeto tão volátil como a linguagem, foi preciso desvinculá-la da arbitrariedade do signo para averiguar de fato a exatidão do significado idealmente proposto.

Para o Husserl, à época das *Logische Untersuchungen*, o sentido das coisas não está atrelado às palavras em si, mas sim aos objetos presentes no mundo vivido, do qual a língua tenta captar através de suas diversas formas de discurso. Aqui, a característica principal da linguagem é a de servir ao pensamento como um intermediário entre o objeto e as nossas percepções, para que se possa expô-las através o pensamento de forma inteligível a outros falantes. De fato, a linguagem é vista como uma ferramenta de

acesso a determinada informação direta, mas que perpassa o dado concreto de forma superficial. A linguagem, assim entendida, também não espelha o verdadeiro conteúdo do pensamento, já que a consciência age por meio da linguagem, assim, essa se encontra em um estágio mais profundo de percepção, onde a expressão, é apenas uma tradução não necessariamente fiel ao verdadeiro conteúdo da consciência. A linguagem possui essa inexatidão pois ela precisa se adaptar aos diversos falantes que a utilizam, para que haja entre eles uma compreensão recíproca (HUSSERL, 1901). Esse veículo, portanto, busca apreender o significado das coisas sem realmente o fazer, o que, portanto, torna a linguagem uma ferramenta não muito confiável. Teixeira, em uma passagem, diz que,

Não é incomum encontrarmos afirmações de que, concebido nas *Investigações lógicas* enquanto entidade de caráter ideal ou abstrato, o teor de significação mantém uma relação extrínseca com a linguagem enquanto mero meio contingente para sua eventual manifestação. (TEIXEIRA, 2010, p.323)

É nesse sentido também que Teixeira atribui a Husserl um “*insight* genérico” (2010) a respeito da sua concepção de significado, já que a linguagem que utilizamos de forma natural não exprime a totalidade do objeto ou experiência, sua idealidade. Com a linguagem afastada do significado em si, busca-se a idealidade em outros lugares que não no discurso já que, o objeto, alvo de suposições e interpretações, pode ser esmiuçado em palavras, mas nunca totalmente esgotado, onde este carrega uma infinidade de significações possíveis, que, como vimos, a linguagem não pode alcançar. É nesse contexto que Husserl vem a adentrar o campo do idealístico, por postular que há uma objetividade definitiva para as expressões, uma forma de conceber o ideal, mas que esta “se encontra, para além do discurso e da efetividade de qualquer proferimento” (Benois, 2003, p.17 apud Teixeira, 2010. p. 323).

Essa visão sobre papel da linguagem acaba por ser bastante criticada pois incorre no mal entendido de que a idealidade do significado seria uma palavra (uma forma de expressão) que jamais se desvia tanto do seu sentido original quanto da sua intenção de significação. Mais adiante, veremos que a idealidade da significação na verdade não vai se encerrar em um “lugar”, mas sim em um “momento”, este, ideal para o significado. Ao revisitar os conceitos que tratam da significação podemos perceber como a expressão percorre um caminho autorregulatório, que não exige a repetição exata de determinadas expressões, ao possuir como referência um repertório compartilhado e reconhecido por seus falantes, a linguagem se inova a cada experiência vivenciada, o que permite que nem todas as expressões sejam sempre as mesmas. Ao ser capaz de transitar entre estes sentidos, de um vocabulário fixo e um arcabouço inédito de vivências, podemos perceber que a idealidade não recai sobre o mecanismo que rege a expressão linguística, mas sim na correlação entre o que vem a ser expressado e a consciência. É dessa forma que ocorre o discernimento em relação a subjetividade da linguagem:

A compreensão recíproca exige, precisamente, uma certa correlação dos

atos psíquicos, que se desdobram ao longo da manifestação e da recepção da manifestação, mas não exige, de modo algum, a sua completa igualdade (HUSSERL, 1900. p. 30).

Com isso vemos que Husserl não preza pelo enrijecimento da linguagem em uma forma imutável, pelo contrário, reconhece em sua capacidade de flutuação a forma de melhor expressar aquilo que se indica aos nossos sentidos. Pensar e agir sobre a vida, requer uma constante reflexão sobre o que conecta nossas ideias e a nossa expressão. E foi nesse sentido que Husserl passou por revisões em seu pensamento a respeito da linguagem, onde, Hilgert (2017) observa, “a linguagem deixa [...] nesse segundo momento, de ser mediação não confiável para tornar-se condição transcendental enquanto estrutura do mundo vivido (*Lebenswelt*). (P.69)”, assim, prevaleceu uma concepção mais justa a respeito da linguagem, onde é vista como o elo principal entre nossa mente em atividade e o mundo que nos rodeia.

SIGNIFICADO FÂNSICO: SIGNO E EXPRESSÃO

Husserl, ao lecionar no semestre de verão 1908, reorganizou alguns dos seus pressupostos relacionados à significação, o que ficou em um aprofundamento da semântica husserliana apresentada nas *Logische Untersuchungen* de 1900. Em *Lições Sobre o Significado* (1908), o projeto filosófico que envolve a compreensão do significado abordado nas *Investigações Lógicas* é discutido novamente, porém agora o foco está em localizar o momento que surge o significado, através da relação que permeia o ato de significar e o significado em si. No § 8, Husserl define a parte física da linguagem, de sua contraparte mental e pontua a idealidade do significado como sendo o momento de intercalação entre esses dois fenômenos. O que corrobora com a tese de que a idealidade não reside na fixação de parâmetros imutáveis, imaculados, pela passagem do tempo ou de acontecimentos que podem vir a acrescentar o nosso entendimento sobre algo, talvez desvalidando um fato, assim não é uma questão de estar “fora de moda”, mas sim de reconhecer quais coisas ainda tem o seu valor de “verdadeiro”, e quais não. O significado surge então no momento em que se ocorre a conexão de um determinado acervo de dados com informações apresentadas e recebidas através do *Lebenswelt*. Assim, o conceito de unidade ideal apresentado na segunda Investigação é retomado nas *Vorlesungen Über Bedeutungslehre* de 1908 e é apontado que a idealidade reside em um momento, o encontro de duas partes representativas, o significado fânsico e o significado ôntico. Portanto, para chegar à unidade ideal que reside na contraparte ôntica, precisamos abordar primeiramente sua representação física.

A parte física da representação consiste na evolução do signo à expressão, para isso devemos nos dispor a falar sobre a distinção entre os signos indicativos e os signos linguísticos, para compreender de que forma esses conceitos compõem a “expressão”, já que as manifestações que funcionam como indícios daquilo que consta no mundo

como tal e a forma como usamos para expressar suas relações subjetivas se diferem no processo significativo. Os signos indicativos são evidências de um processo ocorrido no mundo natural, a repercussão de um evento ocorrido que, no agora, se encontra como uma informação objetiva representada como fato através das experiências vivenciadas. Um signo associativo, por exemplo, funciona como uma pista em relação a algo, sem dizer em palavras as relações subjetivas que compartilha com aquilo ao qual está ligado, nos revela diretamente um dado, informa uma situação de estado de coisa.

Os signos linguísticos se diferem dos indicativos na medida em que este, o signo linguístico, não compartilha de uma naturalidade relacional com o objeto. Isso devido ao fato de que, para Husserl, esses signos são formados por uma associação arbitrária que vem a representar o objeto. Esses signos, que formam as letras e palavras seriam uma forma artificial de representar o objeto e compõe uma parte da expressão. Assim, por se tratar de uma relação arbitrária, a linguagem é compreendida por possuir uma relação artificial com o objeto de análise já que a apreensão da realidade no consciente teria que passar por esses signos para fazer seu julgamento, portanto se distancia deste. Na verdade, é justamente por fazê-lo, por distanciar-se de uma “naturalidade” que a linguagem permite uma análise subjetiva do dado, de forma a revelar características que não se mostram em sua forma crua. No caso dos signos indicativos, estes não revelam mais informação do que aquilo que mostram, visto que estes denotam o fato natural, de forma bruta, como uma matéria-prima fundamental para um produto ainda a ser explorada e que somente é devidamente explorada com o uso da linguagem. Entretanto, os símbolos que compõe os signos linguísticos são somente uma parte do expressar, uma vez que apontar para algo não necessariamente “significa” algo, esse significar só vem a estar presente ao ser formado a expressão (Husserl, 1901 1º, § 1., p.21).

Uma vez que os signos apontam, inevitavelmente trazem em seu bojo algum tipo de informação. Qualquer conteúdo informacional que captamos com nossos sentidos e percepções podem ser apreendidas pelo consciente, entretanto, os signos ainda não possuem em seu caráter fundamental “significado”. Isso devido ao fato de não possuírem razão, ou seja, uma assertiva que denuncia todas as suas facetas, as diferentes perspectivas do fenômeno, passíveis de apreensão. O significado somente surge quando a informação é comparada e correlacionada com outro ponto referencial ao ponto de estabelecer uma conexão, e é através do “ato intuitivo” que essa correlação referencial é realizada e que passa a preencher o objeto de intenção de significação (MALADOSSO, 2016. p.5). Assim, para que o índice, portanto a expressão, possa ser preenchido de significado este deve se unir à manifestação da vivência, o que vai nos levar a intuir com mais precisão o exposto.

Sejam estas reguladas por palavras, como a escolha de um idioma, ou por sua representação gráfica na tela digital de um computador através de uma simbologia de letras alfanumérica, ou na escolha de uma pronúncia foneticamente diferente de um sotaque regional em particular, o signo e suas nuances que vem a compor as expressões

forjam o significado através de um intrincado sistema representacional. Entretanto, como podemos perceber, essa equação ainda não está completa, para formar a parte física, o significado fático (HUSSERL, 1908) é preciso que este contenha também uma intenção de significação, ou a manifestação da vivência, como aponta Madalosso (2016),

A esfera do significado tem sua plenitude nos atos intuitivos, e o objeto não pode apenas receber significado para o sujeito que expressa apenas por uma intenção vazia e incompleta (MADALOSSO, 2016, p. 05).

Muitas vezes, seja a finalidade da Expressão contar uma mentira, ou apontar algo verdadeiro é necessário que a afirmação parta de um juízo objetivo para que o expressar preencha-se de sentido.

De acordo com Bragagnolo (2014) a atitude intuitiva é o ato de reflexão onde a atitude natural é reconhecida, repensada e reavaliada para dar lugar a uma atitude consciente. Nesse caso o entendimento não se dá meramente quando determinado signo é expresso, mas sim quando ele é refletido.

Assim, os índices por si só não formam a expressão, pois “não há qualquer conexão necessária entre as unidades ideais e os signos ao quais elas estão vinculadas” (HUSSERL, 1901, 1º, §35, p.87;) está só chega, de fato, a expressar algo, quando se encontra munido de intenção preenchedora de sentido, estes agora sim, carregados pelos ícones utilizados para representar os fenômenos físicos da Expressão passam a ser compreendidos como atos significativos.

SIGNIFICADO ÔNTICO: A UNIDADE IDEAL E O CONCEITO DE ABSTRAÇÃO

Se a parte externa do significado está conectada com a representação física do enunciado aliado à intencionalidade, a sua contraparte, chamada por Husserl em 1908 de significado ôntico, está ligada à apreensão mental do significado. Na *Segunda Investigação lógica* em 1901, esse conceito ainda não havia sido totalmente elaborado, entretanto, já se encontrava na forma da unidade ideal da espécie. Apesar de se falar sobre uma idealidade, Husserl não afirma que o significado parte sempre de uma mesma imagem fundamental, idealizadora que conecta os significados e é válido para todos. A capacidade de construir sentido é correspondente à capacidade intuitiva de cada indivíduo e se faz a partir da expressão e do contexto em que está inserido tal enunciado. A essência que uniria de fato a expressão e a partir daí conduziria à sua idealidade é a intencionalidade do juízo (HUSSERL, 1901, p.81). É a partir daí que vem a sua crítica às teorias de abstração produzidas por filósofos como Locke e J.S Mill.

Para Husserl, há a “falta de clareza da ideia de *ideia*” (HUSSERL, 1901 p.107), pois em Locke, para cada coisa, objeto no mundo, é construído um conjunto de ideias que seriam uma imagem referencial correspondente ligando o sentido da coisa à representação mental, assim a percepção consciente do correlato não necessariamente ocorre de fato, ela

é um dado passivo que já se encontra fincado numa “extensão facilmente compreensível” (HUSSERL, 1901, p. 107). Ou seja, no caso de Locke, a abstração não se trata de uma união de significados, mas sim de uma rede de significações possíveis que se comunicam, “na efetividade [real] não há nada de semelhante a um universal, há apenas coisas reais individuais, que se ordenam de acordo com semelhanças e parecenças, em gêneros e espécies.” (HUSSERL, 1901 p. 106.)

Dessa forma, a compreensão de sentido seria remetida a um compartimento de significados individuais, onde a *nomeação* está ligada a um determinado “complexo de ideias” a partir do qual o objeto é remetido à compreensão. A noção da abstração de Locke é especialmente comentada pelo fato desse correlato referencial não admitir nenhuma ambiguidade do objeto nomeado. Pois se um ato de nomeação possui duplo sentido não será feito a conexão com o seu determinado nicho de ideias. Essa limitação da capacidade abstrativa muitas vezes não condiz com uma realidade onde variações linguísticas, como sotaques, gírias e expressões idiomáticas, além dialetos e figuras de linguagem, onde um enunciado indica diversos sentidos. Para Husserl então faltava a intenção significativa que vai direcionar a determinado “complexo de ideias” que só então efetivamente passará a ser preenchido de sentido, que permita uma flutuação do significado sem que este perca o seu valor de verdade:

O que, finalmente, é ainda de particular importância é o fato de, em Locke, faltar totalmente a diferença entre representação no sentido de representação intuitiva (aparecimento, “imagem” vaga) e representação no sentido de representação de significação. Com isso, pode-se compreender, sob “representação de significação”, tanto a intenção de significação como o preenchimento de significação, pois os dois nunca serão separados também por Locke. (HUSSERL, 1901 p.108)

A crítica as filosofias da abstração na verdade são direcionadas a todos os pressupostos nominalistas que prescrevem uma idealidade específica, única e imutável. Apesar disso, Husserl não deixa de trazer uma teoria positivista, talvez direcionado pelas filosofias predominantes de sua época, porém ainda assim, o seu conceito do que é “essência” de algo é relativamente mais abrangente e menos rigoroso do que os que busca criticar, pois a idealidade da significação vai se remeter à um objeto idealizado, não a um objeto real. A representação significativa no consciente se dá por uma singularização do todo em uma ideia geral. Essa ideia geral, ao contrário da teoria de abstração de Locke, não se dá por partes, mas sim é construída para representar o máximo possível de ideias, portanto um dado *a-priori*, não real. Por abarcar os sentidos, Husserl chama a idealidade de unidade ideal da espécie e ao a considerarmos universal, não devemos toma-la como verdadeiro, este é somente uma representação, o objeto que vai ser considerado real é cunhado de objeto fora da consciência e unidade ideal o ser na consciência.

A *Segunda Investigação* vai analisar “como os sentidos das expressões e as significações puras se relacionam com objetos a que se referem.” (MADALOSSO, 2016,

p. 5) portanto para aprofundar a questão do que é o este ser que surge à consciência na forma de sentido e que permeia a construção de conhecimento. O significado se adapta ao enunciado à medida que este é preenchido pela convergência dessas duas partes em relação ao contexto em que se encontra inserido (MADALOSSO, 2016), pois objetivamente, não há como se transmitir o mesmo exato, a entidade, sentimento ou sensação ou sabor que se adquire com cada experiência individual que vivenciamos. Mas é possível sistematizar de uma forma lógica e precisa mais ou menos esse sabor, esse conhecimento, exprimir essa experiência através de uma descrição desses conteúdos ideais, uma verdadeira tentativa de tornar o ser da consciência em um ser real, fora da consciência.

Para esse processo chamamos de ato ideativo, o conjunto de ações que permitem a unidade do pensamento em um singular direcionador, já que este só pode vir a ser chamado de pensamento objetivo quando engloba, tanto o *ser* pensado quanto possui a capacidade de *gerar* o pensamento, capaz de dar partida à uma ideia que pode ser passada adiante. Assim a capacidade de abstrair o *ente* do mundo na consciência é um ato passivo, mas sim que esse a reflexão para que o sentido seja conectado. Não se trata de uma idealização única dos sentidos convergidos em um símbolo ou signo. A empreitada do sentido exige que a representação seja mais eficiente a ponto de perceber as nuances das diversas possibilidades de significação, desde a *captação* do dado, o processamento através da *intuição* para que se possa alcançar então a unidade ideal da significação.

Ao falar sobre as teorias psicologistas, o teor da questão que envolve a manifestação do significado adquire um novo desdobramento, na forma de uma generalização das ideias, a unidade ideal. Essa ideiação, propõe que os objetos são organizados de acordo com seus atributos como proposto por Teixeira (2007) onde esses “atributos” são relacionados através do eixo *Identidade x Igualdade* (HUSSERL, 1901). Assim, as características que são selecionadas para representar ontologicamente cada signo no consciente possui como parâmetro esse eixo. A Identidade diz respeito aos atributos tidos como iguais, seja esse fator de igualdade universal ou singular. O parâmetro da Igualdade diz respeito à aspectos semelhantes, porém não exatamente iguais. Somado à intencionalidade o eixo Identidade x Igualdade determina a unidade ideal da espécie.

Com isso nós temos a parte ôntica da significação, que se trata de sua representação mental, e por consequência ainda não se trata da significação em si, mas somente uma representação. A significação pura até esse momento ainda não foi revelada. O que vimos até então é o que Husserl chama de Representação fânsica (física) e Representação Ôntica (mental). Essas duas partes *per se* não é sentido, mas sim, o carregam. O significado puro manifesta-se somente no momento da *Instanciação das Espécies*, que é quando há a conexão entre o signo, a expressão e a vivência no mundo com a Unidade Ideal da Espécie, representação mental.

Significado Fânsico e Ôntico, portanto são duas partes da mesma moeda que compõe o significado puro. Esse significado puro, essencial, Husserl vai afirmar nas *Lições*

(1908), só ocorre no momento de encontro ou troca, portanto *instanciação*, dessas duas partes representacionais. Assim, a linguagem não é mais vista à parte do significado, mas sim passa a ser entendido como um componente fundamental que o permite, como forma “original de se representar o mundo vivido” (Hilgert, 2017, p. 67).

A parte representacional física é tanto intencionada pelo enunciador, como quando, ao chegar no ouvinte, este, o relaciona com a sua contraparte representativa ôntica. Essa correlação não ocorre de maneira involuntária, ou automática. Como vimos, unidade ideal da espécie encontra a sua formação a partir da intencionalidade do juízo inerente a cada indivíduo, o que seleciona a unidade específica para o entendimento de determinada expressão ou enunciado. O significado gerado a partir da reflexão voluntária inclusive é um dos grandes pontos argumentados por Husserl, que advoga sobre a capacidade de sair de um estado *natural* de consciência para um estado *intencional*, reflexivo, racional. É graças a esse pensamento que tomamos a imparcialidade do entendimento, ou da significação como algo intangível, pois ao perpassar o juízo, o significado vai encontrar representações limitadas e preconceptivas sobre o objeto, o que constrói assim um significado parcial.

É dessa forma que as significações não são essencialmente normativas, mas possuem a essência em um mecanismo ontológico representativo fluido, capaz de se adaptar às circunstâncias do enunciado para a concepção de sentido. Também é dessa forma que Husserl concebe ainda assim a existência de um significado puro, aquém da nossa apreensão objetiva, pois este não é nem expressão e nem a imagem mental, mas sim um momento de encontro entre esses, que ao aparecer, joga luz ao intencionado e conecta a raiz do significado, mas que logo desaparece novamente e exige a constante rememoração consciente da sensação, do momento, para que se vislumbre o significado, pois este não é fixo, mas sim momentâneo, instantâneo, e fluido.

COMO AS TESES HUSSERLIANAS CONTRIBUEM PARA O DEBATE SOBRE AS EXPRESSÕES E SIGNIFICAÇÕES

Ao esboçar os conceitos estipulados por Husserl e pela fenomenologia em geral que dizem respeito à distinção entre o conceito moderno de abstração e a unidade ideal da significação que compõe a compreensão do significado, podemos perceber que a construção de sentido, para a fenomenologia husserliana, acontece graças ao momento de encontro de duas partes representacionais a representação física do objeto e a representação ontológica consciente do indivíduo. É no momento de instanciação das espécies que o significado ideal se constrói, mas somente se a Unidade Ideal Específica se unir à intenção de significação. Assim a palavra passa a ser concebida como correlato do ato intencional, ou seja, compõe uma relação interdependente, onde a intenção é direcionado pela palavra e vice-versa. Sendo a intencionalidade responsável pela escolha do tema (sinônimos, expressões idiomáticas, proposições lógicas, etc).

Sobre a distinção entre o conceito moderno de abstração e a unidade ideal

específica, demonstramos como a noção de Husserl apresenta uma tese mais concisa a respeito da compreensão do significado e que não envolve a fixação de determinado signo físico ou ontológico como eternamente essenciais, ou seja, menos dependente de teorias psicologistas, o que nos ajuda a entender melhor a relação entre a memória e o real e quais as conexões que regem essas duas espécies e que portanto revela muito sobre nós, seres pensantes, cognoscentes.

REFÊRENCIAS

HILGERT, Luiza Helena. *Por uma fenomenologia da linguagem. Intuitio*. Porto Alegre, v.10, n. 2, dez 2017, p. 66-85.

HUSSERL, E. (1984). *Logische Untersuchungen*, Tradução de Pedro M.S Alves e Carlos Aurélio Morujão. Zweiter Band, erste Teil Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. Den Hague, Nederland: Martinus Nijhoff. (Trabalho original publicado em 1901).

HUSSERL, Edmund. *La teoria del significato* (trad. Anselmo Caputo). Bompiani, 2008. (HUSSERL, Edmund. *Vorlesungen über Bedeutungslehre*. Sommersemester 1908. Herausgegeben von Ursula Panzer (Husserliana XXVI). Dordrecht/Boston/Lancaster: Martinus Nijhoff Publishers, 1987).

MALADOSSO, Yuri José Victor. EVIDÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO NAS INVESTIGAÇÕES LÓGICAS: O PAPEL DO CONCEITO DE EVIDÊNCIA NA SEMÂNTICA E NA EPISTEMOLOGIA DE HUSSERL. *Intuitio*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 35-52, 1 jul. 2016.

TEIXEIRA FILHO, D. A. *O significado enquanto atributo de intenções nas Logische Untersuchungen de Husserl*. *Phenomenology* 2005, v. 2, n. 2 2007, p. 587-616.

CAPÍTULO 2

LINGUAGEM, ESTEREÓTIPOS E ETIQUETA PROFISSIONAL NA ATUAÇÃO DE SECRETÁRIOS EXECUTIVOS

Data de aceite: 03/04/2023

Louis Guillaume Théodore Bueno Santos Martins

Professor Adjunto do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É doutor em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Débora Iracy Ferreira de Araújo

Graduada em Secretariado Executivo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Rafaela Dávila Souza de Mendonça

Graduada em Secretariado Executivo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir sobre a influência exercida pela etiqueta profissional e pelos estereótipos na atuação de secretários executivos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, em que buscamos compreender como esses elementos estão relacionados ao modo como os secretários se veem e às suas ações no trabalho. Foram utilizados os pressupostos teóricos da Análise de Conteúdo proposta por Bardin

(2011) como principal referência para o desenvolvimento das análises expostas ao longo desta pesquisa, destacando-se também os estudos de Andrade e Vilas Boas (2009), Kalil (2007) e de Pereira (2008) para o embasamento teórico acerca da etiqueta profissional e, os de Diniz (2000) e de Rosa e Gomes (2006) para compreensão do conceito e os tipos de estereótipos. A partir dos dados obtidos, observou-se que a influência exercida pelos estereótipos e pela etiqueta profissional impactam o modo de vida dos secretários executivos nas suas interações pessoais e profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Secretário executivo; estereótipo; etiqueta; Análise de Conteúdo, linguagem.

ABSTRACT: This work aims to discuss the influence of the professional etiquette and stereotypes in the performance of executive secretaries. This is a qualitative, bibliographic research, in which we seek to understand how these elements relate to the way secretaries see themselves and themselves at work. The theoretical assumptions of Content Analysis proposed by Bardin (2011) were used as the main reference for the development of the analyses exposed throughout this research,

also highlighting the studies of Andrade and Vilas Boas (2009), Kalil (2007) and Pereira (2008) for the theoretical basis about professional etiquette and, those of Diniz (2000) and Rosa and Gomes (2006) for understanding the concept and types of stereotypes. From the data obtained, it was observed that the influence exerted by stereotypes and professional etiquette impact the way of life of executive secretaries in their personal and professional interactions.

KEYWORDS: Executive secretary; stereotype; etiquette; Content Analysis; language.

1 | INTRODUÇÃO

Historicamente, os estereótipos estão presentes também na profissão de secretários executivos e são veiculados em nossa sociedade como propósito, por exemplo, de rotular a profissão como sendo exclusivamente feminina, de desvalorizar as atividades desenvolvidas pelos secretários, dentre outros.

Apesar de ser uma profissão que possui sua origem atrelada aos escribas, que era uma atividade exercida por homens, o estigma de ser uma profissão feminina se deu a partir da Segunda Guerra Mundial, quando os homens tiveram que ir para as frentes de batalha e as mulheres tiveram que assumir determinadas tarefas, incluindo a dos escribas. Consequentemente, a profissão que era dominada por homens, mas que por razões diversas, e também pela globalização, passa a ser uma profissão majoritariamente feminina (SABINO; ROCHA, 2004).

A partir disso, a profissão evoluiu e absorveu diversas mudanças no exercício de suas atividades, passando de atividades mais operacionais para atividades mais executivas e estratégicas, e também outro aspecto da mudança ocorreu a partir do ingresso dos homens na profissão. De acordo com Guimarães (2008. p. 37),

“A secretária do novo milênio está se desenvolvendo nos negócios da empresa. O executivo está delegando mais responsabilidades, exigindo mais das secretárias, não se satisfazendo só com seu trabalho operacional.”

Nesse contexto, a profissão continua sendo estereotipada em diversos aspectos muitas vezes relacionados a outro tema a ser discutido nesta pesquisa, a saber: a etiqueta profissional exigida para os profissionais de secretariado. Diversas dessas exigências são estereotipadas e se direcionam, consideravelmente, apenas para as mulheres. As discussões desenvolvidas neste artigo têm como objetivo proporcionar reflexões acerca da importância da etiqueta profissional, de como ela é reivindicada em relação ao secretário e de como isso pode influenciar o exercício de suas atividades profissionais.

Utilizamos os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Conteúdo (AC) para coleta e análise dos dados a fim de aperfeiçoar a compreensão do que é proposto acerca da problemática escolhida. O nosso *corpus* é constituído de quatro artigos sobre a temática etiquetas profissionais e estereótipos que foram veiculadas pelo sítio eletrônico Super Secretária Executiva.

Destarte, a questão norteadora desta pesquisa é a seguinte: Como as etiquetas

profissionais e os estereótipos podem influenciar a profissão do secretário executivo?

No que diz respeito à organização deste trabalho, na primeira parte, abordamos algumas premissas relevantes sobre etiqueta profissional e formação de secretários executivos, bem como sobre estereótipos. Na segunda parte, apresentamos a metodologia adotada para o desenvolvimento de nossa pesquisa e realizamos as análises dos dados coletados. Na terceira parte, desenvolvemos as considerações finais sobre a relação estabelecida entre etiqueta, estereótipo e atuação de secretários executivos.

2 | ETIQUETA PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DO SECRETÁRIO EXECUTIVO

A profissão de secretário executivo possui uma extensa história e sua origem é discutida e interpretada por meio de diversos vieses em nossa área. Com base em pesquisas históricas, muitos autores consideram que os primeiros secretários tenham sido os escribas na Idade Antiga. Nesse contexto, era inicialmente uma atividade exercida por homens, mas com o passar dos tempos e acontecimentos sociais, as mulheres foram sendo introduzidas nessas funções. A respeito disso, Natalense (1998, p. 6), afirma:

A profissão mantém-se eminentemente masculina até o século XX. A situação começa a mudar com as duas guerras mundiais que provocam a entrada da mulher no mercado de trabalho, em áreas além da produção. A partir de então e até os nossos dias, a profissão torna-se eminentemente feminina.

Conforme consta na página eletrônica da Federação Nacional das Secretárias e Secretários (FENASSEC), há diversos relatos a respeito da parte histórica sobre o secretário executivo como, por exemplo, na Idade Moderna, com o ressurgimento do comércio, as empresas necessitavam de secretários e, em virtude de os homens estarem nos campos de guerras, a mão de obra masculina tornou-se escassa, o que favoreceu a atuação de mulheres como secretárias. Além das guerras e acontecimentos históricos, muitos outros fatores causaram a mudança do perfil dos profissionais de secretariado que também adquiriram outros atributos. Andrade e Vilas Boas (2009, p. 92) argumentam que:

Vê-se que hoje o Secretário Executivo desempenha um papel importantíssimo e fundamental nas organizações, atuando como gestor, empreendedor e consultor de processos. Além de ser responsável pela organização como um todo, administrando desde serviços de segurança até atividades de suporte, também organiza o fluxo de informação. Indispensável no mundo corporativo, seja qual for seu porte ou área de atuação, o Secretário Executivo ocupa uma função mais estratégica, executando tarefas que exigem uma influência e grande capacidade de percepção no desempenho de suas funções.

De acordo com a referida página eletrônica, no Brasil o secretariado era tido como um cargo ou função, e só foi reconhecido profissionalmente no dia 30 de setembro de 1985, através da Lei 7.377. Após muitas lutas, os secretários tiveram mais algumas conquistas, duas delas foram à criação da Federação Nacional das Secretárias e Secretários - FENASSEC e o Código de Ética profissional.

O surgimento dessa federação ocorreu em 31 de agosto de 1988, na cidade de Curitiba, Paraná. É uma entidade sindical sem fins lucrativos, que possui representatividade em todo território nacional - foi reconhecida pelo Ministério do Trabalho em 7 de março de 1990 e tem por finalidade o estudo, coordenação, proteção, defesa e orientação geral e legal dos secretários e secretárias. Em relação ao Código de Ética, destaca-se que foi publicado no Diário Oficial da União em 7 de julho de 1989, é um documento que tem por finalidade expor os princípios e valores que os profissionais devem seguir. Como visto anteriormente, o secretário executivo pode atuar como gestor, empreendedor e consultor de processos. Para uma maior contribuição a respeito das competências e habilidades do profissional de secretariado executivo, torna-se fundamental mencionar o Parecer N° CES/CNE 0102/2004, por meio do qual são estabelecidas as competências e habilidades dos profissionais de secretariado:

- I – capacidade de articulação;
- II – visão generalista da organização e das peculiares relações hierárquicas e intersetoriais;
- III – exercício de funções gerenciais;
- IV – utilização do raciocínio lógico, crítico e analítico;
- V – habilidade de lidar com modelos inovadores de gestão;
- VI – domínio dos recursos de expressão e de comunicação;
- VII – receptividade e liderança;
- VIII – adoção de meios alternativos relacionados com a melhoria da qualidade e da produtividade dos serviços;
- IX – gerenciamento de informações;
- X – gestão e assessoria administrativa;
- XI – capacidade de maximização e otimização dos recursos tecnológicos;
- XII – eficaz utilização de técnicas secretariais, segurança, credibilidade e fidelidade no fluxo de informações;
- XIII – iniciativa, criatividade, determinação, vontade de aprender, abertura às mudanças, consciência das implicações e responsabilidades éticas do seu exercício profissional.

A etapa seguinte à graduação é a inserção no mercado de trabalho. A graduação proporciona a base de conhecimentos e técnicas para que o formando tenha consciência de suas atitudes, posturas e a forma de se relacionar dentro do ambiente de trabalho. O secretário precisa saber se portar, ser discreto e agir com elegância. A respeito da imagem e reputação que o secretário deve ter, Matarazzo (2003, p. 75) faz uma colocação importante, quando comenta que no início da carreira, o profissional precisa passar uma boa imagem, para que seu nome e reputação sejam destaque diante os demais colegas; e ainda acrescenta que a imagem diz respeito tanto à forma de vestir-se como de se portar.

É como diz o ditado popular: “a primeira impressão é a que fica”.

A etiqueta, diferente do que muitos pensam, não está relacionada apenas com a aparência e vestimenta, mas também na forma de se relacionar com os outros, trata-se de uma questão de bom senso, de uma forma civilizada para viver em sociedade, respeitando os limites e espaço dos outros. A etiqueta e a ética andam juntas, ambas norteiam a forma de se portar diante da sociedade, sobre o que pode ou não fazer, para que as relações humanas tornem-se mais agradáveis. De acordo com o *site* Código de Ética, a ética vem do grego *ethos* e significa caráter, comportamento; e serve para definir como o ser humano deve se portar diante da sociedade. Kalil (2007, p. 14) diz:

Etiqueta tem tudo a ver com civilidade. A falta de educação, de cortesia, o egoísmo e a excessiva individualidade tornam a vida nas grandes cidades infernal. E a etiqueta surge como uma espécie de ética do cotidiano, capaz de regular as relações entre as pessoas, deixando a vida mais leve.

Mesmo entendendo que a etiqueta vai muito além da vestimenta, é importante refletir sobre a questão da imagem e da maneira de se vestir e se portar em determinadas situações e ambientes. É recorrente a menção em diversas páginas da internet e em livros algumas regras de boas maneiras como, por exemplo, relacionadas ao como se vestir, ou como se comportar em um evento de trabalho, “como se tornar uma secretária de sucesso” etc.

Nesse particular, de acordo com o *site* Guia da Carreira, há algumas regras básicas de etiqueta:

1. Pontualidade – Seja pontual em seus compromissos e cumpra sua agenda;
2. Apresentação Pessoal – Mantenha uma imagem pessoal positiva;
3. Postura – Use a linguagem corporal a seu favor;
4. Tom de voz – Ajuste o tom e o volume da sua voz;
5. Bom senso de humor sem exageros – Evite piadas e brincadeiras;
6. Ao entrar – Obtenha licença e cumprimente a todos;
7. Caixa postal em dia – Responda todos os e-mails possíveis;
8. Respeite o tempo de intervalo – Não coma em sua mesa ou converse com colegas de trabalho enquanto estiverem trabalhando;
9. Conversas de corredor – Fuja das fofocas;
10. Imagem Profissional – Não menospreze a empresa para a qual trabalha falando mal dela.

A vestimenta dentro da empresa está vinculada, de certo modo, a uma questão de bom senso. Pereira (2008, p. 16), a respeito da apresentação pessoal, descreve que existem pessoas que marcam sua existência pela elegância, outras pela total falta dela e do bom senso na hora de vestir-se e portar-se. Em relação à vestimenta, Kalil (2006, p. 15 e 16) *apud* Pereira (2008, p. 17) elencou algumas regras de etiqueta, separando em duas partes, uma referente às mulheres e outra para os homens, são elas:

Para homens:

- a) Na dúvida, prefira ternos escuros;
- b) Pesquise tecidos que melhor se adaptam à sua região estilo pessoal;

- c) A meia é uma extensão da calça;
- d) Evite gravata de bichinhos, de crochê ou frouxa no colarinho;
- e) A barba deve ser feita todos os dias;
- f) Cuidado com a combinação: calçado e calça.

Para mulheres:

- a) Evite decotes e transparências;
- b) Prefira batons e esmaltes claros;
- c) Saias na altura do joelho e taillleur;
- d) Nunca deixe o sutiã visível;
- e) Prefira cores discretas, sem estampas fortes;
- f) Maquiagem deve ser discreta e funcional;
- g) Opte por sapatos fechados;
- h) Cuidado com o pescoço e o colo à amostra;
- i) Cores escuras emagrecem e passam seriedade. Cores claras engordam e passam descontração. Faça um equilíbrio entre ambas.

Mais uma vez é notório o quanto a etiqueta fomenta os estereótipos, e cria padrões como uma forma de ascensão profissional quando o que realmente é importante são as habilidades e competências que o profissional deve possuir. Outro ponto a ser observado é a grande diferença nas regras direcionadas aos homens e as que são direcionadas às mulheres. Além de serem mais extensas e mais detalhadas quando são voltadas para mulheres, os estereótipos também são mais evidentes.

Em virtude da pandemia de COVID-19, muitas atividades desenvolvidas pelos secretários executivos sofreram mudanças, pois foi necessária uma adaptação às ferramentas de execução, como também uma adequação ao formato que o trabalho seria exercido, passando a ser virtual. Todavia, o contato com os colegas de trabalho e gestores continuou sendo constante, e também foram mantidas as regras de comportamento e etiqueta com as devidas adaptações para o virtual.

Algumas dicas de comportamento e de etiqueta nesse ambiente foram publicadas pelo site [Secretariado Sem Segredo](#), para serem seguidas durante lives e reuniões virtuais:

- a) Adaptação e administração do tempo: reuniões virtuais e *lives* vieram para ficar. Adaptações são necessárias. Gerenciar o tempo e criar um ambiente de apoio são fundamentais para auxiliar a todos nessa transição e na nova forma de ser participativo e colaborativo.
- b) Programe-se: compartilhe os tópicos da reunião com antecedência para que todos estejam cientes das informações necessárias para que a reunião seja objetiva e produtiva.
- c) Estabeleça horário: a reunião deve ter horário para começar e para terminar. Lembre-se que a gestão do tempo permitirá aos participantes agendar outros compromissos.
- d) Atenção ao funcionamento dos sistemas: 1) Verifique se a ferramenta de reunião é compatível com seu equipamento; 2) Tenha a internet do seu celular pronta em caso de problemas de conexão; e, 3) Teste o áudio. É fundamental que todos entendam o que está sendo apresentado.

e) Registre sua presença: identifique-se ao moderador da reunião. Ele gerenciará sua presença e apresentação ao grupo. Se você se atrasar, avise a todos com antecedência para que eles não fiquem esperando você iniciar a reunião. Preste atenção a quaisquer anúncios de presença ou ausência das reuniões agendadas.

f) Sua participação é fundamental: esteja presente durante todo o encontro. Evite desviar sua atenção para outros assuntos. Fique sentado e preste muita atenção a quem está moderando a reunião. Se precisar sair da sala por alguns minutos, envie uma mensagem para o moderador e desligue a câmera.

g) Quando não é sua vez de falar, o microfone deve permanecer no mudo. Qualquer ruído indesejado pode desviar a atenção dos outros participantes. Ligue o microfone apenas quando for solicitado. Use o chat ou o recurso “levantar a mão” para solicitar a palavra.

h) Cuidados básicos: 1) Encontre um local tranquilo para sua reunião. Reduza o volume da TV e do som para ajudá-lo a se concentrar. Solicite às outras pessoas presentes que evitem tumulto e evitem conversar com você; 2) Feche a porta para evitar que pessoas ou animais entrem na reunião. Pode não ser prejudicial, mas atrapalhará os outros participantes; 3) Aproveite os fundos virtuais. Esses recursos transformam o ambiente em uma paisagem profissional; 4) Use roupas apropriadas, sem pijamas e camisetas informais demais (Ex.: com frases ou de times). Cuide de sua aparência como se estivesse participando de uma reunião presencialmente; e, 5) Evite comer e beber durante uma reunião. No máximo, um copo de água e uma xícara de café.

A partir da lista citada, é possível observar que mesmo quando as regras de etiqueta se direcionam para o formato virtual, ainda assim, pode-se encontrar termos estereotipados, palavras inapropriadas e regras exageradas. Como, por exemplo, as dicas relacionadas à aparência.

A seguir, apresentamos alguns pressupostos acerca de estereótipos, e discutimos as influências que exercem na profissão de secretários executivos.

2.1 Estereótipos

O termo estereótipo possui origem grega, sendo derivado das palavras: *stereós* (“sólido”) + *týpos* (“molde”, “marca”, “sinal”) (FILHO, 2004, p. 46). Inicialmente o termo se restringia à tipografia e era relacionado a um objeto da editoração.

A palavra estereótipo, originalmente, pertence ao vocabulário da editoração gráfica. Trata-se de uma chapa de chumbo fundido que traz em relevo a reprodução de uma página de composição e permite a tiragem de vários exemplares. A prancha estereotipada representa a fôrma que imprime fielmente o padrão da matriz. (RABAÇA, BARBOSA, 1987, p. 247-248).

Em 1922, a palavra foi introduzida nas Ciências Sociais através do jornalista e analista político Walter Lippmann, com sua obra intitulada *Public Opinion*, responsável por ressignificar a palavra, trazendo um novo conceito ao termo com base em sua origem. Em sua obra, o autor traz um conceito mais aprofundado para o estereótipo, segundo Rosa

e Gomes (2006, p. 10), Lippmann sugere duas acepções em referência ao conceito de estereótipo:

[...] a primeira, com base na psicologia social, sugere que os estereótipos são ferramentas necessárias para a apreensão cognitiva e que nos ajuda a estruturar e interpretar “experiências, eventos e objetos diversificados e complexos”. Servem à “economia de pensamento” e por isso correm o perigo de generalizar características situadas na história, em uma cultura e sociedade específicas. A segunda acepção, com base política, assimila o estereótipo como uma construção simbólica. Este produto simbólico é construído através de uma ideologia e reduz características e valores sócio-culturais em alguns poucos elementos, representados de maneira exagerada, que buscam estruturar a visão de mundo de uma sociedade.

Nesse viés, os estereótipos são definidos como opiniões generalizadas que rotulam pessoas ou coisas e que não partem de uma verdade, mas de uma construção social adquirida ao longo da vida. É através desta rotulação que pode ser percebido o preconceito, que em sua maioria, trazem danos à imagem de alguém ou algo. Segundo Diniz (2000, p. 139), a palavra é utilizada também regularmente no campo psicossocial para retratar um grupo de atitudes, sentimentos, opiniões e reações de uma pessoa, com características de rigidez e homogeneidade. Sendo assim, em termos sociais, uma visão estereotipada refere-se a uma prototípia que atribui a um objeto todas as características que compõem toda a categoria à qual ele pertence. Ainda de acordo com Diniz (2000, p. 139):

O estereótipo também mantém relação estreita com o conceito de estigma, que, originalmente, designa ferimento, cicatriz. Seus derivados “estigmatizar”, “estigmatização”, têm o sentido de censurar, condenar, aviltar o nome, a reputação de alguém. No sentido usual, significa prejudicar, ou fazer um julgamento prematuro de alguém; julgar pela aparência.

No que diz respeito ao secretariado, os estereótipos estão presentes de diversas formas, desde a origem da profissão até os dias atuais. De acordo com Andrade e Vilas Boas (2009, p. 92), mesmo com as transformações e mudanças no perfil profissional do secretário, ganhando novas atribuições e responsabilidades, é possível notar preconceitos que continuam presentes na sociedade como, por exemplo, a secretária como objeto sexual; secretária (o) limitada (o); secretária telefonista; secretária amante do chefe; e sempre relacionando a secretária como alguém que não pensa, apenas executa as atividades.

Outro estereótipo presente na área de Secretarial é referente à figura masculina, sua associação à profissão é rara.

O desafio imposto aos homens para o ingresso em profissões ocupadas hegemonicamente por mulheres, como a de Secretariado, é a própria cultura construída para o ofício, não mantendo relação com o grau de competência para as atividades do universo secretarial (SABINO; MONTEIRO; SOUZA, 2014, p. 3).

Segundo argumenta Andrade e Vilas Boas (2009, p. 96) a mulher secretária, passa a trabalhar no escritório para “cuidar” deste como cuidava de sua própria casa: fazendo

café, comprando flores para enfeitar as mesas, “ajeitando” a gravata do chefe etc. Nesse contexto, torna-se evidente o estereótipo criado a partir de pré-conceitos e julgamentos formados em diversas esferas da sociedade.

A aparência física é fundamental para a criação dos estereótipos, pois diferencia e nivela de forma prática os membros de um determinado grupo social (ZEBROWITZ, 1996 *apud* PAIM; PEREIRA, 2010). Quando se ouve a palavra secretária, por uma questão já formulada na mente da sociedade, têm-se a ideia de uma mulher muito bonita, jovem, com vestimentas formais, raramente se associa a uma senhora, com cabelos grisalhos, uma mulher acima do peso, a figura masculina ou associa a imagem a uma pessoa negra. Estes preconceitos influenciam de forma direta na profissão do (a) secretário (a), inclusive, na hora de uma admissão. É comum em anúncios de emprego haver a descrição de características para uma vaga, não sendo frequente a exigência da graduação como um pré-requisito. Além desses estereótipos, é latente a desvalorização do bacharel em secretariado executivo.

A Federação Nacional das Secretárias e Secretários (FENASSEC) se empenha para que as medidas cabíveis para retratação sejam aplicadas em casos de publicação de matérias discriminatórias referentes ao profissional de secretariado como, por exemplo:

I- Revista Playboy publicada em junho 2006 - Capa com Secretária da Belíssima

- a FENASSEC tomou conhecimento que a nova capa da revista Playboy seria a secretária da novela “Belíssima”, interpretada por Angelita Feijó. A Federação Nacional das Secretárias e Secretários enviou um *e-mail* para a revista Playboy esclarecendo-os a respeito da profissão de secretariado e alertando que não seria admitido que a campanha fizesse menção à classe profissional das secretárias (os). No *e-mail* a FENASSEC reiterou a luta enfrentada pelas secretárias e secretários a respeito dos estereótipos criados e que fotos nuas só reforçam a discriminação já existente.

II- E-mail enviado a Radio Jornal (PE) sobre a pesquisa ida ao ar no dia 01/10 -

“As Secretárias ainda têm um caso com os seus Chefes” - o *e-mail* foi enviado para demonstrar a decepção por um veículo de comunicação permitir a exposição de uma pesquisa discriminatória que ofende e menospreza uma classe profissional. Outro ponto abordado foi uma explicação a respeito da profissão e sua importância.

III- Anúncio Locaweb, Revista Cliente S.A., edição de maio/08, página 35 - a

FENASSEC enviou *e-mail* à empresa Locaweb repudiando a propaganda com título “a secretária que não dominava o decote nem a internet”. A propaganda faz menção à profissão de secretária, menosprezando seu intelecto e como de costume, fazendo da mulher objeto sexual. Esse tipo de publicidade tem um pensamento completamente antiquado, tendo em vista as grandes mudanças ocorridas nessa classe profissional, sem contar no assédio sexual explícito em seu conteúdo.

Na seção seguinte, apresentamos a metodologia de pesquisa adotada e os procedimentos de coleta e análise do nosso *corpus*.

3 | METODOLOGIA DE PESQUISA

Para o desenvolvimento deste estudo, adotamos uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, para que pudéssemos compreender as possíveis influências de etiquetas profissionais e dos estereótipos na atuação de secretários executivos. De acordo com Neves (1996, p. 2), a pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados.

Em seguida, realizamos uma pesquisa bibliográfica, consultando artigos, livros, publicações em revistas e também em *sites*. Através das informações extraídas, foi possível esboçarmos algumas reflexões relevantes sobre preconceitos, estigmas, como a sociedade considera o profissional de secretariado e como o mesmo estabelece o seu espaço de atuação junto ao mercado profissional, bem como as novas exigências que assumem. Ademais, intentamos compreender como a etiqueta profissional está presente e repercute na rotina desses profissionais.

De acordo com Macedo (1994, p. 13) a pesquisa bibliográfica é a busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa (livros, verbetes de enciclopédia, artigos de revistas, trabalhos de congressos, teses etc).

O corpus deste estudo é formado por artigos publicados no site “Super Secretária Executiva”, e abordam temas relacionados a etiquetas profissionais para secretários executivos.

A seguir, são apresentados os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Conteúdo.

4 | ANÁLISE DE CONTEÚDO

Muitas técnicas podem ser utilizadas por pesquisadores para o desenvolvimento de análises nos estudos de diversas áreas do conhecimento, sendo a Análise de Conteúdo uma das mais utilizadas, principalmente quando se trata de pesquisa qualitativa.

A análise de conteúdo pode ser definida de diversas formas por diferentes autores. Para Bardin (2011), a Análise de Conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos gradativamente sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos bastante diversificados. De acordo com Berelson (1952, p. 18), conforme citado por Bardin (2011, p. 24), “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.

A Análise de Conteúdo tem como objetivo esclarecer, evidenciar e aperfeiçoar a compreensão das palavras e o sentido do que está sendo dito, deixando de lado as incertezas que o texto pode gerar. Bardin (2011) afirma que a Análise de Conteúdo procura

entender o que está por trás das palavras. De modo semelhante, Chizzotti (2006, p. 98) argumenta que “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

Em relação à utilização da técnica da Análise de Conteúdo, é importante levar em consideração o tipo de conteúdo que está sendo analisado, conforme ressalta Chizzotti (2006, p. 98):

A descodificação de um documento pode utilizar-se de diferentes procedimentos para alcançar o significado profundo das comunicações nele cifradas. A escolha do procedimento mais adequado depende do material a ser analisado, dos objetivos da pesquisa e da posição ideológica e social do analisador.

Essa técnica é considerada um procedimento clássico quando se fala em análise de material textual, sem que a origem desse material importe (BAUER, 2000 *apud* FLICK, 2009).

Sobre a aplicação da Análise de Conteúdo é importante entender de que forma os dados para a pesquisa podem surgir e de que maneira podem ser analisados. Para embasar a pesquisa, as informações podem surgir de variadas formas como, por exemplo, através de documentos, entrevistas e até do que é comunicado. Todos os dados que são obtidos precisam estar de acordo com o estudo a ser realizado, não pode ser algo sem sentido, precisam estar organizados e dentro de um contexto pré-definido, sendo este um dos princípios da análise de conteúdo, a organização e classificação dos dados coletados.

Bardin (2011) aborda, em seu livro intitulado Análise de Conteúdo, de forma didática e prática as fases dessa técnica. Ela define três fases principais, são elas: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. No que diz respeito à pré-análise, a autora destaca que esta é a fase de organização dos dados coletados, em que será verificado o que pode ou não ser aproveitado, tendo por critério o que será relevante ou não para a pesquisa. Bardin (2011, p. 124) afirma que:

Geralmente, esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final.

A exploração do material é a fase seguinte da pré-análise, relaciona-se à ação, colocando em prática os conteúdos que foram considerados válidos para a pesquisa. É a fase da codificação, decomposição ou enumeração, de acordo com regras estabelecidas, como mencionado por Bardin (2011). A codificação é a parte do texto a ser analisado, expondo o porquê determinada parte será analisada, qual a importância e em que contexto está inserida. Bardin (2011, p. 133) afirma que:

Tratar o material é codificá-lo. A codificação corresponde a uma transformação - efetuada segundo regras precisas - dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão.

Bardin (2011) menciona que é preciso diferenciar a unidade de registro e a enumeração, a primeira é sobre o texto (o que será contado), e a segunda, a forma como ocorrerá a contagem. Após esta fase de enumeração, temos a fase de categorização, onde divide-se a parte escolhida para análise em categorias, o que facilita o desenvolvimento da análise.

Na categorização, Bardin (2011) afirma que há cinco critérios a seguir, são eles: semântico, sintático, léxico e expressivo. Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum uns com os outros. Segundo afirma Bardin (2011, p. 148): “o que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles”. O tratamento dos resultados obtidos e a interpretação são fases em que todas as informações da pesquisa são utilizadas para responder à problemática. Nessa fase, os dados são tratados e ganham significado, é possível também unir todas as informações em gráficos ou outros métodos que facilitem visualizar os resultados obtidos, como afirma Bardin (2011).

Em relação a inferência, Bardin (2011, p. 45, nota n. 7), traz o significado do Petit Robert, Dictionnaire de la langue Française, (S.N.L., 1972), como sendo “operação lógica pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras”. A inferência serve para interpretar os resultados que foram obtidos. Após o entendimento sobre os métodos para realizar a análise de conteúdo e as técnicas necessárias para a realização de uma pesquisa, identificamos um blog intitulado “Super Secretária Executiva” que retrata diversas situações que secretários e secretárias enfrentam em seus cotidianos profissionais. Por conseguinte, selecionamos alguns artigos para darmos prosseguimento às análises.

Segundo Bardin (2011, p.147) a divisão das componentes da mensagem analisadas em rubricas ou categorias não é uma etapa obrigatória, no entanto as maiorias dos procedimentos organizam-se ao redor da categorização. Portanto, fizemos a operação de classificação dos elementos constitutivos do texto. Essa categorização é um processo que contorna a estrutura em duas etapas: o inventário (isolamento dos elementos) e a classificação (agrupar os elementos semelhantes).

Para esta análise, na primeira etapa, foi feita uma leitura dos textos, identificando as categorias. Na segunda etapa, foram criados quadros para demonstrar o desenvolvimento do processo. Para identificar a categoria, foram definidas unidades de registro e unidades de contexto. As unidades de registro são as palavras que contribuem para a criação das categorias e as unidades de contexto são os parágrafos que trazem compreensão sobre as palavras da unidade de registro.

A seguir, apresentamos as categorias identificadas nos artigos analisados, a saber: secretárias, estereótipos, etiquetas, elegância.

4.1 Resultados da Análise de Conteúdo

No quadro abaixo, é possível observar a quantidade e os títulos dos artigos que utilizamos na Análise de Conteúdo. Esta etapa é o ponto de partida para o desenvolvimento da análise, mediante seleção dos artigos que tratavam sobre temática escolhida.

Artigo 1	Qual o limite profissional da Secretária Executiva?
Artigo 2	No dia da Secretária...
Artigo 3	Look clássico
Artigo 4	Lições de etiqueta profissional – parte I

Quadro 1 - Artigos analisados do Site Super Secretária Executiva

Fonte: elaborado pelos autores

Em seguida temos o quadro 2, onde pode-se encontrar as unidades de registro e suas respectivas frequências de uso ao longo dos textos que foram retirados dos artigos analisados.

A partir da identificação das unidades de registro, os estereótipos podem ser facilmente identificados.

Artigo 1	Secretária 13x Estereótipo 1x
Artigo 2	Secretária 2x Elegante 1x
Artigo 3	Secretária 5x Elegante 3x Clássico 6x
Artigo 4	Secretária 6x Etiqueta profissional 7x Elegante 3x

Quadro 2 - Unidades de registro: palavras

Fonte: elaborado pelos autores

No quadro a seguir encontra-se a etapa em que foram definidas as unidades de contexto, que consiste na retirada de parágrafos dos artigos analisados para que seja possível a compreensão do contexto dos textos que serviram de base para a Análise de Conteúdo.

Com isso, a análise chega no seu ponto de aprofundamento, onde não somente será possível identificar os estereótipos e o tipo de etiqueta profissional que são relacionados ao profissional de secretariado executivo, como também será possível observar como esses temas são colocados nos textos.

Artigo 1	Do clássico <u>estereótipo</u> , marca registrada das secretárias durante muitos anos, restaram apenas raras e abomináveis piadas sem graça. O mundo moderno se rendeu, finalmente, ao poder dos profissionais da área de Secretariado Executivo, que se tornam funcionários cada vez mais importantes para as empresas de todos os setores.
Artigo 2	A sua empresa exige que você se vista de forma clássica, mas tem dúvidas de como compor um visual <u>elegante</u> , sem parecer extravagante ou séria demais? Maquiagem e cabelos também são essenciais para o visual, mas nada de exageros.
Artigo 3	Esse é um tema bem debatido por nós secretárias, o famoso look para o trabalho. As secretárias normalmente precisam estar mais sóbrias no ambiente de trabalho, com produções <u>clássicas e elegantes</u> .
Artigo 4	<u>Etiqueta</u> é isso, serve para que todos vivam de uma forma civilizada. Não é apenas porque é chique ou está na moda, e sim, um conjunto de princípios que faz com que cada um respeite o espaço do outro.

Quadro 3 - Unidades de contexto: parágrafos

Fonte: elaborado pelos autores

Por fim, o quadro 4 apresenta a etapa da categorização. Etapa essa que, com base nas anteriores e nos artigos analisados, é possível dividir em determinadas categorias os assuntos debatidos nos textos. Conforme tudo que foi analisado anteriormente, os estereótipos e as regras de etiqueta atribuídas aos profissionais são apresentados no quadro abaixo em categorias estabelecidas a partir das etapas anteriores. Nas categorias encontram-se os diversos tipos de estereótipos, etiqueta e os papéis atribuídos às secretárias que foram identificados nos artigos analisados.

Secretárias em papel decorativo	Etiqueta do silêncio	Estereótipo não-criativa	Secretarias antigas	Pequenas Empresas
Secretárias em papel de múltiplas funções	Etiqueta resignação	Estereótipo multifuncional	Secretarias antigas e modernas	Pequenas Empresas
Secretárias em papel de secretárias	Etiqueta elegância	Estereótipo executiva	Secretárias modernas	Grandes Empresas

Quadro 4- Categorias

Fonte: elaborado pelos autores

Segundo as análises expostas anteriormente, observa-se que a etiqueta profissional das secretárias antecessoras e das executivas contemporâneas tem uma base histórica que se pauta em princípios arraigados da educação e da elegância como, por exemplo, os

que dizem respeito ao próprio modo de se vestir e às relações com as pessoas do trabalho.

Mister ressaltar que, apesar de não ter sido o foco de nossa pesquisa, as imagens e fotografias de mulheres que constam da página eletrônica não contemplam a diversidade étnico-racial brasileira, tampouco a multiplicidade de corpos, uma vez que o *site* apresenta somente mulheres brancas e magras, posando com as roupas ideais para secretárias. Um dos pontos fortes que podemos destacar, a partir das análises que foram desenvolvidas neste artigo, são as mudanças no perfil profissional dos secretários. Esses profissionais assumem responsabilidades importantes no âmbito da administração, no desenvolvimento da organização, na economia e contabilidade, ou seja, elas detêm informações que vão muito além do domínio de algum idioma, gerenciar uma agenda, ou domínio de informática. Apesar de as tarefas terem sido modificadas, os estereótipos a respeito da profissão de secretários continuam vigorosamente presentes.

Esses estereótipos envolvem a mulher idealizada num tipo de aparência perfeita de profissional que se apresenta de modo impecável no ambiente de trabalho. Espera-se que elas sejam bem vestidas, bem maquiadas, bem resolvidas, elegantes e com um excelente comportamento. O *status* do corpo e da apresentação são tão importantes quanto as capacidades intelectuais para conquistar e manter um emprego. Ademais, esse ideal contemporâneo estereotipado impõe o padrão mulher branca e magra. Em se tratando da etiqueta profissional, observamos que as publicações do *site* “Super Secretária Executiva” reforçam, de certo modo, a postura e a função das secretárias como submissas às regras e às etiquetas no mundo em que trabalham. Essas características evocam visões sociais e culturais que norteiam as regras de etiqueta que são muitas vezes ultrapassadas e estereotipadas.

Em suma, nossas análises demonstraram como há uma significativa presença de estereótipos na profissão de secretariado executivo sob diversas formas e em múltiplas áreas de atuação desses indivíduos, assim como observamos que a etiqueta profissional pode ser um dos fatores que influenciam bastante as atividades dessa profissão.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar como as etiquetas profissionais e os estereótipos influenciam na profissão de secretariado executivo, tomando como base a história da profissão, suas lutas, conquistas e o novo perfil formado a partir das transformações sociais e trabalhistas que ocorreram.

O secretário executivo é um profissional multitarefas e fica evidente o quanto possui capacidade técnica e teórica para ocupar cargos de importância em diversas organizações. É importante também percebermos que há uma cobrança excessiva e estereotipada quando se trata da imagem, postura e comportamento destes profissionais. Por meio dos estudos da história do desenvolvimento da profissão do secretário foi possível identificar

como surgem os estereótipos que mesmo com o passar do tempo permanecem fortes e intensos. Apesar de estarmos em um mundo globalizado, tais conceitos ainda permeiam e desqualificam a classe profissional dos secretários.

A pesquisa abrangeu estudos que trazem o tema dos estereótipos e da etiqueta profissional, o que nos faz refletir o quanto é um assunto importante para a sociedade e que está atrelado à cultura, pois cada país ou grupo social há uma situação diferente a ser analisada, por isso, é passível de mais estudos e para que essas barreiras ainda que antigas, mas que se arrastam para a contemporaneidade sejam eliminadas. A partir da análise de conteúdo das publicações do *site* “Super Secretária Executiva”, pudemos tecer considerações, extremamente relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa, sobre as relações estabelecidas entre etiquetas profissionais e estereótipos e como esses influenciam o modo com os indivíduos interagem e se veem em suas interações pessoais e profissionais em diversas esferas sociais.

Por fim, desejamos que os tópicos não abordados neste trabalho sejam o cerne de pesquisas futuras, e que envolvam outras áreas do conhecimento, permitindo assim que diversos olhares favoreçam mudanças significativas nas situações enfrentadas cotidianamente pelos profissionais de secretariado executivo.

REFERÊNCIAS

10 ÓTIMAS DICAS DE ETIQUETA PROFISSIONAL. **Guia da Carreira**. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.guiadacarreira.com.br/carreira/10-otimas-dicas-de-etiqueta-profissional/>> Acesso em: 5 jan. 2023.

ANDRADE, Elaine Cristina de; VILAS BOAS, Mara Cristina. Qual a themata do Secretário Executivo explorada pelo cinema à luz das Representações Sociais. **Revista Intersaberes**, Curitiba, ano 4, n. 7, p. 89-107, 2009. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/26444621-Qual-a-themata-do-secretario-executivo-explorada-pelo-cinema-a-luz-das-representacoes-sociais.html>>. Acesso em: 17 fev. 2023.

APRESENTAÇÃO. **FENASSEC**, [s.d.]. Disponível em: <https://fenassec.com.br/site/a_fenassec_apresentacao.html>. Acesso em: 5 fev. 2023.

A ORIGEM DA PROFISSÃO DE SECRETÁRIA. **FENASSEC**, [s.d.]. Disponível em: <https://fenassec.com.br/site/b_osecretariado_historico.html>. Acesso em: 06 mar. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Parecer CES/CNE 0102/2004**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br>>. Acesso em: 4 jan. 2023.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. (2a ed.). São Paulo: Cortez, 2006.

DE MACEDO, Neusa Dias. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. Edições Loyola, 1994.

DINIZ, Maria. Estereótipo na mídia: doxa ou ruptura. **3º Jornada multidisciplinar O Futuro: continuidade/ruptura**, p. 137-145, 2000.

FILHO, J. F. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2009. DOI: 10.29146/eco-pos.v7i2.1120. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1120> Acesso em: 1 mar. 2023.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. (3a ed., J. E. Costa, Trad.). São Paulo: Artmed, 2009.

GUENKA, Andréa. Dicas de comportamento e etiquetas em lives e reuniões virtuais. **Secretariado Sem Segredo**, 2021. Disponível em: <<https://secretariadosemsegredo.com.br/etiquetas-em-lives-e-reunioes-virtuais/>>. Acesso em: 5 jan. 2023.

GUIMARÃES, Marcio Eustáquio, **O Livro Azul da Secretária Moderna**. 24. ed. São Paul. Érica, 2008.

KALIL, Gloria. **Alô, chics!**. Ediouro, 2007.

LIÇÕES DE ETIQUETA PROFISSIONAL. **Super Secretária Executiva**, 2011. Disponível em: <<http://www.supersecretariaexecutiva.com.br/moda-posts/etiqueta-posts/licoes-de-etiqueta-profissional-%e2%80%93parte-i>> Acesso em: 5 jan. 2023.

LOOK CLÁSSICO. **Super Secretária Executiva**, 2016. Disponível em: <<http://www.supersecretariaexecutiva.com.br/moda-posts/etiqueta-posts/look-classico>> Acesso em: 10 fev. 2023.

MATARAZZO, Claudia. **Negócios, Negócios, Etiqueta faz Parte**. SP, Ed. Novatec, 2003.

NATALENSE, Maria Liana Castro. **A secretária do futuro**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração, São Paulo**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

NO DIA DA SECRETÁRIA. **Super Secretária Executiva**, 2011. Disponível em:<<http://www.supersecretariaexecutiva.com.br/secretariado/1114>> Acesso em 9 jan. 2023.

O QUE É ÉTICA?. **Código de Ética**. [s.d.]. Disponível em: <<https://codigo-de-etica.info/o-que-e-etica.html>> Acesso em: 02 mar. 2023.

PAIM, Altair dos Santos; PEREIRA, Marcos Emanuel. Estereótipos, boa aparência e a secretária executiva. **Secretariado Executivo em Revist**, v. 6, p. 29-40, 2012.

PEDROSO, Michele Tesser. **Qual o limite profissional da Secretária Executiva?** Super Secretária Executiva, 2010. Disponível em: <<http://www.supersecretariaexecutiva.com.br/secretariado/qual-o-limite-profissional-da-secretaria-executiva>> Acesso em 5 jan. 2023.

PEREIRA, Andréia Freitas. Etiqueta profissional. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Contábeis) - **Universidade Federal de Rondônia**, Cacoal, 2008.

PROFISSÃO SECRETARIADO. **FENASSEC**, [s.d.]. Disponível em: <https://fenassec.com.br/site/b_osecretariado_profissao_secretariado.html>. Acesso em: 5 jan. 2023.

RABAÇA, C. A. & BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

RESPEITO À IMAGEM. **FENASSEC**, [s.d.]. Disponível em: <https://fenassec.com.br/site/b_fenassec_respeito_imagem.html>. Acesso em: 5 fev. 2023.

ROSA, Luiza Maria Almeida; GOMES, Márcia. Telenovelas e imaginário social: estereótipos e simbologia na imagem de brasileiro representado. **INTERCOM**, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1196-1.pdf>> Acesso em: 1 mar. 2023.

SABINO, R. F.; MONTEIRO, O.; SOUZA, E. C. P. Homens em profissões de predominância feminina: o caso do Secretariado. In: VI Semana Acadêmica de Secretariado Executivo Trilíngue da Universidade Federal de Viçosa. **Resumos...** Viçosa: Curso de Secretariado Executivo Trilíngue, 2014, p. 1-4.

SABINO, R. F.; ROCHA, F. G. **Secretariado: do escriba ao web writer**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

METÁFORAS DE JORNADA NO DISCURSO POLÍTICO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DE VÍDEOS PUBLICITÁRIOS DO TSE

Data de aceite: 03/04/2023

Jacimara Ribeiro Merizio Cardozo

Sérgio Arruda de Moura

RESUMO: Este artigo investiga a conceptualização da democracia, materializada pela urna eletrônica, em termos de caminho e estrada a partir da trilogia de propagandas divulgadas pelo ministro Luís Roberto Barroso, do TSE em resposta à PEC do voto impresso. O recorte de estudos está no mote “A urna eletrônica é o caminho” “A democracia é a estrada” e a fundamentação teórica para análise estrutura-se a partir de Lakoff e Johnson (2002), pelas metáforas conceptuais de jornada, de Charteris-Black (2004, 2005) a partir da análise crítica da metáfora e de Bakhtin (2011, 2016) a partir da análise do discurso bem como da essência do dialogismo e da responsividade dos enunciados. Como resultado específico da análise, identificou-se um mapeamento de oposições simbólicas e discursivas: a urna eletrônica como avanço e instrumento para o alvo/destino democracia em detrimento ao voto impresso como retrocesso e obstáculo

no caminho da democracia. Como resultado geral, observou-se a teia de enunciados que circulam e manifestam os discursos sociais em textos midiáticos diversos, em especial, a produtividade da metáfora do caminho no documentário do TRE-RO (2016) que também concebeu a democracia enquanto caminho/jornada como recurso argumentativo para sustentar a história da seguridade da urna eletrônica e combater o atraso no caminho, que é o voto impresso.

PALAVRAS-CHAVE: Metáforas de jornada; propagandas do TSE, conceptualização da democracia

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo investigar o mote “A urna eletrônica é o caminho” “A democracia é a estrada” dos 3 vídeos publicitários do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), à luz das metáforas conceptuais de jornada/viagem pela Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2002) e pela análise crítica da metáfora de Charteris-Black bem como a

1 Vídeos disponíveis em> https://www.youtube.com/watch?v=wjlaO_ZnGm0
Apresentação dos 3 vídeos produzidos pelo publicitário Nizan Guanaes.

partir da análise do discurso de Bakhtin e o dialogismo dos discursos.

Nossa hipótese é que o mote, criado por duas frases, pela conjuntura dos 3 vídeos, foi escolhido como estratégia persuasiva de combate às vozes que refutam a história construída, e defendida pelo TSE, sobre a segurança da urna eletrônica no Brasil a partir da PEC do voto impresso.

Com base na metáfora de jornada inaugurada por Lakoff e Johnson (2002), defendemos que as metáforas “A DEMOCRACIA É A ESTRADA” e “A URNA ELETRÔNICA É O CAMINHO” são metáforas criativas, novas, produzidas on-line, para aquela situação, porém elas só ganham efeito a partir da teia de expressões linguísticas já empregadas nos discurso midiáticos e políticos acerca da democracia, pois, como pretendemos apresentar pelo corpus em análise, o processo democrático tem sido convencionalmente compreendido por meio de um caminho. Para isso, apresentaremos recorrências de metáforas conceituais em textos diversos divulgados na mídia que empregam evidências linguísticas da arquetípica DEMOCRACIA É CAMINHO/ESTRADA para o desenvolvimento das propagandas em análise.

Para compreender a importância das recorrências de evidências linguísticas dessa arquetípica, à luz da análise do discurso, recorreremos aos conceitos de texto, enunciado e discurso de Mikail Bakhtin por meio do dialogismo dos enunciados. Pela pesquisa investigativa acerca da urna eletrônica e do voto impresso foi possível relacionar e inserir tais símbolos discursivos a movimentos de avanço e retrocesso no caminho da democracia.

METÁFORAS CONCEITUAIS E METÁFORAS DE JORNADA

Lakoff e Johnson (2002) iniciam a investigação acerca das metáforas conceituais, em especial a metáfora da viagem, a partir da metáfora “O AMOR É UMA VIAGEM”. A partir dela, são possíveis expressões linguísticas como: “a que ponto chegamos”, “teremos que seguir caminhos separados”, “esta relação é um beco sem saída” “acho que essa relação não vai dar em lugar nenhum”. (2002, p. 104). A partir dessa metáfora também é possível perceber evidências da metáfora A VIDA É UMA VIAGEM/JORNADA.

Estudar a metáfora conceptual requer também observar os esquemas que estruturam nosso pensamento. Os esquemas de imagem são os padrões estruturais que vamos construindo ao longo de nossas experiências que nos auxiliam a pensar e a construir conceitos complexos. Aqui destacamos o esquema do PERCURSO². Ele é composto por três elementos: ORIGEM, TRAJETO E META (SOURCE-PATH-GOAL, em inglês). Abreu (2010, p. 31) apresenta as derivações do esquema de percurso e sua teia de outros esquemas.

Quando em percurso, podemos nos encontrar com alguém ou com algo. Temos então o esquema do CONTATO (CONTACT). Podemos enfrentar obstáculos como uma porta fechada, o que configura o esquema de

² Os esquemas de imagem são apresentados graficamente com letras maiúsculas.

BLOQUEIO (BLOCKAGE). Podemos aplicar a força do nosso braço e abrir a porta. Temos, então, o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS (FORCE-DYNAMICS), por meio do qual exercemos controle sobre o obstáculo.

Segundo Charteis Black (2005), trata-se de um esquema muito produtivo empregado como recurso persuasivo no discurso político. Para o autor, “políticos não são poetas e, portanto, sua linguagem é caracterizada por metáforas convencionais, como “o caminho da justiça “ou” o caminho para a vitória “ (p.33). Em específico o autor fala do esquema de viagem que também dá suporte para a metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM/ JORNADA, estrutura de pensamento de uma partida, origem, um trajeto e uma meta. Assim ele afirma:

O esquema de viagem é retoricamente atraente para políticos e líderes porque pode ser transformado em um cenário completo quando eles se apresentam como “guias”, suas políticas como “mapas” e seus apoiadores como ‘companheiros de viagem’. Todas essas implicações da fonte domínio contribuem para a confiança que procuram estabelecer.. (CHARTERIS-BLACK, 2005, p.47)

Para o autor, a metáfora jamais funcionará isoladamente de outras estratégias retóricas, por isso a importância de entender os esquemas de imagem bem como o nicho metafórico. Isso porque “a metáfora torna-se mais persuasiva quando é usada em combinação com outras estratégias” (CHARTERIS- BLACK, 2005, p.50)

O autor analisa o discurso de Tony Blair no Partido Trabalhista Conferência em 2003 e destaca trechos como “Lembro-me de quando nossa jornada para o governo começou” ou ainda “Eu só posso ir por um caminho.” [...] “ Eu não tenho uma marcha à ré.” (2005, p. 45) Assim, tais construções retóricas estruturam o pensamento de “para frente” e “para trás”. Diante da intencionalidade discursiva, o “andar para frente” é visto de forma positiva. “Esta auto-representação positiva é combinada com a autoconfiança que vem do uso de formas imperativas (“livrar-se de”, “substituir”, “confiar”). É reforçado por um provérbio hipérbole - a imagem de um carro sem marcha à ré.” (CHARTERIS- BLACK, 2005, p.49) Assim o autor sugere que a metáfora VIDA É UMA JORNADA é uma fonte de realização para a metáfora específica POLÍTICA É UMA JORNADA. Ele identifica uma “gama de metáforas” originárias do domínio JORNADA, muito familiar e baseado em nossa experiência corporal, para um “alvo abstrato complexo (POLITICS)” (p. 47)

O movimento para frente como símbolo de sucesso também é estudado por Goatly (2007) e pode ser relacionado ao esquema de imagem de PERCURSO. Pelo domínio fonte JORNADA ou CAMINHO é possível associar ao movimentar nesse percurso e se descolar de uma origem para um alvo, uma meta. A partir da metáfora ATIVIDADE É MOVIMENTO PARA FRENTE, outras derivações metafóricas podem ser desenvolvidas, tais como DESENVOLVIMENTO/SUCESSO ESTÁ AVANÇANDO. Para o autor, este esquema é frequentemente referido na literatura da linguística cognitiva como o Metáfora da estrutura do evento. Assim, “mover-se significa “acontecer”[...] ‘começar a trabalhar’ é mover-se

para que as coisas estejam em movimento ‘acontecendo ou tomando lugar’ [...] atividade / processo é visto como indo para a frente como em ir ‘função’. (GOATLY, 2007, p. 51)

Semino (2008) também apresenta resultados semelhantes à ideia de movimento para frente como avaliação positiva e produtiva no discurso político. Ao analisar algumas falas do primeiro ministro Tony Blair, e sua liderança no G8, também apresenta o alcance da sua política em termos de movimento, quanto à situação das mudanças climáticas, o político afirma com evidências linguística como “caminho para um novo diálogo” ou ainda “Política é fazer as coisas passo a passo, isso é progresso e devemos nos orgulhar disso” (Blair apud Semino, 2008, p. 2) .

As expressões como ‘caminho para’ e ‘fazer as coisas passo a passo’ constroem positivamente o que foi alcançado em termos de movimento para frente (passo a passo) ou em termos de entidades que tornam o movimento possível (caminho). No entanto, essas expressões também sugerem que o que foi feito é parte de um processo mais longo e não resultado final desejado. (SEMINO, 2008, p. 2)

Nesse caso em específico, há um foco no processo, no fazer adequado para trilhar o caminho passo a passo, e não no resultado. Para uma barganha política de autopromoção, talvez isso possa sugerir um apagamento dos resultados, retirando a responsabilidade do político, trazendo às luz apenas a exaltação do fazer político, de suas ações. Semino conclui que os oradores cujas falas ela analisou, quanto ao combate à pobreza pelo G8, apresentam habilidades e experiências no uso da metáfora, nos casos analisados, esse uso tem o objetivo de transmitir o ponto de vista de cada orador de “forma sucinta, vívida e eficaz” além de fornecer à mídia “material facilmente citável”. (p. 4) A autora também defende que o uso das metáforas nos casos analisados foi feito de forma consciente e deliberada por cada orador visando a eficácia dos pontos de vista apresentados pelas metáforas.

METÁFORAS CONVENCIONAIS E AS METÁFORAS NOVAS

Para se estudar a metáfora conceptual no contexto da pragmática é importante pontuar o os tipos de metáforas que são estruturadas quanto ao contínuo mais convencional, cristalizado na língua e que não demanda tanto esforço cognitivo do leitor/interprete, para o menos convencional, que demanda mais estratégias de interpretação. Para isso, primeiramente, Charteris-Black (2004) apresenta o que seria a diferença entre a metáfora conceptual e a chave conceitual. Nessa distinção, a metáfora conceitual é “uma declaração formal de qualquer ideia que está escondida em uma figura de linguagem (por exemplo, metáfora ou metonímia) que pode ser inferida de uma série de expressões metafóricas e ajuda a resolver sua tensão semântica”.(2004, p. 15) Já uma chave conceitual “é inferida a partir de uma série de metáforas conceituais e é, portanto, uma metáfora de nível superior que explica como vários metáforas conceituais estão relacionadas.” (2004, p.16) O autor

explica que as metáforas linguísticas criam uma tensão entre o contexto original do veículo e o novo contexto do tópico, porém as chaves conceituais e as metáforas conceituais resolvem essa tensão criada pela metáfora linguística.

Assim, o autor conceitua o que seria a metáfora convencional. “Metáforas convencionais são frases que existem em algum ponto entre usos literais e metafóricos – eles refletem um processo diacrônico pelo qual uso que era originalmente ‘metafórico’ e torna-se ‘literal’ dentro de uma língua”.(2004, p. 17) A metáfora convencional possibilita aumentar a expressividade de uma mensagem a partir de meios mais econômicos, como defende o autor, pois são metáforas mortas, que já viraram “fósseis” na língua. Trata-se de uma construção cuja leitura já está estabelecida socialmente. Isso significa que a metáfora convencional “restringe outras leituras e requer menos processamento cognitivo” (CHARTERIS-BLACK, 2004, p.17 *apud* Deignan 1999: 34). Por isso que as metáforas bem-sucedidas na língua se cristalizam nas metáforas convencionais. Assim, o falante se vê diante da escolha entre criar as próprias metáforas ou recorrer às já construídas por sua comunidade de falantes. É por isso que o foco de Charteris-Black (2004) foi nas análises das metáforas convencionais. Para ele, as metáforas novas são, geralmente, comparações estruturadas de forma muito complexa, muito sofisticada e, por não ser convencional, são muito pessoais e, assim “a figura provavelmente não atingirá seu objetivo”. Outrossim, o autor recorre a Lakoff e Johnson (1980) para justificar seu interesse pelas metáforas convencionais, já que os pais da metáfora conceptual possuem o foco não nas metáforas emblemáticas poéticas, novas e vivas na língua, mas sim nas construções cotidianas dos falantes, mortas já estabelecidas por convenção.

Para Goatly (2007), os estudos tradicionais da metáfora apresentam a metáfora convencional como morta, que se tornou clichê e constitui parte do léxico da língua. O autor posiciona-se do lado oposto aos estudiosos tradicionais, estes que defendem a metáfora convencional como uma construção que não exerce influência significativa na cognição. Para Goatly, pelo contrário, como as metáforas não convencionais - originais, vivas - requerem mais atividade cerebral, as metáforas convencionais, assim como a linguagem literal, são facilmente processadas e isso “sugere a possibilidade de efeitos ideológicos latentes consideráveis.” Isso acontece porque “as metáforas convencionais não perturbam nosso modo de perceber o mundo, pois elas já alcançaram a aceitação da comunidade linguísticas de como interagir, pensar e agir diante das situações” (p. 27). São as metáforas convencionais que podem permitir “alcançar o poder de subconsciente e afetar nosso pensamento, sem que tenhamos consciência disso”. Assim ele conclui que “linguagem literal é simplesmente uma metáfora convencionalizada”. (GOATLY, 2007, p. 22).

A DEMOCRACIA EM TERMOS DE CAMINHO: RECORRÊNCIAS MIDIÁTICAS

Uma busca no Google com a expressão “³Democracia é o caminho” apresentou em 40 segundos o número de cerca de 19 700 000 resultados. Alguns títulos de reportagens se destacam, como: “⁴Democracia é o caminho para combater desigualdades sociais, dizem pesquisadores”, da Folha de São Paulo. “⁵A democracia é o caminho, diz Raquel Dodge” do Jornal O Globo. Ou ainda “⁶A democracia é o único caminho legítimo”, diz Cármen Lúcia”, do portal O tempo. Na página de opinião da CBN também há o título “⁷Democracia é o melhor caminho”. Hebert de Souza também tem seu artigo de opinião divulgado na internet com o título “⁸O caminho (brasileiro) da democracia”.

A metáfora do caminho não é só produtiva na concepção da democracia enquanto caminho, mas também no caminho que chega até a democracia. Outrossim, a democracia também é personificada, é como se tornasse um agente que se desloca e percorre um caminho: o caminho da democracia. Tem-se “⁹Os caminhos da democracia” uma chamada da página da TV Brasil. Weverton Rocha também apresenta sua opinião pelo título: “¹⁰Não existe caminho de prosperidade fora da democracia”, site do PDT 12.

A PUC Minas, em comemoração ao dia nacional da democracia também reforçou evidências da metáfora Democracia é caminho.

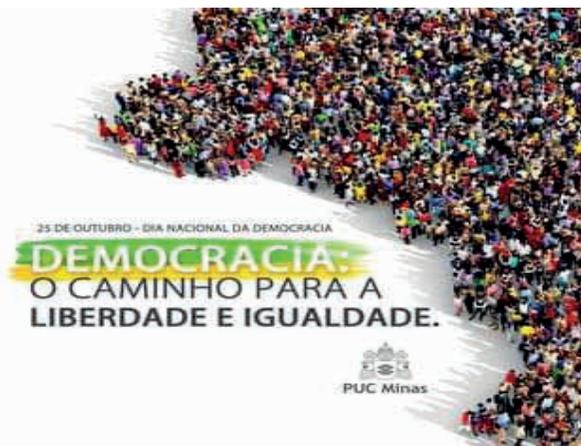


Figura 1 ¹¹

3 Disponível em: https://www.google.com/search?q=democracia+%C3%A9+o+caminho&rlz=1C1FCXM_pt-PTBR995BR995&oq=democracia+%C3%A9+o+caminho&aqs=chrome..69i57j0i22i30j69i60l3.6319j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8

4 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/05/democracia-e-o-caminho-para-combater-desigualdades-sociais-dizem-pesquisadores.shtml>

5 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/a-democracia-o-caminho-diz-raquel-dodge-23130549>

6 Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/a-democracia-e-o-unico-caminho-legitimo-diz-carmen-lucia-1.1851029>

7 Disponível em: <https://www.cbnmaringa.com.br/noticia/democracia-e-o-melhor-caminho>

8 Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/118846/01_04%20OUT88%20-%2000037.pdf?sequence=3

9 Disponível em: <https://tvbrasil.etc.com.br/os-caminhos-da-democracia>

10 <https://www.pdt.org.br/index.php/nao-existe-caminho-de-prosperidade-fora-da-democracia/>

11 Figura 1 Disponível em: https://m.facebook.com/pucminasoficial/posts/3703424456389007/?refsrc=deprecated&_rd

Até candidato Padre Pedro também faz uso da metáfora. Veja na imagem a seguir:



Figura 2 ¹²

Observa-se a diversidade de gêneros discursivos e suportes que reforçam a metáfora em análise. Há também seus desmembramentos evidenciados lingüisticamente que sustentam a aquimetáfora. Importa ressaltar que a democracia pressupõe um processo de democratização, nunca algo pontual, ou produto, mas sempre um processo. Isso, talvez, possa dar suporte para os esquemas de começo, meio e fim, do caminho, do processo. É o que se observa no título ¹³“Avanços e retrocessos dos processos democráticos no Brasil e no mundo”, manchete do professor Renato Janine Ribeiro do Jornal da USP.. Os substantivos deverbais “avanços e retrocessos” apliam esse campo semântico do processo/caminho. Outro caso é o título de um livro: “30 ANOS DA CONSTITUIÇÃO DE 1988: Uma Jornada Democrática Inacabada” de Carlos Bolonha, Fábio Corrêa Souza de Oliveira, Maíra Almeida, Elpídio Paiva Luz Segundo. Aqui tem-se tanto a própria palavra jornada quanto sua evidência esquemática “inacabada”.

Na imagem a seguir, trata-se de uma frase de Erundina em sua participação no Roda Viva em 18 de fevereiro de 2022.



Figura 3 ¹⁴

12 Disponível em: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTlgr3rsJ2cp_iglkGwy1-HSEHNSdoBAN-SihosasFfaBXrSwMsa_bzYcEle9X9T7Kaes&usqp=CAU

13 Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/avancos-e-retrocessos-dos-processos-democraticos-no-brasil-e-no-mundo/>

14 Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/mOFtza07QN8/maxresdefault.jpg>

Ao conceptualizar o caminho como algo para além da democracia e a democracia como um elemento constitutivo do caminho, a candidata reforça o léxico da metáfora do caminho, a saída. E mais ainda, emprega o verbo “avançar” no caminho político (politicamente). Talvez aqui, avançar para chegar à saída, a democracia.

Importante ressaltar o significado literal da palavra *avançar*. Avançar, segundo o ¹⁵*Dicionário On line* significa “caminhar para frente: avançar para a cidade vizinha; o barco seguia avançando.” Já o Mini Dicionário Aurélio, 6ª edição revista e atualizada, Editora positivo, apresenta os seguintes significados para essa palavra: “avançar – v.t.d. 1. Andar para frente; adiantar-se 2. Ir além de; ultrapassar. Quanto à palavra avanço, conceitua como: “sm. 1 Ato ou efeito de avançar . 2. Melhoria, vantagem, 3. Marcha para frente”. (2006, p. 156) O mesmo dicionário também conceitua caminho como: “1. Faixa de terreno destinada a trânsito de um para outro ponto; estrada. 2. Espaço percorrido ou por percorrer, andando. 3. Direção, rumo. 4. Fig. Maneira de agir, meio”. (2006, p. 202). Observe que aqui já há o sentido figurado da palavra como maneira de agir. Mas isso ainda não é o suficiente para descrever as possibilidades de mapeamentos do caminho como domínio fonte para a democracia domínio alvo.



Figura 4 ¹⁶

No mote da Associação Brasileira de Imprensa, doravante, ABI, há a justaposição da palavra democracia e avanço com renovação. Pode-se inferir que a democracia é o caminho e, avançando nesse caminho tem-se como resultado a renovação. Percebe-se da associação uma militância contra as estratégias de censura à imprensa e também indignação com a situação atual do país. Assim, o objetivo da democracia requer uma ação, ação para frente, avançar.

O verbo “avançar” também se apresenta como ação no caminho da democracia. No título de uma matéria do Estadão tem-se: ¹⁷“Como avançar na democracia em um país que

15 Disponível em: Disponível em: <https://www.dicio.com.br/avancar>

16 Disponível em: https://static.wixstatic.com/media/4bd814_0755d48def264319a0910919e34c9b01~mv2.jpg/v1/fi-t/w_2500,h_1330,al_c/4bd814_0755d48def264319a0910919e34c9b01~mv2.jpg

17 Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/como-avancar-na-democracia-em-um-pais-que-nao-se-importa-com-a-politica/>

não se importa com a política?” de Paulo Loiola (2021). Ora, avançamos em um caminho, avançamos na democracia.

Na eleições de 2016, o TRE de Rondônia lançou um documentário intitulado “¹⁸Caminhos da democracia”, com duração de 14min:37seg, produzido pela Seção de Comunicação Social do TRE-RO. O objetivo do documentário foi de reconhecer o empenho de autoridades e servidores dessa instituição para levar a urna eletrônica até as comunidades ribeirinhas e ao distrito de difícil acesso. O vídeo inicia-se com a seguinte frase: “Muitas são as estradas, diversos destinos, vários caminhos” Depois complementa afirmando que, no Brasil, “são muitos caminhos. Os que levam à democracia nem sempre são os mais acessíveis” (TRE, 2016).

Após as construções iniciais metafóricas de conceber a democracia como uma chegada, um destino do caminho (“levam à democracia”), o narrador do vídeo foca na situação de Rondônia. Fala sobre o exercício do voto e seu atributo como “direito cívico” que, personificado novamente, “ultrapassa penosas barreiras”. Um dos convidados do documentário, o juiz auxiliar do TRE-RO, Fabiano Pegoraro Franco, afirma “a gente constata a importância da justiça eleitoral é na segurança, na garantia desse estado de direito democrático”. E reforça a ideia de segurança quando afirma “a importância justiça eleitoral em tá olhando essa manifestação, que é o voto do eleitor, de uma forma segura e transparente e que possa proporcionar ao cidadão uma melhor representatividade de seus governantes. (FRANCO, 2016). Observa-se a manifestação do mesmo discurso social do TSE quanto à concepção do caminho/estrada bem como da argumentatividade quanto à segurança e transparência da urna eletrônica. Ao final do vídeo novamente é retomado o esquema de “início, percurso e chegada” pela voz do narrador que afirma: “tão importante quanto chegar é a trajetória percorrida, os desafios alcançados, percalços transpostos. O importante é seguir sempre. Essa é a missão do Tribunal Regional Eleitoral de Rondônia. (TRE-RO, 2016).

Observa-se como o pensamento do caminho foi desenvolvido nesse trecho, mas a perspectiva do domínio fonte caminho não foi dada ao seu início, mas sim ao percurso, aos desafios do percurso. As palavras *chegar*, *trajetória percorrida*, *percalços*, *seguir* configuram a contiguidade semântica do caminho. Para fechar, o vídeo ainda anuncia: “[...] oportunizar o direito ao voto a cada eleitor onde quer que ele esteja, independente das dificuldades do caminho”. Observa-se que aqui o “caminho” é retomado em seu sentido literal e reforçado pelas imagens que aparecem durante todo o documentário, mostrando as estradas e suas dificuldades bem como os transportes de navegação que chegam aos lugares de difícil acesso. Ainda pela exploração semiótica do vídeo, a última imagem aparece a urna eletrônica com a palavra FIM, mais um jogo polissêmico de fim do caminho, destino, chegada, democracia.

¹⁸ Documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cnMIWV737no>
Acesso em 15 de abril de 2022.

Apesar de ter outro enfoque diferente da urna eletrônica, outro documentário que também materializa o discurso da democracia enquanto caminho é o intitulado “Série Caminhos da democracia: Da Revolução à Renúncia 1950-1961”. Os episódios são documentos históricos do Brasil da era Vargas. São depoimentos de Herbet José de Souza, gravados entre o final de 1996 e o início de 1997.

DIALOGISMO E O DISCURSO: A RESPOSTA DO TSE

Todo enunciado nunca é inédito, ou seja, as construções de linguagem sempre são respostas a outras vozes que ecoam em um momento anterior. Bakhtin (2016, p. 116) afirma que “a unidade do discurso é o enunciado. Todo enunciado é por natureza uma réplica do diálogo (comunicação e luta). O discurso é dialógico por natureza.” Aqui destaca-se a motivação do dialogismo: comunicação e luta. Posicionar-se acerca do enunciado do outro é estar também em uma arena de luta, um campo de batalha construído na e pela linguagem. O filósofo russo também apresenta a impossibilidade de um monólogo fechado, absoluto, justamente porque “uma ideia só se esclarece para si mesma no processo de seu esclarecimento para o outro” (p. 118). Isso remete à essência da língua que se instaura como um espaço de interação entre sujeitos e, para isso, é essencial o outro, a fala do outro, o discurso do outro. Nós nos constituímos como sujeito a partir da visão do outro sobre mim. Essa é a essência do dialogismo que é a essência da filosofia bakhtiniana.

Para entender o discurso por Bakhtin é necessário compreender como o texto e o discurso são concebidos e como se inter-relacionam. O texto, por sua vez, é o lugar de manipulação consciente que só se realiza com a tomada da palavra por seu autor a fim de comunicar seu discurso. Assim, o texto representa a materialização, uma parte de um todo maior, que está subjacente e, nem sempre, se mostra em sua totalidade. É possível identificar em cada texto um discurso social, porém nem todo discurso social está em um único texto. O mesmo discurso social pode estar manifesto em diferentes textos. (MAGRI, 2021) Assim, podemos entender que o texto é a materialização da fala de um ator social, já o discurso se manifesta no texto. O discurso é maior que o texto, pois o discurso é tecido pelos enunciados que, por sua vez, são usados para representar a percepção dos atores sociais sobre mundo. Mas o texto também pode portar outros e diversos discursos ao mesmo tempo, o que caracteriza o conceito criado por Bakhtin denominado “polifonia”, que é a presença de outros discursos dentro de um texto.

Falar de discurso importa pensar também nos seus atores. Para Bakhtin, agimos no mundo de forma coletiva pelo discurso a partir do nosso posicionamento, da nossa constante necessidade de avaliação, de atribuir valor às coisas, às experiências, etc. Nossa posição é por essência axiológica. Segundo Faraco (2021), não vivemos na atmosfera ou biosfera, mas sim na semiosfera. Isso mostra que não temos acesso direto à realidade objetiva, mas precisamos desenvolver nossa capacidade sógnica, pois vivemos no mundo

semiotizado. Assim, nossa construção de linguagem é uma refração da realidade. Está aí o motivo pelo qual Bakhtin apresenta a experiência, a apropriação do discurso, como anterior à existência. É justamente pela primazia da experiência é que não há possibilidade de um sujeito ocupar o mesmo lugar que outro. Somos seres únicos. Ninguém pode ocupar o lugar que eu ocupo, por isso é tão pertinente a famosa constatação bakhtiniana, em paráfrase: não há álbi em nossa existência.

Os fundamentos do dialogismo de Bakhtin dão base para a afirmação de que os vídeos do TSE, em análise, são respostas a discursos contrários à segurança da urna eletrônica. Cada um dos 3 vídeos compõem uma trilogia de textos multimodais. Assim como esses textos, outros textos aqui mencionados manifestam o discurso social de que a democracia é um processo concebido metaforicamente em termos de jornada, de caminho, com começo, meio e fim. Os enunciados em análise (as frases com as metáforas de jornada) são usados para apresentar a percepção dos atores sociais, no caso em estudo a instituição TSE diante da PEC do voto impresso. Conceber a democracia em termos de caminho é uma organização de pensamento que possibilita o convite ao leitor para entrar nesse caminho, para perceber que a democracia não se trata de um ato pontual, que, uma vez feito, tudo se resolverá, mas, como caminho, jornada, sempre há o que se fazer, é contínuo, processual. Há um ponto de partida, e um constante percurso sempre em busca da meta: do gozo do direito do povo.

DA ESTRADA LITERAL À ESTRADA METAFÓRICA: ANÁLISE DO CORPUS

O ministro Luís Roberto Barroso, vice presidente do TSE, apresentou as propagandas da instituição e esse fato foi noticiado no próprio site do TSE com o seguinte título: “¹⁹Barroso lança campanha que celebra a urna eletrônica como protagonista do caminho para a democracia”. Já pelo título tem-se a evidência da metáfora de jornada. Aponta a urna eletrônica como o caminho para a democracia. O ministro ressaltou que as propagandas foram produzidas *pro bono*, ou seja, pelo bem público, sem custos das instituições envolvidas. De acordo com o próprio portal do TSE, os vídeos possuem uma coerência que liga o que há em comum em um país democrático que é o momento de votar, o meio de escolha de seus representantes. Os temas dos vídeos estão entre desigualdades sociais, a grande extensão continental do país e seus desafios quanto aos que vivem mais distantes dos centros urbanos. Além disso trazem uma reflexão técnica e numérica sobre a quilometragem de estradas construídas no país em detrimento de sua dimensão total. Outro foco que dá pertinência à importância da urna eletrônica é a tecnologia, para isso, há um vídeo que mostra sua presença no cotidiano do brasileiro, bem como as atividades que fazem com o uso da tecnologia, tentando provar sua segurança, agilidade e inovação e, assim, fazendo um paralelo com a urna eletrônica.

¹⁹ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2021/Dezembro/presidente-do-tse-lanca-campanha-que-celebra-a-urna-eletronica-como-protagonista-do-caminho-para-a-democracia>

A grande questão é que tais vídeos de exaltação à urna eletrônica são respostas à PEC do voto impresso. A proposta foi feita pelo presidente Jair Bolsonaro “que acusa o modelo de não ser confiável e alega que houve fraudes na votação de 2018, a mesma em que ele se elegeu.” (Westin, 2021) Essa discussão é uma retomada de 25 anos de história da urna eletrônica no Brasil. Trata-se da PEC 135/2019 redigida pela deputada federal Bia Kicis (PSL-DF).

O que nos interessa nesta análise é o fato apresentado por Westin (2021). Segundo o que escreveu no site “Agência Senado”. “O Tribunal Superior Eleitoral (TSE), responsável pela organização das votações brasileiras, refuta as acusações de vulnerabilidade do sistema eletrônico.” E acrescenta que o artefato eleitoral, além de sua modernização, garante a “integridade, a confiabilidade, a transparência e a autenticidade do processo eleitoral”, como afirma o TSE.

Diante disso, observe as transcrições dos vídeos

vídeo 1

O Brasil é um país continental. Ele não é só o Brasil da cidade e do asfalto. Ele é igualmente o Brasil da canoa, do Igarapé, da bicicleteta, da cidadezinha no meio do nada. Existe um Brasil onde a estrada acaba. E as pessoas que lá estão também precisam ser ouvidas. Porque são elas que mais precisam da democracia. Para que a estrada, a luz, a comida, a oportunidade chegue até elas. O Brasil tem historicamente graves problemas: de desigualdade, de fome, de desemprego. Esses são nossos problemas. A urna eletrônica foi a solução contra a fraude eleitoral. Ela é um caminho. E a democracia é a estrada. (TSE,2022)

Sobre o conteúdo verbal do vídeo 1, os primeiros 3 períodos são constatações quanto à extensão territorial do país e suas diversidades. Há uma organização de extremos: “do asfalto ao igarapé”, “da cidade à cidadezinha no meio do nada”. O que dá coesão a essas diversidade é a estrada em si, em seu sentido literal. Neste vídeo, e no segundo também, há um foco nas estradas do país, domínio fonte para a democracia, porém, antes de ser metaforizada a estrada é apresentada literalmente. Primeiramente o Brasil é apresentado como algo integral e definido “o Brasil”, porém, quanto se apresenta que “a estrada acaba”, o Brasil, vira “um Brasil”, o Brasil indefinido, marginalizado, pois não tem a estrada que o define. É a estrada que agora ganha atributo de divisor entre as pessoas ouvidas, as que têm estradas, e as pessoas que “precisam ser ouvidas”, o que pressupõe que não estão sendo. Assim, a democracia é concebida como um produto de necessidade para as pessoas “que mais precisam da democracia” Em seguida, a estrada é colocada em paralelo com outras necessidade humanas: a luz, a comida, a oportunidade. As necessidades concretas (luz e comida) e a necessidade abstrata, não quantificável (oportunidade).

Aliado à necessidade, o discurso vai se inclinando para o esquema problema-solução. Ao selecionar o que seria problema específico do país, coloca a urna eletrônica

no centro como a solução. Aqui o inimigo a se combater no país tornar-se “a fraude eleitoral”, pelo verbo “combater”, evidência linguística da metáfora FRAUDE ELEITORAL É INIMIGA, logo precisa ser combatida. Nota-se que é o mesmo inimigo concebido pela PEC do voto impresso. Trata-se aí de um signo de retomada e oposição ao discurso do voto impresso. Percebe-se a importância de “soar um discurso verdadeiro” a partir dos arranjos linguísticos. Trazer a solução do problema e apontar o caminho dá credibilidade ao conteúdo veiculado para uma massa que já convive com outros discursos que reforçam a concepção da democracia em termos de caminho e, aqui também, de solução. A urna eletrônica é um caminho, de outros possíveis, fica em um plano de fundo, porém, como fechamento do vídeo, é a democracia que é iluminada e que não é uma estrada, mas é a estrada, é única. Importa aqui investigar a diferença entre estrada e caminho e o motivo da escolha de relacionar caminho à urna eletrônica e estrada à democracia. Infere-se aqui que o caminho seja um protótipo de algo mais natural, sem a construção humana, algo mais rústico, inato, no texto também há possibilidade de pensar o caminho como um instrumento para a estrada, ele é o todo que abriga a estrada. Já a estrada precisa da ação do homem para modelar segundo suas necessidades. Da mesma forma, a urna eletrônica é só um meio para a democracia, a estrada.

Vídeo 2

O Brasil é um país continental. São 8.510.km² de área. Quase 8000 km só de litoral. 26 estados e um distrito federal. 5570 municípios com mais de duzentos e treze milhões de habitantes. E só 1563. 391 km de estradas. Por isso a urna eletrônica - simples, segura e rápida - é a estrada da democracia. Um país de 8 510 mil quilômetros quadrados e só 1 milhão 563 mil quilômetros de estradas. A urna eletrônica é o caminho e a democracia é a estrada. (TSE, 2022)

No vídeo 2, inicia-se pela mesma frase: “O Brasil é um país continental”, poderíamos chamar de tópico frasal que aciona o conteúdo a ser desenvolvido, torna-se a introdução do vídeo. A estrada, em seu sentido literal é ainda mais explorada e quantificada. As apresentações numéricas servem para legitimar os argumentos e orientar à conclusão de que a extensão territorial do Brasil não é bem aproveitada devido ao número ínfimo de estradas se comparar aos 8510 km² de área que possui. O operador argumentativo “só” introduz o argumento de maior valor na escala argumentativa de que há um ponto negativo no país quanto à construção de estradas. As estradas facilitam o escoamento de mercadorias bem como agiliza ajuntamentos de pessoas de forma física. Se não há essa realidade, pois o número é muito aquém do que o Brasil precisa, então a solução, o caminho para sair do problema, torna-se novamente a “urna eletrônica”. Nesse segundo vídeo, a urna deixa de ser “um caminho” e passa a ser “o caminho”. Deixa de ser algo ainda indefinido, não conhecido, para ser definido, algo familiar do brasileiro. Sai o pronome “ela” para nominalizar “a urna eletrônica”. No Brasil, onde falta estrada literal, entra a estrada metafórica: a democracia.

Vídeo 3

Você transfere dinheiro pelo digital. Você pede táxi pelo digital. Faz o imposto de renda pelo digital. O congresso vota pelo digital. Você pede comida, paga e compra tudo pelo digital. A urna eletrônica no mundo digital democratizou a democracia. Ela é segura. Ela é fácil de usar. Ela é inclusiva. A urna eletrônica é o caminho e a democracia é a estrada. (TSE,2022)

Se, no vídeo 2, a urna eletrônica era a solução porque a extensão de estradas era insuficientemente desproporcional ao total de área do país, no vídeo 3 a urna eletrônica é importante porque o adjetivo “eletrônica” está em perspectiva. A urna eletrônica é só mais um símbolo de emprego tecnológico na vida do brasileiro. Assim como outras atividades fundamentais são feitas com segurança e estão tecidas nas experiências do povo, a urna eletrônica não deve ser questionada, pois, assim, os outros recursos e ações tecnológicas, também deveriam ser questionados e banidos do país, apresentando o retorno ao não tecnológico. Ora, esse retorno simboliza retrocesso, significa jogar fora todo trabalho evolutivo humano. Pela lógica geral, retrocesso, volta no caminho, não é visto como positivo, apenas o avançar que é positivo. Logo, não faz sentido retroceder no caminho da democracia voltando ao voto impresso.

Prova de recorrência desse discurso está no título da matéria no site *Consultor jurídico* “²⁰STF considera voto impresso atraso no processo de apuração das eleições”, logo acima do título há a expressão “Retrocesso eleitoral”. Outrossim, no site G1, há também outra matéria que reforça essa ideia em seu título: “²¹Voto impresso é ‘retrocesso’ e pode levar à judicialização das eleições, diz presidente do TSE” Nesse mesmo texto, a fala do próprio Barroso confirma a ideia de retrocesso: “Isto é um retrocesso no sentido de que piora o sistema. Em 2002, foi feita uma tentativa de voto impresso em cerca de 6% das urnas. [...] Houve filas, atrasos, aumento de votos brancos e nulos [...]” (BARROSO, 2021). O próprio entrevistador representante da Globo News, em conversa com Barroso levantou em forma de questionamento a afirmação de que a PEC do voto impresso seria “voltar ao passado”. A concepção de que temos do passado, em nossa cultura no Brasil, é que ele está atrás de nós, assim como o futuro está à nossa frente. Até nessa expressão há a estrutura do pensamento de que o voto impresso, em um contexto espacial, está atrás, significa o que já ficou no caminho, e, voltar no caminho, seria o retrocesso.

No site *Poder 360°*, Barroso teve sua fala publicizada pelo título da matéria “²²O atraso rondou nossas vidas ameaçadoramente’, diz Barroso...”. No subtítulo, o site apresenta “Sem citar Bolsonaro, presidente do TSE afirmou que a democracia viveu “momentos graves” em 2021 com ameaças ao Judiciário e desfile de tanques...”. Aqui o

20 Conteúdo disponível em: <https://www.conjur.com.br/2018-jun-06/stf-considera-voto-impresso-atraso-processo-apuracao> . Acesso em 15 de abril de 2022.

21 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/05/14/voto-impresso-e-retrocesso-e-pode-levar-a-judicializacao-das-eleicoes-diz-presidente-do-tse.ghtml> . Acesso em 15 de abril de 2022.

22 Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/o-atraso-rondou-nossas-vidas-ameacadoramente-diz-barroso/> Acesso em: 15 de abril de 2022

atraso - representando não só a PEC do voto impresso, mas a crítica indireta ao presidente do Brasil – foi personificado como um inimigo que ronda e ameaça a população. E novamente a democracia aparece em cena, também personificada como uma entidade que vive e passa por momentos graves. Observa-se que a ideia de atraso no caminho da democracia é um recurso argumentativo e deliberativo que convoca a população, os que sofrem a ameaça do atraso, a lutar contra o inimigo ameaçador e a não retroceder no caminho. Portanto, não se trata de um simples emprego retórico, mas uma estratégia persuasiva de luta e de manutenção da história de seguridade e transparência do processo eleitoral pela urna eletrônica. Em outro trecho, há novamente a produtividade da palavra “atraso”. “De novo, uma aposta no atraso. Uma volta ao tempo de fraudes em que urnas desapareciam e outras apareciam com mais votos do que eleitores e mapas eram manipulados em favor de gente desonesta”, disse o ministro....” (BARROSO, 2021).

A tabela a seguir apresenta uma visão panorâmica da construção da metáfora conceptual: Democracia é o caminho/estrada. Serão considerados estrada e caminho como domínios fonte e a democracia e a urna eletrônica como domínios alvo. No campo dos domínios fonte são perspectivados o que chamaremos aqui de atributos. Já nos domínios alvo há a divisão triádica: democracia, urna eletrônica e voto impresso como componentes dessa conjuntura.

Domínio fonte		Domínio alvo	
Domínios	Atributos dos domínios	Estratégia argumentativa	
Estrada Caminho	1- Início, Meio (percurso) e Fim 2- Função – levar a algum lugar 3- Retroceder /avançar no caminho/ estrada 4- Estrada no Brasil pela extensão/ quantidade de estradas, falta de estradas.	Democracia Lugar para onde o caminho (urna eletrônica) leva. A democracia é o destino do caminho	Urna eletrônica Instrumento para avançar, seguir em frente no caminho x Voto impresso Instrumento de atraso, retrocesso no caminho. Dar passos para trás.

Tabela 1 – Fonte: os autores, 2022 – Mapeamento da arquimetáfora: Democracia é o caminho/ estrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, a partir da metáfora “A URNA ELETRÔNICA É O CAMINHO” nossa hipótese é que a metáfora do caminho/estrada foi empregada nas propagandas do TSE como recurso argumentativo para reforçar a história da segurança das urnas eletrônicas no Brasil e, como urna eletrônica, em resposta à PEC do voto impresso, trata-se de uma história que precisa ir para frente, avançar. Também se trata de uma estratégia deliberativa, pois incita o público (o povo) a lutar pelo caminho da democracia, sempre avançando no

caminho e não retrocedendo. Subtende-se que, no caminho, que é a urna eletrônica, deve-se o “avançar para frente”. Assim, a urna eletrônica é o caminhar para frente e isso aciona seu oposto, o símbolo do voto impresso e a visão de “atraso” no Brasil, dar passos para trás nesse caminho e nessa estrada da democracia. Se a urna é o caminho, o caminho liga um lugar a outro. Se a urna eletrônica é o caminho e a democracia é a estrada, quem promove a democracia, no contexto do Brasil, com base na propaganda do TSE, é a urna eletrônica e não o voto impresso. O voto impresso seria um obstáculo no caminho da urna eletrônica e na estrada da democracia.

Outrossim, levantamos a investigação acerca da escolha da estrada como um dos símbolos empregados literalmente na propaganda e, defendemos que pode ser tratar de outra dimensão de respostas do TSE em relação aos presidentes do país e seus feitos insuficientes quanto à abertura de estradas e o conseqüente atendimento à diversidade do povo e a todo território brasileiro. Como se observa no trecho da trilogia dos vídeos “São 8.510.km2 de área. Quase 8000 km só de litoral. 26 estados e um distrito federal. 5570 municípios com mais de duzentos e treze milhões de habitantes. E só 1563. 391 km de estradas” Observe que o operador argumentativo “só”, reforça essa crítica da insuficiência de estradas literais no Brasil, resultado de governos atual e anteriores. Observa-se que logo após a apresentação dessa disparidade de tamanho total em detrimento ao pequeno tamanho de estradas, é inserida a locução conjuntiva “ por isso” como explicação, solução para o problema da falta de estrada literal: “a urna eletrônica - simples, segura e rápida - é a estrada da democracia”. Assim, a falta de estrada literal justifica, para a trilogia dos vídeos do TSE, a importância da estrada metafórica da democracia materializada na urna eletrônica. A estrada metafórica supre a falta da estrada literal, nesse pensar, torna-se ainda mais urgente lutar e manter a urna eletrônica, já que é o instrumento de avanço no caminho da democracia.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. **Linguística Cognitiva**: Uma visão geral e aplicada. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Intro. Trad. Paulo Bezerra. – 6ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail (1895-1975). **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CHARTERIS-BLACK, J. **Politicians and Rhetoric**. London: Palgrave, 2005
- GOATLY, Andrew. **Washing the Brain**: Metaphor and Hidden Ideology. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam, Philadelphia, 2007

FARACO, Carlos A. **Bakhtin filósofo** (fundamentos da filosofia de Bakhtin). Canal do You Tube: Abralín. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d0bGlt5W4fl> Disponível também na plataforma ead.abralin.org. 2021

LAKOFF, George. **The Contemporary Theory of Metaphor**. In Andrew Ortony (ed.), *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1-50 , 1992.

LAKOFF, George. **Don't Think of an Elephant: know your values and frame the debate**. Canada, USA: Chelsea Green, 2014.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: Harvard University Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Grupo GEIM. Campinas: Mercado de Letras/EDUC, 2002

MAGRI, Sheila Mihailenko Chaves. *Bakhtin: O Discurso como Ação - Aula 02: As Contribuições para a Análise Discursiva*. Canal do You Tube: Educação Materialista. Tópico 4 – Discurso e texto. Publicado há 1 ano. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FpirdprDdYs> .Acesso em 1 de março de 2022.

SEMINO, Elena. **Metaphor in Discourse**. University Press, Cambridge-UK, 2008.

UMA VISÃO DO GOLPE MILITAR CHILENO NO ROMANCE *O AMOR DE PEDRO POR JOÃO*, DE TABAJARA RUAS

Data de submissão: 17/03/2023

Data de aceite: 03/04/2023

Evandro Fantoni Rodrigues Alves

Doutor em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Participa do G.P. Literatura Juvenil, e é Co-coordenador do G.E. Literatura e História, ambos da PUC-SP. Professor de História da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.
ORCID: 0000-0001-5107-0605
<http://lattes.cnpq.br/8404223798107944>

RESUMO: Ao longo da segunda metade do século XX, a América Latina foi varrida por uma série de ditaduras militares que, valendo-se de um discurso nacionalista, aplicaram diferentes graus de repressão política e violência de estado, causando pesados traumas em suas incontáveis vítimas. Para que esses traumas possam ser processados existem uma série de procedimentos, dentre os quais destaca-se a ficcionalização, ou seja, a revisita de episódios históricos traumáticos por meio da Literatura. É precisamente o que faz Tabajara Ruas em *O amor de Pedro por João*, onde são trazidos uma série de episódios das ditaduras militares brasileira e chilena não sob o ponto de vista dos acontecimentos políticos, mas sim do cotidiano de algumas

de suas vítimas, que são as protagonistas do romance. Assim sendo, e partindo dos conceitos de Metaficção Historiográfica e de Literatura de Resistência, o presente artigo visa entender como o episódio histórico do golpe militar chileno de 11 de setembro de 1973 foi trazido literariamente por Ruas em sua obra, e como os eventos políticos do episódio afetam o dia a dia das personagens que são atingidas – direta e indiretamente por ele.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção histórica, Literatura de resistência, Metaficção historiográfica, Ditadura militar no Chile, Tabajara Ruas.

A VISION OF THE CHILEAN MILITARY COUP IN THE NOVEL *O AMOR DE PEDRO POR JOÃO*, BY TABAJARA RUAS

ABSTRACT: Throughout the second half of the 20th century, Latin America was swept by a series of military dictatorships that, using a nationalist discourse, applied different degrees of political repression and state violence, causing heavy trauma to their countless victims. In order for these traumas to be processed, there are a series of procedures, among which fictionalization stands out, that is, the revisitation of

traumatic historical episodes through Literature. This is precisely what Tabajara Ruas does in *O amor de Pedro por João*, where a series of episodes of the Brazilian and Chilean military dictatorships are brought, not from the point of view of political events, but rather from the daily life of some of its victims, who are the protagonists of the novel. Therefore, and starting from the concepts of Historiographical Metafiction and Resistance Literature, this article aims to understand how the historical episode of the Chilean military coup of September 11, 1973 was brought literarily by Ruas in his work, and how the political events of the episode affect the daily lives of the characters who are affected – directly and indirectly by it.

KEYWORDS: Historical fiction, Resistance literature, Historiographic metafiction, Military dictatorship in Chile, Tabajara Ruas.

UNA VISIÓN DEL GOLPE MILITAR CHILENO EN LA NOVELA *O AMOR DE PEDRO POR JOÃO*, DE TABAJARA RUAS

RESUMEN: A lo largo de la segunda mitad del siglo XX, América Latina fue azotada por una serie de dictaduras militares que, utilizando un discurso nacionalista, aplicaron distintos grados de represión política y violencia de Estado, causando fuertes traumas a sus innumerables víctimas. Para que estos traumas sean procesados existen una serie de procedimientos, entre los que destaca la ficcionalización, es decir, la revisión de episodios históricos traumáticos a través de la Literatura. Eso es precisamente lo que hace Tabajara Ruas en *O amor de Pedro por João*, donde se traen una serie de episodios de las dictaduras militares brasileña y chilena, no desde el punto de vista del acontecer político, sino desde la vida cotidiana de algunos de sus víctimas, que son las protagonistas de la novela. Por tanto, y partiendo de los conceptos de Metaficción Historiográfica y Literatura de Resistencia, este artículo pretende comprender cómo el episodio histórico del golpe militar chileno del 11 de septiembre de 1973 fue llevado literariamente por Ruas en su obra, y cómo los acontecimientos políticos del episodio afectar la vida cotidiana de los personajes que se ven afectados, directa o indirectamente por ella.

PALABRAS CLAVE: Ficción histórica, Literatura de resistencia, Metaficción historiográfica, Dictadura militar en Chile, Tabajara Ruas.

INTRODUÇÃO

Ao longo da segunda metade do século XX, a América Latina – e a do Sul em especial – sofreu com governos ditatoriais que se valiam do discurso de defesa da integridade e cultura nacionais para reprimir violentamente toda e qualquer manifestação contrária aos seus valores e interesses.

Esse período traumático inevitavelmente deixou marcas em suas vítimas – sejam elas diretas ou indiretas – que precisam ser processadas a fim de serem mais bem compreendidas, e uma das formas de se processar esse passado violento é através da literatura, ou seja, da ficcionalização do passado, conforme nos diz Jacques Rancière em *A partilha do sensível*: “O real precisa ser ficcionado para ser pensado” (RANCIÈRE, 2005, p. 58).

Assim sendo, para o presente texto escolhemos a obra *O amor de Pedro por João*, de Tabajara Ruas, que traz uma possível ficcionalização desse passado traumático das

ditaduras militares sob o ponto de vista não dos acontecimentos políticos propriamente ditos – que estão sempre presentes como pano de fundo – mas do dia a dia de oito personagens principais, alguns dos quais isolados em um apartamento em Santiago do Chile enquanto se desenrola o golpe militar que levará ao poder o General Augusto Pinochet.

Começemos, então, com uma curta apresentação da obra de Ruas e dos conceitos fundamentais – trazidos de forma bastante breve em decorrência do limitado espaço de um artigo – que nos servirão de direcionamento para a posterior análise.

O AMOR DE PEDRO POR JOÃO, DE TABAJARA RUAS

Publicado originalmente no ano de 1982, o romance *O amor de Pedro por João*, de Tabajara Ruas, conta de forma não-linear a vida de uma série de personagens fictícios em diferentes momentos do governo militar brasileiro e durante os primeiros atos do golpe militar que instaurou a ditadura no Chile, no ano de 1973, conforme nos dizem Maria Iraci Cardoso Tuzzin e Pedro Brum Santos no artigo “De um escritor escrevente: ‘O amor de Pedro por João’”

A partir de uma concepção de totalidade fracionada, *O amor de Pedro por João* não relata uma história, mas muitas histórias, ora sincronizadas, ora desarmonizadas. O recurso da fragmentação, eleito pelo artista, estabelece e revela uma técnica narrativa miscigenada, por meio da qual estilhaços e vazios compõem as trajetórias das personagens que, no romance de Ruas, provêm de três gerações distintas: a começar pelos anos trinta até o final da década de 1970. (SANTOS; TUZZIN, 2016, p. 294. Grifos dos autores).

Unindo essas três gerações distintas está o comprometimento e envolvimento das diferentes personagens com as ações de resistência contra o governo ditatorial brasileiro, seguidas muitas vezes de um exílio – que se fez necessário diante da crescente violência que os militares aplicavam para reprimir seus opositores –, e do desespero de verem regimes semelhantes multiplicarem-se por todo o continente, especialmente no Chile, cujo governo de Salvador Allende representava uma esperança popular, mas que também acabou encerrado de forma brutal, dando origem a uma das piores ditaduras da América Latina.

É justamente esse contexto de violência e repressão, com uma série de ditaduras militares varrendo a América do Sul, que serviu de motivação e inspiração para Tabajara Ruas compor *O amor de Pedro por João*, que foi escrito e publicado durante a vigência desses regimes autoritários, quando o próprio autor estava exilado em Copenhague, conforme disse o próprio Ruas em entrevista concedida ao autor do presente artigo.

Eu fui jovem numa ditadura. E não era só uma ditadura no Brasil, era uma ditadura no continente. Então tinha muita história, muita situação, de ação, de perseguição, de correria, de pavor, de medo, de ódio, essas coisas... Naquele momento, eu acho que era uma boa motivação para escrever. (RUAS, 2022).

As palavras de Ruas nos fazem imediatamente remeter ao pensamento de Jacques

Rancière, que nos afirma que a realidade precisa ser ficcionada para que possa ser compreendida, o que significa dizer que as fronteiras entre o real e o literário tornam-se difusas, posto que as duas narrativas passam a ser passíveis de análise social, sobretudo para que se possa processar determinado passado, como é possível observar em *A partilha do sensível*.

O real precisa ser ficcionado para ser pensado. Essa proposição deve ser distinguida de todo discurso – positivo ou negativo – segundo o qual tudo seria ‘narrativa’, com alternâncias entre ‘grandes’ e ‘pequenas’ narrativas. [...] Não se trata de dizer que tudo é ficção. Trata-se de constatar que a ficção da era estética definiu modelos de conexão entre a apresentação dos fatos e formas de inteligibilidade que tornam indefinida razão dos fatos e razão da ficção, e que esses modos de conexão foram retomados pelos historiadores e analistas da realidade social. (RANCIÈRE, 2005, p. 58).

O filósofo francês vai mais além, afirmando que a história e a literatura podem ser consideradas duas faces de uma mesma moeda, ou seja, ambas possuem uma relação não de oposição, mas de complementaridade, posto que uma pode penetrar nos domínios da outra, pertencendo – para usar as palavras do próprio Rancière – a um mesmo “regime de sentido”

Assim se encontra revogada a linha divisória aristotélica entre duas ‘histórias’ – a dos historiadores e a dos poetas –, a qual não separava somente a realidade e a ficção, mas também a sucessão empírica e a necessidade construída. Aristóteles fundava a superioridade da poesia, que conta ‘o que poderia suceder’ segundo a necessidade ou a verossimilhança da ordenação das ações poéticas, sobre a história, concebida como sucessão empírica dos acontecimentos, ‘do que sucedeu’. A revolução estética transforma radicalmente as coisas: o testemunho e a ficção pertencem a um mesmo regime de sentido. (RANCIÈRE, 2005, p. 56-57)

A ideia de “regime de sentido” é uma importante parte do pensamento de Rancière, e que nos interessa em particular no que tange às relações entre a Arte e a História, que no recorte escolhido da obra de Ruas manifestam-se no diálogo entre o real e o ficcional do golpe militar no Chile, em 1973.

Uma breve definição do conceito de “regime de sentido” nos é oferecida por Hilário Correia Ramos, em *Tempo e acontecimento: história social e o pensamento de Jacques Rancière*.

Para Rancière, o regime estético parece se constituir num regime de sentido que vê (ou permite ver) no insignificante uma marca específica de significação. [...] A reflexão epistemológica sobre ‘o significado do insignificante’ cumpre papel relevante na articulação entre História, Estética e Política: em história, a subversão à hierarquia se dá na ordem dos tempos. [...] na arte, os sujeitos que produzem e experienciam as heterotopias a partir de diferentes suportes e linguagens, abrem margem a outros processos de subjetivação; a política, por fim, está em todos estes processos, [...] como subversão que visa estabelecer, instaurar ou atualizar uma situação de igualdade entre os sujeitos.” (RAMOS, 2019, p. 36).

É justamente esse tipo de relação de complementaridade que encontramos em *O amor de Pedro por João*, uma vez que Tabajara Ruas nos traz em suas páginas diferentes episódios históricos sob uma perspectiva não historiográfica, mas literária, em que o foco narrativo não está nesses acontecimentos, mas em cidadãos comuns que são por eles afetados direta ou indiretamente, com variáveis graus de intensidade.

Essa escolha do autor de escrever sua narrativa mostrando como as pessoas são afetadas, em seu cotidiano, pelos movimentos históricos, faz com que nós leitores nos sintamos mais próximos da obra, uma vez que mais comumente estamos na mesma posição de algumas das personagens de Ruas: como “vítimas” da roda da História, e não como protagonistas no palco dos acontecimentos.

Partindo dessa reflexão, é possível considerar *O amor de Pedro por João* uma obra de resistência, ou seja, um texto literário que tem como uma de suas principais características a retomada de episódios traumáticos e violentos do passado, sobretudo relacionados a regimes e governos totalitários, cuja existência motivou a criação desse tipo de narrativa, conforme nos informa Bosi em “Narrativa e resistência”.

O termo Resistência e suas aproximações com os termos “cultura”, “arte”, “narrativa” foram pensados e formulados no período que corre, aproximadamente, entre 1930 e 1950, quando numerosos intelectuais se engajaram no combate ao fascismo, ao nazismo e às suas formas aparentadas, o franquismo e o salazarismo. [...]

Foi um tempo excepcional, um tempo quente de união de forças populares e intelectuais progressistas. Tempo que perdurou na memória dos narradores do imediato pós-guerra, e que produziu o cerne da chamada literatura de resistência. [...] Um livro candente como *Se questo è un uomo*, de Primo Levi, testemunhando a sua experiência de judeu lançado em um campo de concentração, é perfeito exemplo desse clima ético e da opção por uma linguagem sóbria e depurada de todo convencionalismo. (BOSI, 1996, p.18-19. Grifos do autor.).

Além de Primo Levi, Bosi cita ainda uma série de outros autores que possuem textos com essa característica de obras de resistência no sentido de se colocarem de forma crítica em oposição às situações de autoritarismo e perseguições trazidas pelas guerras mundiais e pelos regimes totalitários que se estabeleciam em diversas partes do globo, e contavam com simpatia de diversos governos.

Dentre os nomes mencionados por Bosi podemos destacar *Conversazione in Sicilia*, de Elio Vittorini e *Adeus às Armas*, de Ernest Hemingway, que apresenta ao leitor episódios de sofrimento ao longo da I Guerra Mundial, procurando implodir-lhe a aura gloriosa que sobre ela ainda pairava; além das obras brasileiras *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade, de 1945, e *Memórias do cárcere*, escrita por Graciliano Ramos nos anos 1930, enquanto preso político durante o governo Vargas, e publicado, sem o capítulo final, postumamente em 1953.

No contexto latino-americano – e brasileiro de forma mais específica – a literatura de

resistência se manifesta de forma mais intensa – ainda que não exclusiva, como vimos nos exemplos acima – a partir do final da década de 1970, principalmente devido ao processo de ditaduras militares que varreram o continente ao longo da segunda metade do século XX e que deixou de herança um passado traumático, que precisa ser resolvido.

[...] foi claramente a própria experiência da América Latina que deu origem a essas imaginações de seu passado. Resta saber em que consistiu essa experiência.

Uma resposta-padrão diria que, se deixarmos de lado precursores individuais, a decolagem dessas formas data dos anos 1970. O que elas traduzem, essencialmente, é a experiência da derrota – a história do que deu errado no continente, a despeito do heroísmo, lirismo e colorido: o descarte das democracias, o esmagamento das guerrilhas, a expansão das ditaduras militares, os desaparecimentos e torturas que marcaram o período. (ANDERSON, 2007, p. 218).

Mesmo possuindo essas características de romance de resistência, o texto de Ruas não se presta a uma classificação única – como qualquer obra literária de qualidade deve ser –, rompendo com elementos muitas vezes presentes nesse tipo de obra, como da heroização e mistificação da luta armada e de seus membros, por exemplo, e trazendo um aspecto mais humano de suas personagens, que são apresentados ao leitor não apenas nos momentos em que estão em ações políticas, mas principalmente em suas intimidades, seus cotidianos, e dentro de suas próprias mentes e reflexões.

Nesse sentido, o livro de Tabajara Ruas se aproxima da metaficção historiográfica proposta por Linda Hutcheon em sua *Poética do Pós-Modernismo*, sobretudo no que diz respeito à escolha de trazer para o centro da narrativa não os episódios históricos mais famosos ou conhecidos do período das ditaduras militares na América Latina – especialmente a brasileira e a chilena, no caso de *O amor de Pedro por João* –, mas sim aspectos da vida cotidiana das personagens, e como elas são direta ou indiretamente afetadas pelos contextos ditatoriais nos quais estão inseridos.

Na verdade, elevar a 'experiência privada à consciência pública' na metaficção historiográfica pós-moderna não equivale a expandir o subjetivo; equivale, isso sim, a entrecruzar o público e o histórico, o privado e o biográfico. [...] As obras desse tipo especulam abertamente sobre a forma como se escreve a respeito da 'realidade' do passado, sobre aquilo que constitui 'os fatos conhecidos' de qualquer acontecimento. (HUTCHEON, 1991, p. 128).

É justamente com essa abordagem – de entrecruzar o “público e o histórico, o privado e o biográfico” – que Ruas trata do golpe militar de 11 de setembro de 1973: Sem descrever diretamente os eventos, mas sob o prisma de um grupo de brasileiros reunidos em um apartamento em Santiago, todos exilados políticos da ditadura brasileira, que buscaram no Chile a esperança do governo popular de Salvador Allende, e que agora se veem novamente ameaçados por um governo autoritário chefiado pela Junta Militar de Augusto Pinochet.

Novamente recorremos às palavras do próprio autor para explicar as razões que levaram a essa escolha.

Eu tratei de contar a história daqueles dias do golpe no Chile através da vida comum das pessoas que se envolveram no conflito. Os brasileiros e mais todo o resto que já estava lá: os uruguaios, os argentinos, os peruanos. Eles estavam lá porque eles faziam parte da revolução, do movimento revolucionário [...] Eu me ative aos fatos do dia-a-dia ali. (RUAS, 2022).

É justamente sobre esse episódio específico que nos aprofundaremos no presente artigo, trazendo alguns trechos – apresentados de forma não linear e divididos ao longo de toda a obra – que consideramos mais significativos para entender a forma como o público/histórico e o privado, o real e o ficcional se cruzam no evento do golpe militar chileno, e que consequências esse cruzamento traz para as vidas cotidianas das personagens de *O amor de Pedro por João*.

Antes, porém, de nos debruçarmos de forma mais profunda no texto de Ruas, cabem algumas palavras acerca do evento histórico que funciona como pano de fundo para os trechos escolhidos da obra.

O GOLPE MILITAR CHILENO: PRELÚDIO E MOTIVAÇÕES

A ditadura militar chilena está, sem a menor dúvida, entre os mais violentos e brutais episódios da história da América Latina, e pode ser dividida em três períodos diferentes, todos eles caracterizados pelo extremado terrorismo de estado, cujo refinamento é o elemento principal de diferenciação entre as fases, conforme nos informa Silvia Sônia Simões no artigo “O golpe de estado e a primeira fase da ditadura civil-militar no Chile.”

O primeiro deles [dos períodos nos quais se divide a ditadura militar chilena], de 11 de setembro a 31 de dezembro de 1973, é definido como sendo o de consolidação da ditadura civil-militar, passando [...] de um terror não tão ordenado e planejado [...] para uma maior sistematização do sistema repressivo. O segundo período se desenvolveu entre janeiro de 1974 e agosto de 1977, estando caracterizado pela atuação da *Dirección de Inteligencia Nacional* (DINA). [...] O terceiro período situou-se entre setembro de 1977 até março de 1990, estando marcado pelas operações da *Central Nacional de Informaciones* (CNI). (SIMÕES, 2012, p.196. Grifos da autora).

O presente artigo se aprofundará no primeiro dos três períodos trazidos por Simões, especificamente na data de 11 de setembro de 1973, que é quando ocorre o golpe militar propriamente dito, motivado – segundo os argumentos apresentados pelos líderes da Junta Militar que o protagonizou – pela necessidade de “preservar a identidade histórico-cultural e moral da Pátria, o que possibilitaria a reconstrução de sua grandeza espiritual e material, que havia sido deteriorada com o governo da *Unidade Popular*” (SIMÕES, 2021, p. 197. Grifos da autora), criando uma “oposição entre chilenos e não chilenos, estes últimos sendo assim considerados porque, mesmo que tivessem nascido no território nacional, por

serem ‘marxistas’ e ‘subversivos’ atentariam, inevitavelmente, contra os valores básicos da *chilenidade*” (SIMÕES, 2012, p.197. Grifos da autora).

Esse posicionamentos de “nós” contra “eles” se manifesta efetivamente nos dias subsequentes ao golpe, quando centenas de pessoas são sumariamente fuziladas pelos militares nas ruas de Santiago, sendo que muitos deles são estrangeiros, identificados pelos líderes golpistas como terroristas que estavam presentes no Chile apenas com o objetivo de destruir a ordem institucional e política do país, conforme nos informa Cristiane Medianeira Ávila Dias no artigo “A perseguição aos brasileiros exilados no Chile após o golpe civil-militar de 11 de setembro de 1973”.

O cenário de violência vivenciado no Chile na fase pós-golpe foi noticiado pela *Folha de S. Paulo*, em matéria publicada em 17 de setembro de 1973. De acordo com o jornal, nos primeiros quatro dias após o golpe, entre quinhentas e duas mil pessoas haviam sido executadas em território chileno, embora na lista oficial divulgada pelos militares constasse apenas dezesseis mortos e cem feridos. [...]

As medidas instituídas pelo estado de guerra interna atingiram chilenos e estrangeiros que haviam se exilado no país durante o governo Allende, conceituados como “terroristas perigosos”, supostamente alinhados à subversão internacional. Baseando-se nessa diretriz, militares chilenos prenderam e torturaram vários exilados latino-americanos. (DIAS, 2022, p. 3).

Assim sendo, podemos afirmar que o golpe militar de 11 de setembro se desenvolveu sob a ideia de que se fazia necessária uma intervenção incisiva, cujo objetivo inicial seria o de proteger a cultura e o modo de vida chilenos, restabelecendo uma ordem política e social que, na verdade, servia apenas para garantir a manutenção dos privilégios das elites, e que para o cumprimento desse objetivo os fins justificariam os meios, mesmo que esses meios fossem o mais intenso e brutal terrorismo de estado.

Se o resultado alcançado com o Terror de Estado é a “ordem”, ele passa a ser válido, [...] [com] a inevitabilidade de consequências secundárias negativas, pois como a imposição de medidas coercitivas clandestinas e difusas visa à “segurança” e “paz”, a destruição de vidas humanas é algo justificável. (SIMÕES, 2012, p.198).

No que tange ao golpe militar propriamente dito, alguns dos seus eventos mais emblemáticos estão presentes na obra de Tabajara Ruas, não descritos diretamente, mas sim de forma referencial, como pano de fundo para a narrativa que se desenvolve dentro do apartamento de Dorival e Ana, onde o casal e mais dois amigos – Marcelo e Alemão – estão confinados, e onde recebem as informações sobre os desdobramentos daquele funesto dia de fim de inverno no hemisfério sul.

Selecionamos alguns excertos do romance para tratar da forma como o golpe militar é apresentado indiretamente na obra de Ruas, e como os eventos de 11 de setembro interferem no cotidiano das quatro personagens que protagonizam os trechos selecionados, para breve análise no presente artigo.

UMA VISÃO DO GOLPE MILITAR EM *O AMOR DE PEDRO POR JOÃO*.

Os eventos que culminarão com o suicídio de Allende e a instalação da Junta Militar se iniciam ainda cedo na manhã de 11 de setembro, e assim são brevemente descritos por Simões.

O golpe iniciou em Valparaíso às seis horas do dia 11 de setembro de 1973. Em Santiago, ele se deu duas horas e meia depois. A partir desse horário, iniciaram-se, nas cadeias de rádio pertencentes à oposição, os *Bandos* (Proclamações) da Junta Militar. (SIMÕES, 2012, p. 199. Grifos da autora).

O primeiro momento em que a iminência de um golpe militar aparece narrativamente na obra de Ruas se dá quando uma das personagens – Ana – entra no quarto do apartamento que divide com Dorival trazendo no rosto uma expressão de mal agouro, depois de ouvir sobre ele na padaria – fazendo referência ao horário em que as primeiras ações golpistas começaram a se desenvolver.

Dorival pressentiu que algo ia dar errado naquele dia [...] principalmente, porque quando Ana abriu a porta do quarto e perfumou a atmosfera abafada com seu cheiro de bosque amanhecendo, trazia o rosto de estátua. [...]

- O que há, pô?

- Golpe – respondeu ela. [...]

Estendeu o braço e ligou o rádio. Ficou a ouvi-lo, precariamente protegido das imagens difusas que o hino militar gerava. [...] Procurou outras estações.

- Parece que tomaram todas as rádios.

- Não me surpreende nada. [...]

- Como você soube do golpe?

- Na padaria.

- Dizem o quê?

- Desta vez é sério mesmo. São os quatro ministros militares que pedem a renúncia. [...]

- Faz um café, nega, que vou reunir o pessoal. [...]

Completava a primeira cifra do disco quando a cristaleira estremeceu com o troar avassalador da esquadrilha de jatos rente ao edifício. Ana correu à janela. Alguém atendeu na outra extensão da linha. Sim, sim. Muito bem, gracias, hombre. [...]

Ana abriu a boca para dizer algo sobre os aviões, mas a marcha militar que pairava no apartamento como impreciso plano de fundo cessou e a voz do Presidente, distante e grave, suavemente foi enchendo a sala de tristeza. (RUAS, 1991, p. 10-12).

Como podemos observar, esse primeiro excerto escolhido já nos traz os momentos iniciais em que a vida cotidiana se vê invadida – e alterada de forma irreversível – pelos acontecimentos políticos que se desenrolam em Santiago do Chile no fatídico dia 11 de

setembro de 1973, e o que de imediato nos chama atenção é o efeito que a notícia da possibilidade de um golpe militar causa no casal Dorival e Ana.

Dorival, ex-pugilista, opositor feroz do governo militar e famoso entre militares e guerrilheiros por ter encarado a guarda de um presídio – chegando a nocautear pelo menos dois soldados antes de ser dominado pelos outros, conforme é possível observar tanto em capítulos posteriores do livro quanto no curta-metragem *O dia em que Dorival encarou a guarda*, baseado na obra de Ruas – é citado duas vezes tendo pressentimentos ruins em relação à data, sendo que em uma delas o estômago dele chega a se contrair, evidenciando a presença do medo na personagem, mesmo que seja fisicamente forte, humanizando-o e rompendo a imagem de combatente inabalável que muitas vezes observamos em obras que tratam da resistência aos regimes militares.

Ana Maria, companheira de Dorival, é professora, e ambos se conheceram no avião que os enviaria ao exílio como resgate por um ministro sequestrado pela luta armada brasileira. Sem ter tido qualquer envolvimento político prévio, a personagem acabara nas mãos da repressão devido aos panfletos revolucionários distribuídos pelo seu marido, que acabou torturado até a morte. A própria Ana acabou levada com o filho para a mesma chácara em que o marido – José – estava sendo mantido. Lá ela teve seu filho assassinado, sendo depois torturada e estuprada pelos soldados em serviço.

É devido a esse trauma que a personagem muitas vezes se torna distante e ausente, e que acaba por adquirir a referida expressão de “estátua” mencionada no trecho acima, pois as ações dos militares no Chile ativam em Ana gatilhos que a fazem lembrar – e reviver, talvez – os horrores que passou nas mãos de soldados brasileiros na infame chácara em Diamantina.

Passado esse choque inicial – e enquanto há um pronunciamento de Salvador Allende na rádio – Dorival decide reunir os demais exilados que conhece em Santiago, com o objetivo de aguardar um telefonema – que nunca chegará a ser recebido – para orientá-los como proceder para escapar do país, e principalmente da violenta repressão que certamente se estabeleceria com a tomada do poder pela Junta Militar.

É interessante aqui dizer algumas palavras sobre as escolhas narrativas feitas por Ruas, que ao apresentar as ações das personagens enquanto desenrola-se o golpe militar, escolhe frases e parágrafos curtos, o que nos faz sentir certa sensação de urgência, certa tensão diante dos acontecimentos, aproximando-nos das personagens, que vivem esses mesmos sentimentos intensos enquanto esperam – e nós com elas – por uma salvação que não virá.

É com a chegada de dois desses companheiros de Dorival e Ana que temos o segundo dos excertos escolhidos para o presente artigo, em que novo pronunciamento de Salvador Allende – cada vez mais desesperançoso – desperta um sentido de urgência nos brasileiros, que começam a fazer planos para manterem-se em segurança tanto quanto possível enquanto aguardam o telefonema de um dos contatos de Dorival, conforme

instruções que em algum momento – não é especificado em qual – o ex-boxeador havia recebido.

A campainha tocou. Ana abriu a porta. Marcelo e o Alemão. Allende acabou de falar.

- O Allende acabou de discursar – disse Ana.

- O que ele disse? – disse o Alemão.

- Disse que não se entrega – disse Ana.

Dorival fez ouvir seu risinho venenoso.

- Mas num tom de voz de quem fala do túmulo. [...]

- E agora?

- Agora nada de porralouquice – disse Ana ante o olhar assombrado de Marcelo, que fizera a pergunta. – Vamos seguir direitinho tudo que havíamos combinado.

- Precisamos... – começou a dizer Dorival.

- As instruções são para que esperemos aqui – cortou Ana. – Vamos cumprir os acordos. Eles se comunicarão com a gente. [...]

O Alemão executou outra vênha, modesto, e ergueu um dedo. [...]

- O que temos de fazer é muito simples. Comprar provisões para o caso de termos de ficar muito tempo aqui, não tirar o ouvido do rádio nem do telefone, queimar imediatamente qualquer papel comprometedor e procurar saber o que acontece na vizinhança. Como aqui é perto de La Moneda...

- Falou – disse Ana. – Eu vou fazer as compras, vocês dois dão uma volta pelo centro e Dorival fica de ouvido no rádio e no telefone.

- Logo eu, pô! Qualé?

- Você que é o homem dos contatos, meu filho. E sempre fui eu a fazer compras nesta casa. Por que mudar logo hoje? (RUAS, 1991, p. 31-32).

Logo de cara, a primeira coisa que nos chama a atenção é a forma pela qual Ana, a única mulher entre os exilados no apartamento em Santiago, parece assumir a liderança do grupo, mesmo sendo ela a única que viera para o Chile sem ter participado anteriormente de nenhuma ação política de resistência – é importante destacar que Marcelo já havia participado de ações da luta armada na região sul do Brasil, mais precisamente no Rio Grande do Sul; e que Alemão, além de ex-guerrilheiro, também havia sido do exército, de onde acabou saindo devido ao preconceito existente pelo fato de ser homossexual.

Também é significativo o fato de que – de acordo com as informações obtidas no decorrer da obra – Ana foi quem – dentre as quatro pessoas presentes no apartamento – sofreu os maiores traumas e torturas físicos e psicológicos nas mãos da repressão brasileira. É verdade que em capítulos mais avançados da obra esses traumas acabam colocando a personagem em um estado de apatia tão intenso que ela acaba de fato se afastando da realidade de forma irreversível, mas até esse momento é ela quem assume

certo comando sobre os demais exilados, em um movimento que mostra a força feminina, especialmente por estar entre vários homens experientes em combate.

Para finalizar esse trecho, vale notar ainda que é Ana quem distribui as tarefas a cada uma das demais personagens – mesmo que as prioridades tenham sido elencadas por Alemão, o que era de se esperar, dado seu passado militar, com pensamentos presumivelmente racionais em momentos de crise –, assumindo ela mesma uma das mais perigosas atividades externas: a de buscar suprimentos, posto que essa tarefa sempre coube a ela, o que nos permite inferir que a personagem estava fazendo um esforço para tentar manter o máximo de calma e senso de normalidade possível, mesmo diante da iminência de acontecimentos potencialmente horríveis.

O terceiro trecho que escolhemos para nos aprofundar é justamente o que aparece quando Ana volta do armazém onde fora buscar as necessárias provisões.

- Por que demorou tanto?

Não responde. Atravessa a sala ignorando olhares, larga os pacotes na mesa da cozinha [...]

- Daqui pra frente tudo está racionado.

Sente um bafo no pescoço, vira-se, esbarra com o focinho de leão de Dorival.

- Então?

- Comprei arroz, pão, alface, açúcar –

- As novidades, pô.

Ana suspira:

- Parece que é golpe.

Dorival volta para a sala em passadas enérgicas, atira-se no sofá com um rugido.

O ruído da esquadrilha de jatos rebota nas paredes, faz Marcelo apertar os dentes, praguejar com raiva, viados.

- Toma, bobo.

Ana estende uma xícara de café para Dorival. Apanha-a com ar amuado.

- Ninguém sabe de nada na rua. Quer dizer, nada de concreto. Puro boato. E há um corre-corre nos armazéns que só vendo. Duas mulheres começaram a se puxar pelos cabelos bem na minha frente por causa de uma lata de salsichas. Fui saindo de mansinho quando chegaram os *pacos*. Já começaram a pedir os documentos para todo mundo.

- Tô ralado – rosnou Dorival.

- Faltam oito minutos – disse o Alemão.

Olharam-no com estranheza. Agora, cada um tinha sua xícara de cafezinho na mão. O novo vôo da esquadrilha obrigou-os a suspender o gole. [...]

- Como está a barra aqui? – perguntou Marcelo. – Documentos, armas...

- Limpa. – Dorival pousou a xícara na mesinha em frente. – Tenho minha

Browning, né. Aquela que tomei dum *patria y libertad*. E meia dúzia de balas. Mais nada.

O Alemão sentou no chão, ao lado da guitarra, tocou-a de leve, carinhoso, como quem pede calma, e olhou o relógio.

- Faltam cinco.

Dorival fulminou-o.

- Mas que mania é essa?

- Se o Allende não se entrega em cinco minutos... (RUAS, 1991, p. 50-51. Grifos do autor).

A citação acima novamente nos traz uma série de elementos que podem ser objetos de nossa reflexão, sendo que o primeiro deles consiste outra vez nas reações das diferentes personagens diante das incertezas sobre o futuro, da iminência ou não de um golpe.

No trecho acima vemos principalmente a ansiedade e a tensão das diferentes personagens, quando Dorival se joga pesadamente no sofá, quando Alemão acaricia o instrumento musical que havia levado para o apartamento, e na forma pela qual Marcelo xinga os aviões que sobrevoam ameaçadoramente o prédio e o bairro, rumo ao palácio do governo.

Os rasantes dos aviões militares chilenos, aliás, são elemento presente em praticamente todos os trechos que falam do golpe militar e dos dias subsequentes a ele, e em cada caso tais voos ameaçadores interrompem algum tipo de ação das personagens, como se os colocassem em estado de extremo alerta e medo.

Uma vez mais, aqui se faz necessária uma observação acerca dos procedimentos narrativos adotados por Ruas no que diz respeito à quase onipresença dos aviões nos trechos da obra que tratam do golpe. Eles funcionam como um alerta para a iminência da derrubada do governo, e não apenas para as personagens, mas também para os leitores, pois na medida em que se tornam cada vez mais frequentes suas aparições, e mais próximas do palácio *La Moneda*, sentimos que também se aproxima o clímax do episódio, e da mesma forma que os quatro amigos são colocados em “suspensão” pela força aérea chilena, nós também o somos, esperando pelo inevitável desfecho que as páginas literárias emprestaram da cruel realidade.

Podemos observar ainda, na citação acima, que o Alemão não para de contar os minutos que faltam para o encerramento do prazo dado pelos militares para a renúncia de Salvador Allende, em referência ao cerco que as tropas golpistas estabeleceram em torno do palácio *La Moneda*, dando um ultimato ao presidente Allende.

O Palácio *La Moneda* foi cercado pelos tanques do Exército às nove horas, horário em que a Junta transmitiu outro *Bando*, desta vez convocando os cidadãos a delatar elementos “subversivos”. Às nove e meia dirigiram um *ultimatum* ao presidente Allende e seus aliados para que deixassem o *La Moneda* antes das onze horas, pois, do contrário, seriam atacados por terra e por ar. (SIMÕES, 2012, p. 199).

Também é possível observar no excerto acima como os eventos políticos interferem de forma direta na vida cotidiana dos chilenos, uma vez que Ana, ao voltar das compras, traz informações – boatos, nas palavras dela – sobre o que estaria acontecendo no país, com rumores cada vez mais fortes de um golpe militar contra Salvador Allende: o corre-corre das pessoas para conseguirem alimentos, chegando ao ponto extremo da disputa física pelos mesmos; a incerteza do que estaria por vir nas horas e dias subsequentes; e as atitudes dos policiais – chamados de *pacos* no trecho destacado, que é uma gíria chilena para referir-se a eles –, que já começavam a pedir documentos a todos que encontravam.

Essa situação ocorrida no armazém e relatada por Ana é mais um indício da forma como o contexto político real de Santiago aparece influenciando a vida cotidiana das personagens na obra de Ruas, uma vez que os corre-corres para os armazéns e a disputa física por determinados produtos – exemplificada pela lata de salsichas – não é algo que se possa compreender como cotidiano, mas sim produto da incerteza social ocasionada pela instabilidade política. Também é fruto dessa instabilidade a postura dos policiais em solicitarem os documentos de todas as pessoas, o que podemos presumir que não ocorria da mesma forma fora do contexto golpista chileno.

A própria necessidade de racionamento das provisões, mencionada por Ana, evidencia outra intersecção entre a vida cotidiana e os eventos políticos que se desenrolavam ao lado, posto que em uma situação normal não haveria a necessidade de tal atitude, a não ser em casos de carência extrema, que não parece ser a realidade das personagens do romance.

Ao encerrar-se o prazo estabelecido pelos militares sem que Allende tivesse renunciado, “foi transmitido o *Bando* que decretou o *Estado de Sitio* e o *Toque de Queda* (toque de recolher)”. (SIMÕES, 2012, p. 199. Grifos da autora). Nesse momento, na obra de Ruas, os hinos marciais que tocavam na rádio de forma contínua durante todo o dia são suspensos para o pronunciamento oficial de um porta-voz das Forças Armadas do Chile, como podemos ver abaixo.

- *Atención*, chilenos! [...]

- Este é o comunicado *Número Uno de las Fuerzas Armadas de Chile* para o povo chileno. Desencadeamos a partir desta madrugada uma operação militar contra os inimigos da pátria, em especial contra os mercenários estrangeiros que vieram à nossa terra derramar o sangue de nossos irmãos. A partir desse momento fica declarado o estado de Lei Marcial em todo o território chileno, já que o senhor presidente da República não quis negociar nem aceitar as condições das Forças Armadas. A partir das doze horas será iniciado o toque de recolher. Todo cidadão que se encontrar na rua será automaticamente preso. Todo cidadão que portar armas de qualquer espécie será fuzilado no ato. Repetimos: todo cidadão –

Os aviões regressaram em vôo rasante, estremeceram os vidros nas janelas, abafaram a voz do locutor. Dorival correu as cortinas com fúria.

- Porra! – sua voz confundiu-se - ... será fuzilado no ato! – com a voz do locutor

– estamos presos nesta bosta! (RUAS, 1991, p. 50-52. Grifos do autor).

Nesse trecho dois pontos nos chamam a atenção de forma mais intensa e contundente, sendo que o primeiro deles consiste no fato de que o pronunciamento da Junta Militar dá instruções que acabam por tornar o apartamento de Dorival e Ana uma espécie de prisão, como o próprio ex-pugilista afirma no final da citação.

Essa “conversão” inevitavelmente tem um peso bastante intenso sobre todos os brasileiros ali presentes, uma vez que cada um deles – em momentos e de formas diferentes – já esteve preso no Brasil antes de se tornar exilado no Chile, e a condição de estarem novamente presos – ainda que em um apartamento, e não em uma cela – deixa o ambiente ainda mais incerto e ameaçador.

Essa ameaça se materializa por novo rasante, que estremece as janelas do apartamento e provoca em Dorival a reação impulsiva de fechar as cortinas, como que para proteger a si mesmo e os seus dos aviões militares chilenos.

O segundo ponto que nos chama bastante atenção consiste no fato de que estrangeiros são explicitamente citados no pronunciamento apresentado no texto, sendo classificados como mercenários cujo objetivo maior seria o de subverter a ordem nacional, trazendo ideais revolucionários. Essa fala dos militares chilenos ecoa literariamente as palavras de Dias acerca da perseguição da Junta Militar aos estrangeiros presentes no país.

Pouco tempo depois do pronunciamento militar os aviões cumprem a ameaça, bombardeando a sede do governo, ocasionando o suicídio de Salvador Allende e o início efetivo da ditadura militar no Chile.

O ataque aéreo começou às onze horas e cinquenta e dois minutos, seguidos por mais seis bombardeios nos vinte e um minutos seguintes. Allende suicidou-se entre as treze horas e cinquenta minutos e quatorze horas e vinte minutos. A Junta constituiu-se formalmente às dezesseis horas. (SIMÕES, 2012, p. 199).

O último excerto escolhido para estudarmos no presente artigo é bastante melancólico, tratando do golpe militar propriamente dito, com a morte de Allende e de seu governo popular, além do início da repressão mais contundente contra os estrangeiros; do sentimento de que o telefonema salvador que aguardam nunca será recebido; e a certeza de que serão todos mortos caso caiam nas mãos dos militares chilenos.

Mesmo com todo esse peso emocional, o destaque narrativo não é dado ao golpe militar em si, mas sim às palavras tristes de Dorival ao propor um brinde desesperançado à atitude de um dos vizinhos do casal, que de uma janela desconhecida dispara contra os militares que patrulham as ruas, criando um ambiente que é a um só tempo de melancolia e esperança, posto que mesmo diante da tragédia efetivada, alguém ainda encontra coragem para resistir à violência que a Junta Militar já começava a espalhar pelas ruas chilenas.

Dorival [...] Apanhou uma garrafa de vinho tinto.

- Safra de 50, coisa fina. Presente da Mara.

Olhou para o silêncio de Ana, cada vez mais pedra.

- Eu sei que bombardearam o Palácio do Allende, possivelmente mataram o Allende, acabaram com o governo popular, vão nos fuzilar a todos, se puderem. Mas enquanto há tempo, quero beber um copo, não em homenagem ao Allende, porque, vivo ou morto, ele vai ser muito homenageado depois do dia de hoje. Quero beber ao meu vizinho.

- Que vizinho?

Olhou Ana com paciência, tirou a rolha da garrafa, despejou vinho nos quatro copos sobre a mesa, levemente cerimonioso e distribuiu-os um a um.

- Que vizinho? – disse Dorival. – Esse do edifício ao lado. Esse que eu não conheço, não sei quem é, nunca vi, mas está enfrentando os *fachos*, sozinho, armado com um 32.

- 22

Olhou para o Alemão.

- Não importa. Enquanto nos sentamos aqui ouvindo rádio, pensando merda e esperando um telefonema que nunca vai ser dado, um vizinho meu, que eu não conheço, mata milicos.

Ergueu o copo.

- Eu bebo a isso. (RUAS, 1991, p. 69-70. Grifos do autor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo revisitado de forma bastante breve alguns conceitos fundamentais de Literatura de Resistência e de Metaficção Historiográfica, bem como das relações entre o Real e o Ficcional, e feito uma leitura atenta e tão aprofundada quanto o possível dentro do espaço de um artigo, pudemos observar que a obra *O amor de Pedro por João*, de Tabajara Ruas – sobretudo no recorte escolhido do golpe militar de 11 de setembro de 1973 – possui certas características bastante marcantes e inovadoras para a época de sua publicação, uma vez que não são os eventos políticos em si, mas as consequências deles no dia a dia das personagens que recebem maior destaque na narrativa.

Isso está de acordo com a proposta do autor – conforme fomos informados acima, pelas palavras do próprio Ruas – e nos leva a refletir sobre a Literatura de Resistência sob um novo prisma que não o da mistificação da luta armada, seja para heroizar seus membros, seja para pintá-los com cores exageradamente melancólicas.

Esse novo prisma – que hoje vemos reproduzido em várias obras do gênero – é o da humanização da figura do guerrilheiro político, que com toda sua coragem de enfrentar e resistir a regimes positivamente sanguinários, não deixa – e nem pode deixar de ser, mesmo na Literatura – uma figura humana completa, com seus defeitos, medos, traumas e complexidades.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. *Novos estudos CEBRAP*. São Paulo, n.77, p. 205-220, 2007.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistências. In: *Itinerários*. Araraquara, n.10, 1996.
- DIAS, Cristiane Medianeira Ávila. A perseguição aos brasileiros exilados no Chile após o golpe civil-militar de 11 de setembro de 1973. *Oficina do historiador*. Porto Alegre, v. 15, n.1, jan-dez/2022, p. 1-11.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- RAMOS, Hilário Correia. *Tempo e acontecimento: A história social e o pensamento de Jacques Rancière*. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2019.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: 34, 2005.
- RUAS, Tabajara. *O amor de Pedro por João ou o dia em que Dorival encarou a guarda*. Porto Alegre: L&PM, 1991.
- _____. *Entrevista concedida a Evandro Fantoni Rodrigues Alves*. Florianópolis, 04 de abril de 2022.
- SANTOS, Pedro Brum; TUZZIN, Maria Iraci Cardoso. De um escritor escrevente: “O amor de Pedro por João”. *Caletroscópio*. Ouro Preto, vol. 4, n. 7, jul-dez/2016, p. 290-307.
- SIMÕES, Sílvia Sônia. O golpe de Estado e a primeira fase da ditadura civil-militar no Chile. *Espaço Plural*. Ano XIII, n.27, 2º sem. 2012, p. 195-213.

GLOSSÁRIO: A TABUIZAÇÃO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS PARA *PROSTITUTA*, NO MARANHÃO

Data de aceite: 03/04/2023

Paulo Gabriel Calvet Ribeiro

RESUMO: O presente artigo considera as denominações para *prostituta* no estado do Maranhão, tendo como base a tabuização e levando em conta os processos de formação de palavras. Para tanto, discute-se a proposta de tabus linguísticos defendida por Guérios (1956) e Ulmann (1987), além de estudos previamente realizados no Maranhão e no Brasil sobre os tabus linguísticos presentes nas denominações para *prostituta*, como em Pereira (2010), Guedelha (2011) e Ribeiro (2012, 2013). Defende-se que os processos de formação de palavras também constituem um mecanismo de fuga relevante e produtivo. Assim, não se pode deixar de mencionar os processos de formação de palavras focalizados em Mattos e Silva (2007) e Correia e Almeida (2012). Desta forma, é apresentado um glossário que, para sua elaboração, seguiu as seguintes etapas: pesquisas bibliográficas, delimitação e seleção do corpus, preenchimento de fichas lexicográficas, análise dos dados e a redação dos 46 verbetes do glossário, que seguem a estrutura: **Item lexical +**

Classificação morfológica +/- Processo(s) de formação de palavras +/- **Etimologia + Variante + Motivação +/-** Remissiva. Pode-se concluir que o glossário apresenta contribuições relevantes para o estudo do léxico, além de evidenciar a relação existente entre os tabus linguísticos e os processos de formação de palavras no português falado no Maranhão.

PALAVRAS-CHAVE: Tabu linguístico. Prostituta. Formação de palavras. Glossário.

GLOSSARY: THE TABUIZATION AND THE WORD FORMATION PROCESS FOR *PROSTITUTE*, IN MARANHÃO STATE

ABSTRACT: This article considers the names for *prostitute* in the Brazilian State of Maranhão, considering the linguistic taboos and the word formation. For the construction of this glossary, it is discussed the proposal of linguistic taboos presented by Guérios (1956) and Ulmann (1987). It is also considered previous studies developed in Maranhão and Brazil about the linguistic taboos in the names used to *prostitute*, as Pereira (2010), Guedelha (2011) and Ribeiro (2012, 2013). Considering the substitution strategies of the linguistic taboos presented

in Guérios (1956) and Ullmann (1987), it is defended that the processes to formation of words are also a relevant and productive process. So, it is also mentioned the word processes focused by em Mattos e Silva (2007) e Correia e Almeida (2012). For the elaboration of the glossary, it was necessary to develop bibliographic searches, delimitate the corpus, filling of lexicographic files, analysis of data and the writing of 46 entries, which follows the structure: **Word** + Morphological classification + Word formation +/- etymology + variant + **Motivation** +/- remissive. It is possible to conclude that this glossary presents important contributions to the lexicon studies, besides evidencing the relationship between linguistic taboos and the word formation process in spoken Portuguese in Maranhão.

KEYWORDS: Linguistic taboo. Prostitute. Word formation. Glossary.

INTRODUÇÃO

Não é difícil encontrar pessoas que evitam pronunciar o item lexical *câncer*, por acreditar que só o fato de o proferir já seria capaz de trazê-lo para próximo de si ou, até mesmo, encontrar pessoas que não mencionam e nem gostam de ler os itens lexicais *satanás* e/ou *diabo*. Esses exemplos sinalizam a existência de tabus linguísticos que decorrem de causas sobrenaturais, de medo, e são tentativas de não se proferir certos itens lexicais.

Além de tabus sobrenaturais, deve-se mencionar a existência de tabus de decência ou de decoro (cf. ULLMANN, 1987), que se relacionam de forma mais explícita com o social e trazem evidências de como as comunidades linguísticas concebem determinadas questões sociais. Por exemplo: quando se ouve ou se profere o item lexical *prostituta*, ou o eufemismo (cf. GUÉRIOS, 1956), *profissional do sexo*, logo se faz uma associação de ideias com as pessoas que têm como atividade de subsistência econômica “entregar-se à cópula sexual por dinheiro” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2316), o que leva, ainda, a se pensar em uma ocupação desvalorizada, marginalizada, que expõe suas trabalhadoras a danos em sua própria saúde, sem um futuro promissor e com pouca aceitação social. Essas formas de pensar a prostituição evidenciam a existência de um tabu social, com influência religiosa, que atinge essa profissão, materializando-se no nível linguístico.

É na existência desse tabu, presente nas denominações para *prostituta*, e levando em consideração que, conforme Guérios (1956) e Viaro (2014), os tabus linguísticos abrem uma brecha e são responsáveis pela criação ou ressurreição de muitas palavras. Nesse sentido, este estudo focaliza, de forma mais particular, o tabu linguístico presente no português falado no Maranhão, considerando a tabuização e levando em conta os processos de formação de palavras, para cuja realização se fez necessário a elaboração de glossário, com vistas a investigar a variação lexical para *prostituta*, no Maranhão; fazer o levantamento de expressões, termos e suas variantes referentes a *prostituta*, tendo como base o *corpus* e as lexias constantes do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALIMA) e dos estudos de Ribeiro (2012, 2013); analisar, nos verbetes do glossário, os processos de formação de palavras, a classificação morfológica e as motivações intra e extralinguísticas

presentes nas denominações para *prostituta* no Estado do Maranhão.

A RELAÇÃO ENTRE OS TABUS LINGÜÍSTICOS E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Uma vez que os falantes tendem a utilizar recursos para fuga de expressões que são tabus, há a necessidade da utilização de estratégias para substituição dos itens tabuizados.

Dessa forma, Ullmann (1987, p. 434), defende que há “processos pelos quais se pode preencher uma brecha aberta pelo tabu”. Esses processos são discutidos em Guérios (1956) e Ullmann (1987), que abordam os mecanismos utilizados na substituição para fuga dos vocábulos tabus. Assim, Guérios (1956, p. 20) faz o seguinte questionamento: “Se é vedado pronunciar uma palavra, se esta é tabu, então qual é o recurso ou processo de que se lança mão para exteriorizar a idéia expressa por ela, uma vez que se faz mister exprimi-la?”

Para responder a esse questionamento, o autor menciona 14 possíveis estratégias de fuga, como, por exemplo, substituição por gesticulação, deformação fonética, dentre outros. Além das estratégias apresentadas por Guérios, há também a proposta de Ullmann (1987), que defende a existência de duas formas de mecanismo de fuga de expressões tabus: a modificação (de natureza fonética e fonológica) e a substituição (de natureza lexical ou semântica). Dessa forma, afirma-se que os processos de formação de palavras, no que se refere ao tabu linguístico presente nas denominações para *prostituta*, compreendido neste estudo como tabu impróprio, de natureza social e de decência, com influência religiosa, constituem estratégias relevantes de fuga das denominações consideradas tabus e que gera, por outro lado, ampliação no léxico.

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: AMPLIAÇÃO LEXICAL

Durante as diversas situações comunicativas, não é difícil observar que palavras são criadas, por razões diversas, com bastante frequência. Essas criações permitem compreender que, nas diversas comunidades linguísticas, há uma constante renovação do léxico, compreendendo léxico como o “[...] o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si” (VILELA, 1997, p. 31). Nesse sentido, apresentam-se, de forma breve, os processos de formação de palavras e seus conceitos.

Processo de formação	Conceito
Derivação	Por um lado, temos a derivação afixal (em que intervêm afixos derivacionais), que é a mais típica de todas, e, por outro, temos a chamada derivação não afixal, a conversão, em que não intervêm quaisquer afixos, ocorrendo apenas uma mudança categorial (e flexional e semântica) do radical que é alvo da derivação. (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 38).
Composição	Pela composição dá-se uma associação significativa e formal entre duas palavras, e daí resulta uma nova, em que se combinam as significações das que as constituem (MATTOS e SILVA 2007, p. 584),
Processos de deformacionais	Os processos de deformacionais podem ser assim denominados por haver “deturpação da integridade morfológica dos radicais envolvidos na construção de seus produtos”, como as amálgamas, trunções e as siglas e acrônimos. (CORREIA & ALMEIDA, 2012, p. 56).
Lexicalização	Processos nos quais há mudanças nas estruturas morfológicas ou sintáticas, de modo que a definição de unidades lexicais ou discursivas não pode ser compreendida apenas pela estrutura aparente.
Novidade semântica	Ocorre novidade semântica, em oposição à novidade formal, “quando o neologismo corresponde a uma nova associação significado-significante, isto é, uma palavra já existente adquire uma nova aceção”. (CORREIA & ALMEIDA, 2012, p. 24).
Importação de palavras de outras línguas.	“Estrangeirismo” denota uma unidade importada de outra língua que não sofreu quaisquer adaptações à língua de chegada, ao passo que “empréstimo” denota uma palavra estrangeira que se adaptou ao sistema linguístico de acolhimento, ou seja, no nosso caso, foi aportuguesada.

Após apresentar os processos de formação de palavras mais produtivos na língua portuguesa, busca-se observar os processos presentes nas denominações para *prostituta*, no estado do Maranhão.

METODOLOGIA DA PESQUISA E DE ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO

Para a efetivação deste trabalho, de natureza qualitativa, fez-se necessária a realização de pesquisas bibliográficas em livros, dicionários gerais e dicionários especializados, vocabulários regionais, teses, dissertações, artigos científicos, sobre os temas: prostituição, tabu linguístico, sexo, sexualidade, processo de formação de palavras, elaboração de glossários. A segunda etapa consistiu na delimitação e seleção do *corpus*, tomando como base as denominações para *prostituta* analisadas nos estudos de Ribeiro (2012, 2013). A terceira etapa consistiu na análise dos dados, por meio de preenchimento de fichas lexicográficas e a análise dos dados codificados. E, em um último momento, foi realizada a elaboração dos verbetes do glossário.

Para a constituição do *corpus* da pesquisa, foram considerados os dados tratados nos estudos de Ribeiro (2012, 2013). Ribeiro (2012) investiga a variação lexical de *prostituta* na cidade de São Luís – Maranhão, considerando a relação entre léxico, sociedade e

cultura. Para tanto, o autor adotou a seguinte metodologia: seleção de 10 sujeitos, todos do sexo masculino, distribuídos por duas faixas etárias – faixa I (de 20 a 30 anos) e faixa II (a partir de 40 anos, que residiram ou trabalharam na ZBM – Zona de Baixo Meretrício¹); realização de entrevista e análise dos dados. O estudo, diageracional, objetiva confrontar as denominações atribuídas às “profissionais do sexo” entre as décadas de 1940 e 1950 e evidencia denominações diferenciadas para prostituta, influenciadas pelo fator faixa etária.

Já Ribeiro (2013) toma como base, para a elaboração de seus dados, o *corpus* extraído do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão –ALiMA, referente aos municípios que compõem a rede de pontos do Projeto. Os dados são obtidos por meio de aplicação de questionários, divididos igualmente pelos dois sexos e por duas faixas etárias, faixa etária 1 (18 a 35 anos) e faixa etária 2 (50 a 65 anos), sendo os informantes naturais das localidades investigadas.

Foram consideradas as respostas dadas pelos informantes à pergunta de número 139 do questionário semântico-lexical do ALiMA: “Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?” As respostas fornecidas a essa questão, pelos informantes, permitiu a análise da tabuização para prostituta, considerando os fatores faixa etária e sexo.

GLOSSÁRIO

O glossário, neste estudo, é a síntese das propostas e teorias movidas nos itens anteriores. Para tanto, apresenta-se um glossário que tem as seguintes características:

- Formado por 46 entradas, apresentadas de forma alfabética e linear;
- Os verbetes seguem a estrutura:

Item lexical + Classificação morfológica +/-Processo(s) de formação de palavras +/- Etimologia + Variante + Motivação +/- Remissiva. Assim:

- Para a classificação morfológica, considera-se, para os casos de lexicalização, que há formação de sintagmas nominais femininos, como em: **Faz ponto sint. nom. f/m;**
- A etimologia não é apresentada apenas nos itens que ainda não estão presentes nos dicionários e nos itens formados por processo de lexicalização.

1 Trecho localizado no Centro Histórico da capital do estado do Maranhão, formado por “quatro quarteirões e algumas vielas de inestimável valor arquitetônico e cultural que abrangiam as ruas da Estrela, Palma, 28, entre outras” (TEIXEIRA, 2002, p. 9).

A

“**A fiel**” *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização + extensão semântica.

Variante genérica para *prostituta* • **Motivação:** O item lexical *fiel*, como registra Ferreira (1986), é a pessoa “que cumpre aquilo a que se designa”, sugerindo que a prostituta também pode ser denominada de “a fiel” por ser fiel ao compromisso assumido junto aos clientes, cumprindo o combinado para obtê-lo.

Aquela que costura pra fora *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização + extensão semântica.

Variante genérica para *prostituta* • **Motivação:** *Costurar*, registram Houaiss e Villar (2001), significa “estabelecer, promover (alianças, acordos, etc) em conversas, geralmente com várias pessoas, a fim de se conseguir alguma coisa. Girão (2007) define *mulher que costura para fora* como mulher infiel ao marido. *Aquela que costura pra fora* para denominar as prostitutas faz sentido quando se considera que, assim como as mulheres infiéis, essas profissionais fazem atividades sexuais fora de casa. Pelo fato de o sexo envolver tabu, essas atividades são consideradas inadequadas.

B

Bandida *s.f.* • Empréstimo + extensão semântica. • **Etimologia:** Do it. *Bandito*, registra Cunha (2007).

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** *Bandido*, registram Houaiss e Villar (2001) quer dizer “pessoa sem caráter, de maus sentimentos”. O emprego de *bandida* evidencia a existência de tabu que permeia essa profissão, sugerindo que essas profissionais, assim como os bandidos, estão sempre à margem da sociedade.

Bitch *s.f.* • Estrangeirismo

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** vem do inglês Ee pode ser traduzido, de forma livre, por *puta*. Uso comum e frequente em filmes, músicas e séries norte- americanas.
nl

C

Camélia *s.f.* • Extensão semântica. • **Etimologia:** do latim científico “*Camellia*”, registram Houaiss e Villar (2001).

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Camélias são “plantas com flores vermelhas, brancas ou rosas, muito perfumadas, registram Houaiss e Villar (2001). Souto Maior (1988) define *camélia* por mulher perdida, prostituta e defende que essa denominação possivelmente decorre da obra *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas. Concorda-se que a motivação possa estar relacionada a essa obra de Dumas, mas a definição apresentada por Houaiss e Villar também deve ser considerada – no Maranhão, é comum ouvir, quando na presença de uma pessoa bastante cheirosa, a expressão: você está mais cheiroso(a) que penteadeira de puta! Expressões como essa parecem sinalizar que as prostitutas geralmente utilizam perfumes em demasia. Assim, acredita-se que o uso de *camélia* se relaciona com a associação existente entre o aroma forte das camélias com os perfumes excessivos utilizados pelas prostitutas.

Corinho (a) *s.f.* • Extensão semântica + derivação sufixal • **Etimologia:** Do lat. *cōriūm*”, registra Cunha (2007).

Variante específica para *prostituta*. Prostituta que acaba de entrar na vida de prostituição. •

Motivação: nas primeiras definições, couro é definido como sendo a pele de certos animais. Ferreira (1986), Houaiss e Villar (2001) registram couro como designação para prostituta velha. Em adição a essa definição, cita-se Girão (2007), que define courão: “mulher velha e feia, prostituta em decadência”. Mesmo que de forma inconsciente, os falantes utilizam courinho para a prostituta recém-chegada e courão para a prostituta já velha e decadente. Além disso, há uma relação metafórica que relaciona o hímen, do órgão sexual feminino, atestado de virgindade à condição de prostituta novata, ou seja, praticamente virgem na prostituição ou recentemente desvirginada.

F

Falsa *s.f.* • Extensão semântica • **Etimologia:** do latim “*falsus*”, como registra Cunha (2007).

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** *falso*, registra Houaiss e Villar (2001) pode ser definido como algo “em que há mentira, fingimento, dolo”. Essa definição permite refletir que faz sentido, para os falantes, denominar a prostituta por falsa, considerando que essas profissionais têm de simular interesse sexual pelos clientes, fingindo, inclusive, o alcance do ápice/clímax nas relações sexuais.

Faz ponto (a) *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização + extensão semântica.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** *Fazer ponto*, registram Houaiss e Villar (2001), significa frequentar regularmente algum lugar. Faz sentido pensar que a denominação *faz ponto*, aludindo às prostitutas, decorre do fato de que muitas dessas profissionais trabalham na rua, utilizando-se de locais específicos, pontos de prostituição, definidos, marcados e respeitados rigorosamente.

Filha s.f. • Extensão semântica. • **Etimologia:** do latim “filius, filia”, registra Cunha (2007).
• Variante específica para *prostituta* – forma como as cafetinas se dirigem às prostitutas.

Motivação: *Filha*, registra Ferreira (1986) pode ser definido como “pessoa do sexo feminino em relação a seus pais”. O informante que citou esse item lexical explicou que filha é a forma como as cafetinas se dirigem às prostitutas que trabalham em seu estabelecimento, sugerindo uma relação maternal ou de proteção.

Fuleira s.f. • Empréstimo + extensão semântica. • **Etimologia:** “de origem controversa, do espanhol fullero”, registram Hoauiss e Villar (2001).

Variante específica para *prostituta*. • **Motivação:** *Fuleiro*, registra Ferreira (1988), é algo “sem valor, insignificante, reles”. Acredita-se que, mais uma vez, o uso de fuleira evidencia a existência de tabu que permeia essa profissão, sugerindo que essas profissionais não apresentam valor social.

G

Galinha s.f. • Extensão semântica. • **Etimologia:** “Do lat. *gallina*”, registra Cunha (2007).

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Galinha, em uma primeira acepção, pode ser definida como “a fêmea do galo”, como registram Ferreira (1986) e Hoauiss e Villar (2001). Mas, nas definições seguintes, os mesmos autores definem galinha como “coisa fácil de se conseguir” ou “diz-se de ou indivíduo que (mulher ou homem) que varia facilmente de parceiro amoroso ou sexual”. Para Souto Maior (1988), é a “mulher que se entrega com facilidade”. Em Girão (2007, p. 218), consta a definição: “A mulher casada ou solteira, que faz coito contra a natureza ou o barateia, mulher sem vergonha”. Relaciona-se ainda o uso de *galinha* com a ideia de “arrastar asa para todos”, denotando promiscuidade, troca frequente de parceiros.

Garota de programa sint. nom. f. • Composição + lexicalização.

Variante específica para *prostituta*, definida como “mulher jovem que se prostitui sem se expor nas ruas como a prostituta comum, geralmente fazendo contatos por telefone”, registram Houaiss e Villar (2001). • **Motivação:** *Programa* é definido por Hoauiss e Villar (2001) como “Diversão, recreação previamente planejada”. Faz sentido considerar que a motivação para o uso de garota de programa é influenciada por essas duas características: 1. Empregado para designar prostituta jovem; 2. Essa prostituta jovem deve, no momento do trabalho, cumprir ações sexuais acordadas, necessárias para ter direito à remuneração.

M

Machado (a) *s.f.* • Extensão semântica. • **Etimologia:** Do lat. **marculatum*, de *marcŭlus*, dimin. de *marcus* ‘martelo’, registra Cunha (2007).

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Machado pode ser definido como um “instrumento cortante que se usa, encabado, para rachar lenha, aparelhar madeira, etc.”, registra Ferreira (1988). De acordo com Euclides Carneiro da Silva, citado por Souto Maior (1988), *machado* pode também ser definido como uma “mulher sexualmente insaciável. Acredita-se que *machado*, empregado para designar as prostitutas, relaciona-se com o nome popular dado ao órgão sexual masculino – *pau*. Assim como o instrumento machado é utilizado para cortar madeira, lenha, muitas vezes derrubando árvores que estão em pé, as prostitutas trabalham diretamente com o órgão sexual masculino fazendo-o ficar ereto, para depois “derrubá-lo” quando da ação de gozo.

Maria-vai-com-todos *sint. nom. f/m* • Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** esse item lexical não está registrado nas obras lexicográficas consultadas. Oportuno mencionar o significado para *Maria-vai-com-as-outras*: “pessoa sem personalidade, que se deixa facilmente influenciar ou levar pelos outros”, registram Hoauiss e Villar (2001, p. 1854). Deve-se considerar que o informante que a empregou forneceu a razão para essa denominação. Segundo ele, que é comerciante no Centro Histórico da cidade de São Luís desde a época da antiga Zona de Baixo Meretrício, havia, em um dado momento da ZBM uma prostituta chamada Maria, que exigia critérios mínimos de seleção para escolha dos clientes. Retomando as palavras do comerciante: “qualquer homem estava valendo, ia para a cama com todos”. Assim, há relação possível entre *Maria-vai-com-todos* e *maria-vai-com-as-outras*: ambos os itens lexicais denotam uma pessoa que facilmente é influenciada a fazer algo.

Mensalina. Messalina *s.f.* • Extensão semântica. • **Etimologia:** “Do antr. Messalina, imperatriz romana”, registra Cunha (2007). Antropônimo de formação no latim. Manutenção de forma do latim, com variação fonética.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** “Messalina, da mulher de Cláudio I, (10 a.C. – 54 d.C., imperador de Roma, famosa pela devassidão”, como registra Ferreira (1986). Pode ser, neste caso, uma menção a Valéria Messalina, esposa do imperador romano Claudius I, conhecida por ser adúltera. Conta-se que apostou com uma prostituta quem teria o maior número de relações sexuais em 24 horas. A prostituta desistiu antes de terminado o prazo e Messalina continuou por mais de 24 horas. Ficou na história como exemplo de mulher dissoluta, lasciva.

Meretriz *s.f.* • Derivação sufixal • **Etimologia:** ‘Do latim *merētrīx, cis*, de *merēre* ‘ganhar dinheiro’, registram Houaiss e Villar (2001). Manutenção de forma latina.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** De acordo com Houaiss e Villar (2001), o sufixo *-iz* “funciona como formador de femininos do latim”. Desse modo, considerando o papel morfológico do sufixo *-iz* e a etimologia desse item lexical, acredita-se que houve um processo de derivação sufixal, decorrente da ideia de “mulher que ganha dinheiro” no meretrício.

Motosserra *s.f.* • Amálgama + extensão semântica. • **Etimologia:** *moto* (r) + *serra*, como registram Houaiss e Villar (2001).

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Motosserra é, de acordo com Houaiss e Villar (2001), uma “serra acionada por um motor, portátil, usado especialmente para corte de madeiras, árvores, etc.”. Motivação semelhante a *machado*. Ver *machado*.

Mulher baixa *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Baixa: “(...) diminuição da altura ou de valor”, como registra Ferreira (1986). Assim, quando se utiliza *mulher baixa*, como variante para prostituta, não é feita alusão a uma mulher de baixa estatura, mas a uma profissional do sexo, evidenciando a existência de tabu que permeia essa profissão, sugerindo que essas profissionais não apresentam valor social.

Mulher barata *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Barata: “mulher velha, carocha”, registra Ferreira (1986). Barato: “que se vende por baixo preço”, como registram Houaiss e Villar (2001). O uso de *mulher barata* prova a existência de tabu que permeia essa profissão, sugerindo que essas profissionais não apresentam valor social, uma vez que se utilizam de relações sexuais para obtenção de dinheiro.

Mulher da vida *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Aparece definida como *meretriz* em Ferreira (1986), Souto Maior (1988). Houaiss e Villar (2001) e Girão (2007). *Mulher da vida* denota a ideia de uma mulher entregue à própria sorte, de vida livre, sem controle. Redução de mulher da vida airada, sendo que vida airada significa “vida de vagabundo”.

Mulher da zona *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização.

Variante específica para *prostituta*. • **Motivação:** significa, de acordo com Souto Maior (1988), a “prostituta profissional que reside na zona de meretrício”.

Mulher de programa *s.f.* • Composição + lexicalização.

Variante específica para *prostituta*. • **Motivação:** Não apresentada em Ferreira (1988). Para Houaiss e Villar (2001), é: “1 Mulher que, mediante pagamento, acompanha um homem de negócios e deve comportar-se de modo previamente planejado. 2 Aquela que, também mediante pagamento, participa de encontros com fins sexuais e/ou de lazer”. Ver *garota de programa*.

Mulher de soldado *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização.

Variante específica para *prostituta*. • **Motivação:** “Prostituta reles”, registra Souto Maior (1988). Algumas características apresentadas sobre o ofício de cabos e soldados da polícia militar, sob código 0212, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 2002) merecem destaque. Na seção que trata das condições gerais de exercício para esse ofício, encontra-se que “o horário pode ser diurno, noturno ou em rodízio de turnos. Permanecem, durante longos períodos, em posições desconfortáveis, e trabalham sobre pressão, o que pode levá-los a situações de estresse” (Ministério do Trabalho e Emprego, 2002 p. 37). Essa definição da CBO permite que se faça algumas inferências sobre a motivação para essa denominação, que pode acontecer por uma associação de ideias. Como, por exemplo, afirmar que os soldados apresentam um trabalho desgastante, com uma carga horária excessiva e irregular, o que poderia levar a se pensar que uma “mulher de soldado” pode ter e, ao mesmo tempo, não ter um homem – um marido, porque passam muito tempo sozinhas, o que se assemelha a ter e não ter homem também na vida das prostitutas – tem vários parceiros, mas nenhum deles tende a se tornar fixo.

Mulher de vida fácil *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Forma não apresentada nas obras consultadas. Ter “vida fácil” se relaciona ao fato de as prostitutas não apresentarem, no seu ofício, características de um emprego formal – bater ponto, ter horários definidos de início e fim de expediente, educação formal etc.

Mulher do mundo *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Item lexical presente em Ferreira (1988) e Houaiss e Villar (2001). *Mulher do mundo* denota a ideia de uma mulher entregue à própria sorte, solta pelo mundo. Não é de um parceiro específico, mas de quem a queira, do mundo.

Mulher fácil *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Fácil. Definição: “1 Que se faz ou se consegue sem custo ou esforço”, registra Ferreira (1986). As prostitutas vivem do trabalho com o corpo, sem que se exija, em geral, que tenha formação escolar, bagagem intelectual ou cultural, como acontece com outras profissões, de modo que a vida que levam aparenta ser fácil, sem exigências, da mesma forma que não costumam ser seletivas, por conta da necessidade de seus próprios sustentos.

Mulher ocupada até às 06hrs da manhã *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Item lexical não apresentado nas obras consultadas. Considerando que as prostitutas podem trabalhar em qualquer período do dia, faz sentido pensar que essa denominação, além de marcada por aspecto de crítica ao ofício, remete à rotina de trabalho dessas profissionais, que pode perdurar por toda a noite e madrugada, enquanto houver clientes.

Mulher que vende carinho *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Item lexical não apresentado nas obras consultadas. Acredita-se que essa denominação decorre de característica comum ao ofício da prostituição: carinho, neste caso é um eufemismo para relações sexuais, que acontecem com o intuito de retorno financeiro.

Mundana *s.f.* • **Etimologia:** do “lat. *mundānus, a, um* ‘do mundo’, registram Houaiss e Villar (2001). Manutenção de forma latina.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Mundana fornece a ideia de alguém do mundo, uma mulher “que valoriza o mundo material”, registram Houaiss e Villar (2001).

P

“Pirampeba” *s.f.* • Estrangeirismo + extensão semântica. • **Etimologia:** vem do tupi, registram Houaiss e Villar (2001).

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** *Piramepeba* é uma “espécie de piranha, encontrada no rio São Francisco e em outros rios brasileiros”, registram Houaiss e Villar (2001). Ver *piranha*.

Piranha *s.f.* • Estrangeirismo + extensão semântica. • **Etimologia:** “Do tupi-guarani; pir- ãi = o que corta a pele; de pir = pele + ãi = cortar, dilacerar”, registra Clerot (1959).

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** piranhas são peixes “carnívoros e extremamente vorazes”, registram Houaiss e Villar (2001). Assim, relaciona-se com a ideia de voracidade, na intenção de não perder nenhum cliente.

Piriguete *s.f.* • Empréstimo + derivação sufixal. • **Etimologia:** pirigo (sic) + girl>piriguete.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** De acordo com Rios (2011), *piriguete* é um item lexical formado nas periferias de Salvador, divulgado nacionalmente pela música *piriguete*, de Mc Sapó. É a forma adaptada de *perigo* + *girl* (*girl* significa *garota* em inglês). O item lexical *girl* foi adaptado para –guete, sofrendo processo de derivação sufixal, utilizado para denominar prostitutas, pois essas estão sempre disponíveis, sempre “a perigo”.

Plock *s.f.* • Extensão semântica.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Item lexical não dicionarizado. Mas é possível relacionar *plock* – marca de chiclete popular, com chicletes vendidos por um baixo preço, à ideia de algo sem valor e que “está na boca de todos”.

Profissional do sexo *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Profissional: “2 Que exerce alguma atividade por profissão ou ofício”, registra Ferreira (1986). Em adição a essa definição, torna-se necessário destacar que na Classificação Brasileira de Ocupações (Ministério do Trabalho e Emprego, 2002), as prostitutas são denominadas profissionais do sexo, sob o código de número 5198. Essa classificação está dividida em grupos e as profissionais do sexo estão inseridas no Grande grupo 05 (trabalhadores de serviços, vendedores de comércio em lojas e mercados). Na descrição sumária, (Ministério do Trabalho e Emprego, 2002, p. 809), são descritas como profissionais que “Buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam de ações educativas no campo da sexualidade”. Assim, considera-se profissional do sexo como uma denominação com caráter formal, na tentativa de conceber a prostituição como ofício comum – fala-se, considerando a própria CBO, em profissionais das ciências, profissionais das artes, então é também adequado considerar as *profissionais do sexo*.

“Prost” s.f. • Abreviação vocabular: *Prost*, em vez de *prostituta*.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** A abreviação vocabular *prost* é geralmente pronunciada em tom sarcástico e apresenta caráter de intensificação da carga semântica negativa associada à profissão.

Prostituta s.f. • **Etimologia:** “Do latim *prōstitūta*”, registra Cunha (2007). Manutenção de forma latina.

Variante genérica para *profissional do sexo*. • **Motivação** -Prostituir: “tornar-se prostituta, meretriz” XVI. Do latim *prōstitūere*. **Prostibular** 1899. **Prostíbulo** XVII. Do latim *prostibulum*–*t*. **Prostituição** 1813. Do latim *prōstitūtīō* – *ōnis*. **Prostituta** XIX. Do latim *prōstitūta*. Usado, desde o início, como denominação para *mulher que vende o corpo*.

Putá s.f. • **Etimologia:** Decorre do “latim vulgar *pū ttus* – rapazinho, menino”, registra Cunha (2007). Manutenção de forma latina.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** ‘meretriz, mulher devassa’ XVIII. Feminino de puto, do latim vulgar **pū ttus*. Usado, desde o início, como denominação para *mulher que vende o corpo*.

Q

Quenga s.f. • Estrangeirismo + extensão semântica. • **Etimologia:** item lexical que vem do quimbundo, como registra Cunha (2007). De acordo com Houaiss e Villar (2001), quimbundo é uma “língua da família banta, falada em Angola pelos ambundos”.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Quenga: “*vasilha feita de metade de um coco-da-baía da qual se retira a carne*”, registram Houaiss e Villar (2001). É uma vasilha utilizada para transportar grãos. Por associação de ideias, pode significar a pessoa que “*pega tudo*”, pega qualquer pessoa. Em outra interpretação, de acordo com o professor Sérgio Nogueira, “quenga virou sinônimo de prostituta no Nordeste porque um coco sem a polpa seria como uma cabeça sem cérebro, uma pessoa desmiolada, como a quenga, que caiu na prostituição. Por semelhança, a palavra “coco” é utilizada para designar a cabeça”.

R

Rapariga s.f. • Empréstimo • **Etimologia:** Para Cunha (2007), a etimologia para rapariga é de origem controversa. Já Corominas, citado por Houaiss e Villar (2011, p.2384), defende que esse item lexical pode ser explicado por algum cruzamento ou alteração moderna; (...) igo não é uma terminologia corrente no português, e sugere uma origem leonesa, **raprigo*, que quer dizer rapaz.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Por, de acordo com Corominas, advir de origem leonesa, que significa rapaz, pode indicar uma moça jovem que está na prostituição. Importante mencionar que essa conotação existe no português brasileiro, em contraponto a moça. No português europeu, não tem esse valor semântico.

Rameira *s.f.* • Derivação sufixal. **Etimologia:** *Ramo + eira*.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** De acordo Houaiss e Villar (2011) e Cunha (2007), a denominação *Rameira* teve origem no século XV, quando essas profissionais utilizavam ramos, nas entradas dos bares, para sinalizar que estavam trabalhando naquele recinto.

Rapuquenga *s.f.* • Amálgama. **Etimologia:** Fragmentos de *Rapariga + puta + quenga*.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** item lexical não apresentado nas obras consultadas. De acordo com o informante que a citou, esse item lexical era usado na Escola Liceu Maranhense, por volta dos anos de 2005 e foi criado por um grupo de amigos para se referir às prostitutas de uma forma mais divertida.

S

Safada *s.f.* • Derivação sufixal. **Etimologia:** “*part. de safar lit. gasto com o uso*”, registram Houaiss e Villar (2001). Safa(r)+ ada.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Safado: algo “gasto ou inutilizado pelo uso”, registram Houaiss e Villar (2001). Assim, quando se utiliza safada para se referir às prostitutas, torna-se evidente a existência de tabu que permeia essa profissão, sugerindo que essas profissionais não apresentam valor social.

Sem vergonha *sint. nom. f.* • Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** item lexical não apresentado nas obras consultadas. Parece estar relacionado ao fato de as prostitutas, no momento do ofício, não apresentarem pudores para conquistar os clientes. Essa denominação torna evidente a existência de tabu que permeia essa profissão, sugerindo que essas profissionais não apresentam valor social.

Solteira *s.f.* • Derivação sufixal. **Etimologia:** *solteiro* + *-a* vogal temática tomada como desinência de feminino”, registram Houaiss e Villar (2001).

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Solteira: “1 mulher não casada 2 (...) meretriz”, registram Houaiss e Villar (2001). O uso de solteira pode estar relacionado ao fato de as prostitutas não apresentaram parceiros fixos, embora mantendo relações sexuais frequentes.

V

Vadia *s.f.* • Derivação sufixal + extensão semântica. **Etimologia:** Vadiar: “vadio + *-ar*”. Vadia: “fem. de vadio”, registram Houaiss e Villar (2001). Vadia é formada por vadio + *-a*, vogal temática formada como desinência de feminino.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Vadio: pessoa que não tem ocupação, trabalho ou nada faz, registra Houaiss e Villar (2001). Assim, *vadia* parece estar relacionada ao fato de as prostitutas não apresentaram, no seu ofício, características de um emprego formal.

Vagabunda *s.f.* • Extensão semântica. **Etimologia:** do latim *vagabū ndus, a, um*, registram Houaiss e Villar (2001). Manutenção de forma no latim + extensão semântica.

Variante genérica para *prostituta*. • **Motivação:** Vagabundo:” quem leva a vida errante, perambulante”, registram Houaiss e Villar (2001). Ver *mulher da vida*.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Este estudo propôs evidenciar a relação existente entre os tabus linguísticos e os processos de formação de palavras, considerando as denominações para *prostituta* no estado do Maranhão. Dessa forma, no que tange aos processos de formação de palavras, em seus aspectos formais e semânticos, retomando a proposta de Correia e Almeida (2012), é possível encontrar diversos dos processos de formação para as denominações para prostituta no Maranhão.

Neste estudo, observou-se que o processo de composição seguiu essa tendência, embora associado ao processo de lexicalização, com um total de 18 ocorrências. Em mesmo número, e formando um contraponto às propostas de que o processo de derivação é o mais frequente, aparece o processo de extensão semântica. A produtividade e recorrência desse processo no que se refere às denominações para prostituta no Maranhão se justifica pela necessidade de economia linguística – é mais fácil, para os falantes, criar novos significados para itens já existentes, em vez de criar novos. Além disso, torna-se oportuno retomar a proposta de Ullmann (1987) que defende que os tabus são muito importantes na

função de mudanças semânticas.

Para finalizar, afirma-se que novos itens lexicais para prostituta e para diversas e tantas outras necessidades de comunicação são criados, e devem continuar sendo criados por todo o tempo, demonstrando a fluidez e inovação do léxico.

REFERÊNCIAS

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em Português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lexikon digital, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. Tabus Linguísticos como motivação na formação de palavras do PB. *Working Papers em Linguística*, v.12, número 2, Florianópolis. jul/dez de 2011. pp. 49-68.

GUÉRIOS, R.F. Mansur. *Tabus linguísticos*. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MATTOS E Silva, Rosa Virgínia. Aspectos morfolexicais do português arcaico. In: Castilho, Ataliba Teixeira de; Moraes, Maria Aparecida Torres; LOPES, Ruth Vasconcellos; CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo Fapesp, Campinas: Pontes Editores, 2007.

PEREIRA, Edson Lemos. O léxico da prostituição no atlas linguístico do Maranhão: um estudo preliminar. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas. (Orgs.). *O português falado no Maranhão: múltiplos olhares*. São Luís: EDUFMA, 2010, p. 183 – 189.

RIBEIRO, Paulo Gabriel Calvet; RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. RAMEIRA, RAPUQUENGA, PLOCK: um estudo da variação lexical para o conceito Profissionais do Sexo, na Atenas Brasileira. In: Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística (2012: Belém, PA). Anais... São Luís: EDUFMA, 2012. p. 2547-2553.

RIBEIRO, Paulo Gabriel Calvet. *A tabuização da lexia prostituta no português falado no Maranhão*. 2013. 73f. Monografia (Graduação em Letras) Curso de Letras – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão.

SOUTO MAIOR, Mário. *Dicionário do palavrão e termos afins*. Recife: Record, 1988. TEIXEIRA, Ubiratan. Meretrício como instituição. In: REIS, José Ribamar Sousa dos. *ZBM: O REINO ENCANTADO DA BOEMIA*. São Luís: Lithograf, 2002.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987

VALENTE, André. Léxico e discurso: Neologia midiática. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2010.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.

VILELA, Mário Alberto. *A formação de palavras, componente independente ou apenas subcomponente?* Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas. Porto, v.3, n.2, p. 31-52, 1986.

VILELA, Mário. *O léxico do português: Perspectivização geral*. Filologia e Linguística Portuguesa, São Paulo, 1997.

A TECNOLOGIA SOCIAL DOS MAPAS CONCEITUAIS COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Data de aceite: 03/04/2023

Ademilson Pereira Ribeiro

Docente do curso de Pedagogia – FACICA

Eduarda Alves Barbosa

Discente do curso de Pedagogia –
FACICA

Mariana Rodrigues Marinho

Discente do curso de Pedagogia –
FACICA

RESUMO: Este trabalho visa apresentar uma reflexão sobre a utilização dos mapas conceituais como tecnologia social de desenvolvimento da competência leitora. Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e utiliza-se da revisão integrativa de literatura como método de pesquisa. Já dentre os objetivos destacam-se: caracterizar a contribuição da produção científica acerca dos mapas conceituais utilizados em sala de aula a fim de desenvolver a competência leitora; identificar, nas produções científicas, quais são as estratégias utilizadas por meio dos mapas conceituais para desenvolver a capacidade de leitura. O levantamento dos artigos para este estudo foi realizado com as palavras-chave utilizadas foram: Mapa conceitual e Mapas conceituais. A busca

bibliográfica resultou na inclusão de cinco artigos. Após leitura dos artigos e finalização dos incluídos, deu-se o preenchimento do instrumento da coleta de dados dos artigos selecionados. Identificou-se que os mapas conceituais são utilizados não somente como estratégias de aperfeiçoamento para leitura, mas, também, como forma de avaliação da competência leitora. Verificou-se que a implementação do mapa conceitual auxilia no desenvolvimento do aluno para ler de forma significativa e trata-se de um recurso didático que se mostra eficiente, porém ainda pouco utilizado pelos educadores.

PALAVRAS-CHAVE: Mapas conceituais; Competência leitora; Estratégias de leitura.

ABSTRACT: This work aims to present a reflection on the use of conceptual maps as a social technology for the development of reading competence. This is an exploratory, descriptive study and uses an integrative literature review as a research method. Among the specific objectives, the following stand out: to characterize the contribution of scientific production on the conceptual maps used in the classroom in order to develop reading competence; identify, in scientific productions, which are the strategies used

through concept maps to develop reading skills. The survey of articles for this study was carried out with the keywords used were: Concept map and Concept maps. The bibliographic search resulted in the inclusion of five articles. After reading the articles and finalizing those included, the data collection instrument of the selected articles was completed. It was identified that concept maps are used not only as reading improvement strategies, but also as a way of assessing reading competence. It was found that the implementation of the conceptual map helps in the development of the student to read in a meaningful way and it is a didactic resource that proves to be efficient, but still little used by educators.

KEYWORDS: Concept maps; Reading competence; Reading strategies.

1 | INTRODUÇÃO

Na atual quadra do século XXI, vive-se em tempos pós-modernos trazidos pela globalização dos mercados e a tecnologia da informação e comunicação. Uma das formas de se diminuir os impactos é pela educação, pois, conforme disse Freire (2000, p.31) “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. No entanto, a educação tradicional, centrada nos professores, nem sempre consegue acompanhar a velocidade das transformações e dos tempos, especialmente quando o universo da internet é acessado nos celulares nos mais variados espaços da escola, inclusive em plena sala de aula.

Nesse contexto, dominado pelas tecnologias da informação e da comunicação. Uma nova concepção de aprendizagem desponta. De acordo com a teoria de Ausubel (1980), o aluno é o construtor do seu conhecimento e o faz por meio de uma aprendizagem significativa. Nesse caso, aprender de modo significativo consiste, então, em construir significados para as experiências e para tal os mapas conceituais têm constituído um recurso metodológico relevante.

Assim, a utilização de mapas conceituais evidencia-se como uma técnica flexível para situações e finalidades diferentes, podendo, especialmente, ser usada para uma aula bem mais interessante e eficiente. Sobretudo para um profundo desenvolvimento das competências, centradas no aluno como sujeito do seu próprio conhecimento e apoiado no professor como facilitador e mediador do processo ensino-aprendizagem, utilizando-se, para tanto, de metodologias que privilegiem a participação ativa do aluno na construção dos seus saberes e no enfretamento de diferentes cenários de ensino-aprendizagem (RIBEIRO, 2022).

É importante salientar que a linguagem assume papel de destaque no processo de estruturação conceitual, pois, atuando como elemento facilitador, possibilita: determinar e refletir sobre as operações mentais de níveis mais elevados e abstratos; assimilar por meio da definição do conceito e de seu contexto e facilitar a comunicação cognitiva interpessoal, enquanto permite a uniformidade cultural de conteúdos conceituais (MOREIRA, 1997).

Dessa forma, o objeto de pesquisa deste estudo é o mapa conceitual como

instrumento de estratégia de aprendizagem significativa voltada aos alunos da educação básica. São questões problematizadoras deste estudo: os mapas conceituais como tecnologia social para o desenvolvimento da aprendizagem significativa? Quais são e como são desenvolvidas essas estratégias? As experiências relatadas pelos professores são exitosas?

Para responder a esses questionamentos, delimita-se como objetivo compreender, por meio da produção científica, a utilização dos mapas conceituais como estratégia de ensino/aprendizagem. Já quanto à justificativa do presente estudo, nessa encruzilhada do processo de ensino em pleno século XXI, é fundamental repensar profundamente a prática pedagógica do ensino básico. Assim, considerando que a efetivação da aprendizagem só acontece quando há apropriação conceitual, para que o professor possa conduzir o aluno nesse processo, torna-se necessário planejar uma prática pedagógica que possa garantir sua viabilização. Afinal, este é o século das imagens e esta é a busca dos estudantes, imagens instigantes e significativas.

Nessa revolução da informação, uma das formas interessantes de se fazer frente às necessidades educacionais é pelo emprego de metodologias ativas que fazem com que os estudantes atuem na construção do seu próprio conhecimento, especialmente por meio da elaboração de mapas conceituais. Uma rápida pesquisa bibliográfica é capaz de indicar que a elaboração de mapas conceituais ajuda estudantes dos mais variados níveis a organizarem seus pensamentos, entenderem os conceitos estudados e se apropriarem de uma ferramenta que os ajudará a aprender no cotidiano.

Criados por Novak (1980), com base na teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (1980), os mapas conceituais podem constituir para o ensino básico uma estratégia de grande relevância para a construção de alunos reflexivos, ajudando-os a integrar e relacionar informações adquiridas durante aulas de leitura. Assim, passam a atribuir significado ao que estão estudando (AUSUBEL, 1980).

Já no que se refere ao professor, o uso de mapas conceituais como proposta de aprendizagem significativa da leitura lhe permite reconstruir sua práxis pedagógica e torná-la bem mais próxima das exigências do século XXI. Assim, deve ser a práxis pedagógica da aprendizagem significativa, ou seja, o professor colocando seus saberes em ação para transformar o ambiente e aqueles que estão nele inseridos e não somente repetindo modelos mecânicos (FREIRE, 2001).

Por fim, o presente artigo está organizado com esta introdução, um referencial teórico tratando da teoria da aprendizagem significativa, articulando a relevância dos mapas conceituais para o desenvolvimento da competência leitora, seguido pelos procedimentos metodológicos que viabilizaram a pesquisa, os resultados e discussões e, ao final, as conclusões sobre a temática estudada, seguido das referências.

2 | TEORIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A Aprendizagem Significativa é uma teoria em Psicologia da Educação desenvolvida pelo americano David Ausubel, posteriormente ampliada por Novak, que propõe que toda aprendizagem é um processo no qual o aprendiz relaciona a nova informação com o conhecimento prévio que há no seu cognitivo. Logo, o fator isolado que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece (MOREIRA; MASINI, 2001).

O conceito principal desta teoria afirma que uma aprendizagem é dita significativa quando “[...] uma nova informação [conceito, ideia ou proposição] se relaciona com um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo” (MOREIRA; MASINI, 2001, p.17), ou, segundo as palavras de Ausubel (1980, p. 8):

Se eu tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, diria isto: o fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra o que ele sabe e baseie nisso os seus ensinamentos.

Ausubel (1980, p.3) considera que a Psicologia Educacional gerou muita confusão ao considerar como sentença inquestionável que toda aprendizagem receptiva, ou seja, aquela aprendizagem baseada no ensino expositivo é automática, mecânica; que toda aprendizagem por descoberta é significativa e, que a aprendizagem em sala de aula desenvolve-se através de duas dimensões independentes: a dimensão automática ↔ significativa X a dimensão receptiva ↔ descoberta (MOREIRA; MASINI, 2001).

Para Ausubel, tanto a aprendizagem receptiva como a por descoberta podem ser automáticas ou significativas, dependendo das seguintes condições:

(1) se o estudante utilizar o acervo de aprendizagem significativa (uma tendência a relacionar novas informações aprendidas significativamente à sua estrutura de conhecimento existente) e, (2) se a tarefa de aprendizagem em si mesma for potencialmente significativa (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980, p. 3).

É fundamental salientar que Ausubel, em sua obra Psicologia Educacional (1980), distingue e interrelaciona estas duas dimensões. Primeiro, na aprendizagem receptiva automática, todo o conteúdo da disciplina a ser aprendido é apresentado ao aluno sob a forma final, exigindo-se apenas, que este internalize, retenha o material apresentado de maneira a torná-lo acessível em alguma ocasião futura, não envolvendo qualquer descoberta independente a ser feita por ele (RIBEIRO, 2022).

Já na aprendizagem receptiva significativa, a tarefa ou matéria potencialmente significativa é compreendida ou tornada significativa durante o processo de internalização. O aluno relaciona não arbitrariamente e substantivamente as proposições e soluções de problemas apresentados à sua estrutura cognitiva (RIBEIRO, 2022).

Cabe aqui explicar que relacionar não arbitrariamente e substantivamente ideias, proposições, significa que novas proposições, ideias ou soluções de problemas são

relacionadas a algum aspecto relevante - ou conhecimento prévio - já existente na estrutura cognitiva do aluno, como um símbolo, um conceito ou uma proposição, chamados de subsunçor ou ideia de esteio (RIBEIRO, 2022).

Este relacionar ocorre não com o objetivo de se compreender e memorizar o conteúdo como um fim em si próprio, mas, com objetivo de transformá-lo (em conjunto com a bagagem particular de conhecimentos) em modos alternativos de raciocínio que são potencialmente significativos, tornando a aprendizagem uma experiência naturalmente significativa e satisfatória (RIBEIRO, 2022).

Na aprendizagem por descoberta, o conteúdo principal daquilo que vai ser aprendido não é dado. Deverá ser descoberto pelo aluno para que possa ser assimilado/incorporado à sua estrutura cognitiva. A tarefa, neste tipo de aprendizagem, consiste em o aluno reagrupar informações, integrá-las à sua estrutura cognitiva, reorganizá-las e transformá-las de tal forma que deem origem ao produto final desejado ou, à sua descoberta. A aprendizagem significativa ocorrerá quando o aprendizado implicar em o aluno relacionar, de forma não arbitrária e substantiva, uma nova informação a outras com as quais já esteja familiarizado (MOREIRA; MASINI, 2001).

A aprendizagem automática ou mecânica, por sua vez, ocorre quando a tarefa consiste de associações puramente arbitrárias ou, quando falta ao aluno um conhecimento prévio relevante, necessário para tornar a matéria potencialmente significativa ou, inclusive, se o aluno resolve internalizar as definições, os conceitos ou as proposições de forma automatizada, sem a compreensão do significado das palavras, ou seja, de maneira literal. O conhecimento assim adquirido “[...] fica arbitrariamente distribuído na estrutura cognitiva sem ligar-se a conceitos prévios específicos” (MOREIRA; BUCHEWEITZ, 1987, p. 18).

Por outro lado, a aprendizagem mecânica, automática, poderá ocorrer até que alguns elementos de conhecimento relevantes a novas informações, em uma mesma área do conhecimento, passem a existir na estrutura cognitiva do aluno, servindo como subsunçores para outro aprendizado. Para Ausubel, educação

[...] refere-se à aprendizagem dirigida ou manipulada voltada para fins práticos e específicos. Estes fins podem ser definidos como uma aquisição duradoura de estruturas estáveis de conhecimento e das capacidades necessárias para a aquisição de tal conhecimento. (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980, p. 8)

Esta aprendizagem poderá ser facilitada, tanto para os alunos quanto para os professores, através da utilização de materiais instrucionais adequados e apropriadamente elaborados, permitindo um evidente desenvolvimento de uma tecnologia social de aprendizagem cognitivista que estuda os processos de formação de conceitos e a natureza da compreensão humana na estrutura e sintaxe de linguagem e, por consequência, no desenvolvimento da leitura.

2.1 O mapa conceitual como tecnologia social

A ideia de representar esquematicamente, em um mapa conceitual, as relações significativas entre conceitos e proposições é, explicam Moreira e Buchewitz (1987, p. 6), uma técnica desenvolvida no início da década de 1970 por Joseph Novak e seus colaboradores na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, decorrente da teoria cognitivista de David Ausubel, criada em 1963, em New York.

Embora tenham uma organização hierárquica e, muitas vezes utilizem setas, Moreira (1997, p.1) nos alerta que os mapas conceituais não devem ser confundidos com organogramas ou diagramas de fluxo, pois, estes “[...] não implicam sequência, temporalidade ou direcionalidade, nem hierarquias organizacionais ou de poder.”. Mapas conceituais são diagramas de significados, de relações significativas; de hierarquias conceituais.

O mapa conceitual é uma técnica de organização do conhecimento ou a representação gráfica “[...] de uma estrutura de conhecimento demonstrada hierarquicamente, apresentando formas e representações condizentes com a maneira como os conceitos são relacionados, diferenciados e organizados.” (LIMA, 2004, p. 135). Ainda, conforme Lima (2004), os mapas conceituais podem ser usados em: planejamento e análise da estrutura de material instrucional, como técnica didática e instrumento de análise do currículo. A diferença está no grau de generalidade e inclusividade dos conceitos a serem colocados no mapa.

Como técnica didática, os mapas conceituais foram desenvolvidos para promover a aprendizagem significativa. Moreira (1997, p. 6), expõe que o ensino, sob a óptica ausubeliana, implica em algumas condições, tais como: identificar a estrutura de significados aceita no contexto da matéria; identificar aqueles subsunçores necessários para a Aprendizagem Significativa; identificar os significados pré-existentes na estrutura cognitiva do aprendiz, bem como, organizar sequencialmente o conteúdo usando as ideias de Diferenciação Progressiva e Reconciliação Integrativa como princípios e, finalmente, ensinar usando organizadores prévios para fazer as pontes entre os significados que o aluno já sabe e os que ele precisa saber para aprender significativamente a matéria.

Moreira e Buchewitz (1987, p.43), apresentam vantagens e desvantagens no uso de mapas conceituais como instrumento de ensino. Dentre as possíveis vantagens podemos mencionar:

- a) enfatizar a estrutura de uma disciplina e o papel dos sistemas conceituais no seu desenvolvimento;
- b) mostrar que os conceitos de uma certa disciplina diferem quanto ao grau de inclusividade e generalidade a apresentar esses conceitos numa certa ordem hierárquica de inclusividade que facilite a aprendizagem e retenção dos mesmos,
- c) promover uma visão integrada do assunto e uma espécie de listagem

daquilo que foi abordado nos materiais instrucionais. [...].

Já para Lima (2004, p. 140), os mapas conceituais podem ser construídos para:

- a) gerar ideias por meio do processo de brain storming (tempestade de ideias), a partir do qual são feitas uma compilação e análise das informações e o estabelecimento de relacionamentos para formação de outros conceitos;
- b) desenhar uma estrutura complexa de maneira mais amigável, facilitando a estruturação de textos, documentos, hipertextos e sites da Web;
- c) estruturar e comunicar ideias com a apresentação de informações na forma gráfica;
- d) auxiliar no processo de aprendizagem, explicitando graficamente a integração de conhecimentos novos e antigos, por meio de comparação de conhecimentos já existentes com novos conhecimentos que vão sendo agregados a um determinado domínio do conhecimento, [...].

O processo de construção de um mapa conceitual se inicia na identificação e elaboração de uma lista de conceitos relevantes. Estes conceitos deverão ser estabelecidos numa ordenação dos mais inclusivos, dos mais gerais, para os menos gerais. Se houver dois ou mais conceitos de mesmo nível, estes deverão ser listados lado a lado. Os conceitos que se ligam a eles devem vir listados abaixo de cada um.

2.2 A competência leitora como necessidade social

2.2.1 Os resultados dos alunos brasileiros: um alerta social

Existem dados extremamente preocupantes sobre o desempenho dos alunos brasileiros em várias avaliações (nacionais e internacionais), destinadas a verificar o grau de compreensão leitora dos nossos estudantes. Nessa linha, os resultados das provas de Português do Sistema de Avaliação do Ensino Básico (SAEB) têm ficado bastante aquém dos mínimos esperados, ainda que no Relatório de 2004 tenha sido registrada pequena melhora. Mesmo assim, apenas metade dos alunos de 4a série (55,4%) é capaz de entender textos simples (mas não textos complexos) para a sua idade, índice bastante semelhante ao dos alunos da 8a série e 3o ano, compondo as três séries selecionadas pelo Ministério para realizar essa avaliação. Apenas 6% dos alunos (do total de matriculados da rede pública e da rede privada) que terminaram os 11 anos da Educação Básica têm os conhecimentos adequados em Língua Portuguesa, demonstrando deficiências inclusive na formação dos alunos que frequentam escolas particulares, supostamente fornecedoras de ensino de melhor qualidade.

Outro exame que também procura aferir a competência leitora dos estudantes, realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em parceria com a UNESCO, denomina-se PISA (Programa Internacional para a Avaliação de Estudantes; em inglês, Programme for International Students Assessment). O PISA é

realizado a cada três anos, e nas avaliações de 2000 e 2003 (as duas primeiras) o Brasil participou como convidado. O exame não avalia conteúdos, mas domínio de habilidades consideradas básicas para a vida. Os exames focalizam três âmbitos: competência leitora, cultura matemática e cultura científica, habilidades consideradas pelos especialistas em educação contratados pelos organismos financiadores, imprescindíveis para o bom desempenho das pessoas no mundo contemporâneo.

Os alunos que realizam o exame devem estar próximos da conclusão do ensino básico obrigatório, o que, estima-se, ocorra na faixa dos 15 anos. No Brasil, espera-se que com essa idade os alunos estejam concluindo a última série do ensino fundamental (8ª série), exatamente o último ano da educação obrigatória. O relatório sobre a edição 2000 do PISA apresentou resultados alarmantes em relação ao Brasil, onde 4893 estudantes fizeram o teste, ficando em último lugar no ranking mundial, o que já era esperado pelas autoridades educacionais do país. Segundo o relatório final, “os alunos brasileiros respondem pelo que acham e não pelo que efetivamente está escrito”. Outro aspecto importante do relatório é a comprovação de que países com o mesmo percentual do PIB aplicado em educação podem ter alunos com desempenhos muito díspares, apontando para o fato de que o problema não será resolvido apenas com investimentos financeiros.

O relatório demonstra que nossos estudantes não são capazes de atribuir sentido ao que leem, ainda que “saibam ler”. É o que se chama de analfabetismo funcional, uma vez que a decodificação do texto não é acompanhada da capacidade de processar a informação para resolver um problema ou enfrentar uma situação corriqueira. Portanto, se a escola foi capaz de ensiná-los a identificar letras, sílabas, palavras, não o foi de ensiná-los a atribuir significado ao que leem. Como observa Isabel Solé (1998), sabemos que a leitura na escola é objeto de conhecimento, ou seja, aprende-se a ler, mas raramente se discute a leitura como recurso para se adquirir novos conhecimentos. Ressalta a autora que se aprende a ler, mas pouco se reflete sobre o ler para aprender. O que antes era tomado como uma decorrência “automática” – domínio dos códigos de leitura e competência leitora –, exames como o do SAEB e PISA comprovam ser uma concepção totalmente equivocada.

Mais ainda, essas dificuldades nos fazem pensar quanto nossos alunos apreendem dos textos dissertativos das disciplinas centradas no domínio de conceitos, o que sempre envolve abstrações mais complexas. Se o domínio da compreensão leitora não os torna capazes de decodificar mensagens simples, o que dizer das complexas análises históricas, envolvendo dois, três ou mais fatores? O fato de os alunos reproduzirem, oralmente ou por escrito, aquilo que “explicamos” em classe, seria indício efetivo de aprendizagem? Estaríamos nos iludindo, acreditando que supostamente nossos alunos estão se tornando “críticos”?

2.2.2 *Leitura: um ato significativo*

A leitura constitui-se em fator decisivo de estudo, pois propicia a ampliação de conhecimentos, a obtenção de informações básicas ou específicas, à abertura de novos horizontes para a mente, a sistematização do pensamento, o enriquecimento do vocabulário e o melhor entendimento do conteúdo das obras (SEVERINO, 1996).

É necessário ler muito, continuada e constantemente, pois a maior parte dos conhecimentos é obtida por intermédio da leitura: ler significa conhecer, interpretar, decifrar, distinguir os elementos mais importantes dos secundários e, optando pelos mais representativos e sugestivos, utilizá-los como fonte de novas ideias e do saber, através dos processos de busca, assimilação, retenção, crítica, comparação, verificação e integração do conhecimento (FREIRE, 2001).

A leitura deve conduzir à obtenção de informações tanto básicas quanto específicas, variando a maneira de ler, segundo os propósitos em vista, mas sem perder os seguintes aspectos: leitura com objetivo determinado, mantendo as unidades de pensamento, avaliando o que se lê; preocupação com o conhecimento de todas as palavras, utilizando para isso glossários, dicionários especializados da disciplina ou mesmo dicionário geral; interrupção da leitura quer periódica quer definitivamente, se perceber que as informações não são as que esperavam ou não são mais importantes; discussão frequente do que foram lidos com os colegas, professores e outras pessoas (CARVALHO, 2002).

A leitura não deve ser entendida como um mero ato de decifrar símbolos. O binômio emissão-recepção da linguagem impera em toda a situação de comunicação, que pressupõe, além disso, um campo comum de experiências entre um autor e um leitor. A leitura não é, portanto, uma atividade de natureza puramente simbólica, porque os signos interagem com os componentes culturais envolvidos num determinado enunciado para que eles possam conduzir à apreensão e à compreensão por parte do leitor. Há, portanto, interação entre o leitor e o autor, através do enunciado, ou seja, o ato de ler não é apenas o de decodificar, mas o de interagir com o texto produzindo sentidos, o que torna o princípio da dialogia o fundamento da leitura (CEREJA; et. al.; 2009).

3 | PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

3.1 **Caracterização do estudo**

Com vistas a alcançar os objetivos deste estudo, trata-se de um estudo exploratório, descritivo e utiliza-se a revisão integrativa de literatura como método de pesquisa. Esta se constitui em um método em que pesquisas primárias são analisadas a fim de elaborar uma síntese do conhecimento produzido sobre o tema investigado. É bastante útil quando há poucos estudos sobre determinado assunto (URSI, 2005), pois ao identificar estes estudos, a revisão integrativa possibilita identificar o conhecimento produzido ou até mesmo

esclarecer assuntos não solucionados (COOPER, 1984).

Importante ressaltar que a revisão de literatura é realizada em toda pesquisa, uma vez busca-se estudos diretamente relacionados ao tema proposto de modo a identificar estudos e temas que se pretende estudar. A revisão integrativa traz respostas sobre o tema estudado após identificar e analisar os objetivos, o desenho e os resultados dos estudos já produzidos (BEYEA; NICOLL, 1998). Desta forma, por meio da revisão integrativa é possível aprofundar o conhecimento sobre um tema escolhido com base em trabalhos anteriores.

Assim, ao sintetizar o conhecimento produzido sobre o tema abordado, a revisão integrativa possibilita tornar acessível o conhecimento para os profissionais que trabalham diretamente com o tema do estudo (WHITTEMORE, KNAFL, 2005).

3.2 Problema de estudo

Em qualquer estudo de caráter científico, torna-se necessário que a questão de pesquisa esteja devidamente explícita, pois influencia a escolha dos estudos e a coleta das informações, bem como a escolha inicial das palavras chave para dar início a busca bibliográfica (BEYEA; NICOLL, 1998).

O problema deste estudo foi formulado devido à importância do tema, principalmente ao que se refere aos mapas mentais e aprendizagem significativa tema para melhorar a prática pedagógica dos profissionais da educação.

Assim, nesta revisão integrativa, formula-se o seguinte problema de estudo: são utilizadas, por meio de mapas conceituais, estratégias para o desenvolvimento da aprendizagem significativa? Quais são e como são desenvolvidas essas estratégias? As experiências relatadas pelos professores são exitosas?

A partir do problema bem formulado, viabiliza-se proceder a buscar e o desenvolvimento da revisão bibliográfica.

3.3 Critérios de inclusão e exclusão dos estudos

Esta etapa deve ser clara e criteriosa, uma vez que a amostra indica qualidade e confiabilidade dos resultados e da futura conclusão. Ressalta-se que critérios bem definidos minimizam possíveis vieses, auxilia e possibilita a busca bibliográfica. De acordo com Beyea e Nicoll (1998), o pesquisador deve ser rigoroso na seleção dos artigos, principalmente, quando os objetivos da revisão são abrangentes.

Desta forma, os critérios de inclusão dos artigos selecionados para este estudo são:

- Idioma: português
- Objeto de estudo: mapa conceitual como instrumento de estratégia de aprendizagem significativa voltada aos alunos da educação básica
- Período de publicação: janeiro de 2021 até julho de 2022;

Como critérios de exclusão adotam-se os seguintes:

- Uso de mapas conceituais que não estejam relacionados a estratégia de ensino/aprendizagem

3.4 Busca bibliográfica

O levantamento dos artigos para este estudo foi realizado a partir de busca bibliográfica no Edubase: anais de eventos, relatórios técnico-científicos, textos e capítulos de livros relacionados à Educação, e outros. Também foi realizada busca bibliográfica na Scientific Electronic Library Online – SciELO, trata-se de uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros.

Os artigos na íntegra foram acessados conforme disponibilidade gratuita das bases de dados. Em consonância com os critérios de inclusão e de exclusão, artigos que não tiveram disponibilidade gratuita na íntegra não participaram dos resultados deste estudo.

As estratégias de busca foram adaptadas para cada base de dados, considerando as peculiaridades de cada uma, sempre com vistas ao problema e objetivos deste estudo e os critérios de inclusão e de exclusão citados anteriormente. Sendo assim, possibilitou-se manter a coerência do material selecionado para este trabalho.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, deve-se apontar que a experiência de implementação do mapa conceitual como facilitador do desenvolvimento da competência leitora revela a importância da intervenção do professor, no sentido de criar situações desafiadoras para seus alunos. Tendo claro seu objetivo – possibilitar que seus alunos compreendam que a aprendizagem se faz a partir de desafios superados pelos alunos em cada momento distinto -, o professor que faz uso dos mapas conceituais busca um conjunto de textos que permite a concretização de seu objetivo e, com base nele, procura estratégias para mobilizar, em seus alunos, a necessidade e o desejo de aprender (LIMA, 2004).

Este trabalho revela como o professor pode desencadear um processo de aprendizagem centrado na investigação dos alunos, mesmo partindo de uma temática levada por ele e quase desconhecida pelos alunos. Neste processo, o primeiro passo a ser dado é identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema e construir, coletivamente, questões de investigação e estudo. A definição destas questões permite que os alunos passem a ter um papel ativo em seu processo de aprendizagem, permitindo-lhes, assim, estabelecer um diálogo entre seus conhecimentos, suas hipóteses, suas crenças e o conhecimento socialmente acumulado (LIMA, 2004).

É interessante observar também que a clareza dos objetivos delineados pelo professor no trabalho de desenvolvimento da competência leitora permite que ele estruturasse o momento de problematização utilizando importantes instrumentos desencadeadores. Analisando detidamente a intervenção do professor nas aulas de leitura,

pode-se perceber que ele desempenha um papel fundamental de mediar a interação que os alunos estabeleceram com um determinado conteúdo escolar, no caso, o conhecimento de estratégias de leitura (CEREJA; et. al.; 2009).

As aulas de leitura são essenciais para suscitar dúvidas, para criar impasses e inquietações entre os alunos e não apenas para dar respostas prontas que, muitas vezes, nem têm perguntas a fazer. Assim, saber formular perguntas é uma competência tão importante para atividade de professor como a de ajudar os alunos a encontrarem as respostas. É através de suas perguntas que o professor consegue ir avançando nas questões iniciais dos alunos, chegando, por fim, a uma questão norteadora do texto estudado. Para isto, ele prepara leituras prévias sobre o tema, sabendo, entretanto, que o debate surgido no momento da problematização é sempre inusitado, sempre cheio de surpresas e novas proposições (CEREJA; et. al.; 2009).

Pouco a pouco, e tendo como referência o conhecimento prévio de seus alunos e as hipóteses formuladas por eles sobre o tema, o professor vai coordenando o processo, criando, assim, um rico espaço de negociação de significados. Neste primeiro momento, ele não deve ter a preocupação de “corrigir” as informações que seus alunos tenham sobre o tema. Estas informações devem ser consideradas hipóteses iniciais de trabalho, que podem ou não ser confirmadas na construção de um mapa conceitual (MOREIRA, 1997)

A produção livre de um mapa conceitual sobre o tema leitura e sua avaliação geram um contexto em que o professor, a partir de um processo de problematização, leva os alunos a buscarem novos instrumentos culturais para solucionar o problema sugerido. Neste caso, o uso da síntese das ideias principais de um texto, instrumento até então não utilizado pelos alunos, permitiu que eles alcançassem o objetivo proposto: construir uma eficiente competência leitora (MOREIRA, 1997).

É importante salientar ainda que, em todos os estudos analisados, mesmo sem ter refletido sobre o uso de mapas conceituais, esses alunos já haviam utilizado este instrumento anteriormente, quando da construção de um gráfico sobre o texto. Mas foi na elaboração do mapa conceitual sobre leitura, que eles tiveram a oportunidade de sistematizar este novo conteúdo, usando-o em situações diversas de aprendizagem (MOREIRA, 1997).

Como revela a análise deste trabalho, o professor tem um papel central na mediação entre os alunos e o seu processo de aprendizagem de novos conteúdos. Apresentados muitas vezes de forma abstrata e descontextualizadas, esses conteúdos acabam por não fazer sentido para os alunos. A intervenção do professor, neste sentido, é de fundamental importância para que estes conteúdos se transformem, realmente, em instrumentos culturais (FREIRE, 1982).

Para que os novos conhecimentos sejam apropriados, é preciso também que os alunos realizem atividades de aprofundamento e sistematização desses conteúdos para que realmente possam ser apropriados por eles. Para isso, o papel do professor é fundamental, preparando atividades, analisando as repostas dos alunos, avaliando, coletivamente, as

atividades. Nesse aspecto, os mapas conceituais são uma tecnologia social essencial para o desenvolvimento da competência leitora em todas as disciplinas do currículo escolar.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todo o exposto, fica evidente que a utilização dos mapas conceituais como tecnologia social capaz de desenvolver a competência leitora de alunos do ensino fundamental é difícil num primeiro momento, uma vez que a forma como se dá a introdução das estratégias de leitura é decisiva para a criação de referências seguras. Por essa razão, é necessário um período de adaptação, que deve ser planejado e previsto em cada sequência didática das aulas de leitura, pois dela depende muitas vezes a qualidade das interações futuras dos alunos e o estabelecimento de laços entre eles e delas com o professor.

Para dar conta desta situação inicial de introdução das estratégias de leitura, é preciso que o professor se organize e faça uma programação especial, envolvendo todos os alunos. Daí, passado o período de inserção e acolhimento inicial das estratégias de leitura, é hora de agrupá-las. Para os agrupamentos deve-se considerar os diferentes tipos de leitores que são apontados no referencial teórico do PROEB.

No momento de estruturar sequências didáticas de leitura, é importante também pensar nas formas de organização dos alunos para a realização das atividades de leitura, tendo em vista as possibilidades de interação entre eles, de modo a favorecer o seu processo de aprendizagem/desenvolvimento: organização por duplas, por trios, grupos de alunos mais desenvolvidos com alunos menos desenvolvidos, atividades que envolvam diferentes turmas de uma mesma instituição de ensino fundamental ou de instituições diferentes, públicas e públicas, públicas e privadas, entre outras formas.

Em geral, os alunos estão organizados por faixa etária, mas existem outras formas de organizá-los: por projetos, por salas-ambiente, nas quais os professores é que se deslocam, por grupos de diferentes idades, que representam ciclos, séries ou anos. Entretanto, qualquer que seja a opção da instituição de ensino fundamental para agrupá-los, um momento importante do trabalho pedagógico é o momento de inserção das estratégias de leitura que, sem dúvida nenhuma, deve ser permeada pela utilização dos mapas conceituais.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980. 625 p.

BEYA, S.C.; NICOLL, L.H. **Writing an integrative review**. AORN J, v.67, n.4, 1998.

CARVALHO, M.C.M. (Org.) **Construindo o saber**. 13. ed. Campinas: Papirus Editora, 2002.

CAMPS, Anna; COLOMER, Tereza. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CEREJA, W. R. **Português contemporâneo : diálogo, reflexão e uso**, vol. 3 / William Roberto Cereja, Carolina Assis Dias Vianna, Christiane Damien Codenhoto. São Paulo: Saraiva, 2009.

COOPER, H. M. **The integrative research review: a systematic approach**. Beverly Hills: Sage, 1984.

DEMO, P. **Saber pensar**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

FERREIRA, L. de F. **Ambiente de aprendizagem construtivista: construtivismo – uma apresentação teórica**. Disponível na INTERNET via <http://penta.ufrgs.br/~luis/Ativ1/Construt.html>. Arquivo consultado em 1998a.

FREIRE, P. **Considerações em torno do ato de estudar**. In: Ação cultural para a liberdade. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler - Em Três Artigos Que Se Completam**. São Paulo: Cortez, 2001.

LIMA, G. A. B. **Mapa conceitual como ferramenta para organização do conhecimento em sistema de hipertextos e seus aspectos cognitivos**. Perspectiva em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 134-145, jul./dez. 2004.

MOREIRA, M. A. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa**. Porto Alegre, [s.n.], 1997. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf>. Acesso em fev. 2014.

MOREIRA, M. A.; BUCHWEITZ, B. **Mapas conceituais: instrumentos didáticos, de avaliação e de análise de currículo**. São Paulo: Moraes, 1987. 83p.

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. S. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Centauro, 2001. 111p.

MOREIRA, M. A e Masini, E.A.F.S. **Aprendizagem significativa: A teoria de David Ausubel**. São Paulo, Editora Moraes, 1982.

Moreira, M. A. **Aprendizagem significativa: fórum permanente de professores**, Brasília, Editora Unb, 1999.

Moreira, M. A.. **Uma abordagem cognitivista no ensino da Física**. Porto Alegre, Editora de Universidade, 1983.

NOVAK, J. D. **Uma nova teoria de educação**. São Paulo: Pioneira, 1981. 252 p.

PIAGET, J, **O Nascimento da Inteligência na Criança**, 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PULASKY, M. A. S. **Compreendendo Jean Piaget: uma introdução ao desenvolvimento Erro! Indicador não definido. cognitivo da criança**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986 apud SILVA, Z. A. P.M. e A aprendizagem Erro! Indicador não definido. de Pavlov a Piaget: algumas reflexões. Disponível na INTERNET via <http://www.bauru.unesp.br/fc/boletim/formacao/pavlov.html>. Arquivo consultado em 1998.

RIBEIRO, A. P. **MAPAS CONCEITUAIS COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA DE ALUNOS DO 5º ANO.** In: Anais do Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia. Anais...Diamantina(MG) Online, 2022. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/cobicet2022/512537-MAPAS-CONCEITUAIS-COMO-ESTRATEGIA-DE-DESENVOLVIMENTO-DA-COMPETENCIA-LEITORA-DE-ALUNOS-DO-5%3f-ANO>>. Acesso em: 30/08/2022 12:56

RIBEIRO, M. A. P. **A Técnica de Estudar.** Fortaleza: Humana, 1997.

ROSA, P. R. da S. **A teoria cognitivista de David Ausubel.** [S.l.: s.n.], 2008. Disponível em: <http://fisica.uems.br/arquivos/instrumentacao/capitulo_4.pdf>. Acesso em abr. 2022.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 21. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

SILVA, Z. A. P.M. e **A aprendizagem de Pavlov a Piaget: algumas reflexões.** Disponível na INTERNET via <http://www.bauru.unesp.br/fc/boletim/formacao/pavlov.html>. Arquivo consultado em 1998

SILVA, A. L. da & SÁ, I. **de Saber estudar e estudar para saber.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1993.79p.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TAVARES, R. **Construindo mapas conceituais.** Ciência & Cognição, [S.l.], v. 12, p. 72-85, dez. 2007. Disponível em: <<http://cienciasecognicao.org>>. Acesso em fev. 2022.

URSI, E.S. **Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura.** 2005. Dissertação (mestrado em enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde-18072005-095456/pt-br.php>. Acesso em: 25 jun 2022.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. **The integrative review: update methodology.** J. Adv. Nurs., v.52, n.5, 2005.

AS FRONTEIRAS ÉTNICAS NO CONTATO DE LÍNGUA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE AS LÍNGUAS PORTUGUESA E TICUNA NO ALTO SOLIMÕES

Data de aceite: 03/04/2023

Rosinéa Auxiliadora Pereira dos Santos

Universidade do Estado do Amazonas

Renilda Aparecida Costa

Universidade Federal do Amazonas

RESUMO: As fronteiras étnicas no contato de língua: uma reflexão sobre as relações de poder entre as línguas portuguesa e ticuna no Alto Solimões problematiza como as identidades étnicas dos Ticuna foram se delineando ao longo de sua história de contato com outros grupos sociais falantes de língua portuguesa enfocando as interinfluências dessas línguas na construção de fronteiras étnicas do sujeito indígena através de seus discursos. Compreendendo que as relações de poder entre as línguas ocorrem a partir das relações sociais entre os grupos étnicos e a sociedade nacional, esta pesquisa objetivou analisar a construção das fronteiras étnicas do Ticuna a partir do contato deste com a língua nacional, refletindo sobre sua maneira de se constituir como sujeito indígena ante a diversidade cultural da Amazônia. A perspectiva teórica dialoga com a teoria de Barth sobre grupos e fronteiras étnicas e com a teoria da configuração de

Norbert Elias A compreensão sobre essa temática é relevante a partir do momento que entendemos que os sujeitos vivem em uma teia de interdependência (ELIAS, 1970) nas quais se evidenciam hierarquias nas relações de poder. Essa hierarquia evidencia-se nos discursos dos indivíduos a partir de suas configurações nos diversos jogos sociais que caracterizam a sociedade como dinâmica, uma vez que sempre haverá mudanças nas configurações dos sujeitos em convivência. A metodologia consistiu numa pesquisa de cunho qualitativo, no qual os procedimentos de coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas e questionário com interlocutores do grupo étnico ticuna, além de pesquisa bibliográfica da teoria dos autores acima citados e dos pesquisadores que tratam de questões sobre a Amazônia como Samuel Benchimol e Edson Hütner. O resultado foi que as fronteiras étnicas construídas pelos ticunas deram-se em virtude do contato desse povo com os colonizadores e também com os nordestinos que se mudaram para o Alto Solimões para a exploração da borracha que os fez migrar para a zona urbana. Nesse contato, a língua portuguesa se sobrepõe à língua Ticuna, uma vez que esse povo está em constante trânsito entre as zonas urbanas

e a comunidade indígena e nisso a língua oficial permite o engajamento social desse povo na sociedade nacional, enquanto que a língua ticuna mantém-se como elo coesivo entre os sujeitos desse grupo étnico e é a base da construção de sua identidade etnolinguística.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteiras étnicas; Línguas em Contato; Relações de poder entre línguas; Relações Interétnicas.

ABSTRACT: Ethnic frontiers in language contact: a reflection on the power relations between Portuguese and Ticuna languages in Alto Solimões problematizes how the Ticuna's ethnic identities were delineated throughout their history of contact with other Portuguese-speaking social groups, focusing on the inter-influences of these languages in the construction of ethnic boundaries of the indigenous subject through their discourses. Understanding that power relations between languages occur from the social relations between ethnic groups and national society, this research aimed to analyze the construction of the Ticuna's ethnic borders from their contact with the national language, reflecting on their way of life. constitute itself as an indigenous subject in the face of the cultural diversity of the Amazon. The theoretical perspective dialogues with Barth's theory of ethnic groups and borders and with Norbert Elias's theory of configuration. The understanding of this theme is relevant from the moment we understand that subjects live in a web of interdependence (ELIAS, 1970) in which hierarchies in power relations are evident. This hierarchy is evident in the speeches of individuals from their configurations in the various social games that characterize society as dynamic, since there will always be changes in the configurations of the subjects in coexistence. The methodology consisted of a qualitative research, in which the data collection procedures were semi-structured interviews and a questionnaire with interlocutors of the Ticuna ethnic group, in addition to a bibliographic research of the theory of the authors mentioned above and of the researchers that deal with questions about the Amazon as Samuel Benchimol and Edson Hutner. The result was that the ethnic borders built by the Ticuna were due to the contact of this people with the colonizers and also with the Northeasterners who moved to Alto Solimões for the exploitation of rubber that made them migrate to the urban area. In this contact, the Portuguese language overlaps the Ticuna language, since this people is in constant transit between urban areas and the indigenous community and in this the official language allows the social engagement of this people in the national society, while the Ticuna language maintains as a cohesive link between the subjects of this ethnic group and is the basis for the construction of their ethno-linguistic identity.

KEYWORDS: Ethnic borders; Languages in Contact; Power relations between languages; Interethnic Relations.

1 | INTRODUÇÃO

As relações de poder entre as línguas portuguesa e ticuna podem ser observadas através dos discursos do sujeito indígena vivente num ambiente entre línguas. Compreender essas relações interlinguísticas é abrir um diálogo sobre fronteiras étnicas e relacioná-las às formas de configuração do indígena amazônida com contato de línguas.

A pesquisa foi de cunho qualitativo e a coleta de dados aconteceu em meados de 2019 no município de Tabatinga através de duas entrevistas semiestruturadas com duas

mulheres Ticuna, a Margarida e a Girassol¹. Elas moram na comunidade indígena do Umariçu, no município de Tabatinga. As entrevistas foram transcritas conforme a variante do português falado de falar de cada uma. Portanto, não fizemos correções ortográficas conforme a norma culta, por acreditarmos que o português indígena é uma das muitas variedades dialetais do português brasileiro e, além disso, priorizamos a não alteração dos dados.

Disso foram retirados três recortes para a análise, partindo da seguinte pergunta de pesquisa: como o Ticuna se relaciona com as línguas do seu meio e de que forma elas influenciam a construção de fronteiras étnicas e simultaneamente sua identidade enquanto indígena?

A relevância da temática foca no entendimento de que os sujeitos² vivem em uma teia de interdependência (Elias, 1970) nas quais se evidenciam hierarquias nas relações de poder. Essa hierarquia evidencia-se nos discursos dos indivíduos a partir de suas configurações nos diversos jogos sociais caracterizadores da dinâmica social, uma vez que sempre haverá mudanças nas configurações dos sujeitos em convivência.

Essas interdependências sociais também envolvem a construção de fronteiras étnicas, visto que essas persistem mesmo quando há mobilidade de um espaço a outro e envolvem processos sociais tanto de exclusão quanto de incorporação opacas e transformam a vida dos sujeitos no curso de suas histórias de vida (BARTH, 1969).

2 | OS TICUNA NO ALTO SOLIMÕES

Alto Solimões, uma mesorregião localizada no sudoeste do estado do Amazonas, possui uma área territorial de 214.217,8 Km², onde vivem aproximadamente 240.000 habitantes nos municípios de Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Tonantins, Santo Antônio do Içá, Amaturá, Fonte Boa e Jutai.

Nesta região, há uma complexa sociobiodiversidade de povos e comunidades tradicionais³, formadas por pescadores, tripulantes, comandantes e tripulantes de barco, agricultores, viradores de tartarugas, extratores de madeira, pais e mães de santo (BENCHIMOL, 2009), além de 11 etnias indígenas: Ticuna, Kokama, Kambeba, Kaixana, Marubo, Mayoruna, Kanamari, Miranha, Matis, Witoto e Kulina.

Dentre essas etnias, o povo mais populoso é o Ticuna com 48.246 pessoas (PDPI, 2012) e sua língua é falada por todos do grupo étnico. Além disso, o povo Ticuna translocase por três países: Brasil, Colômbia e Peru. Isso faz com que eles mantenham contato com três línguas: a portuguesa, a espanhola e a ticuna; todavia, em algumas comunidades

1 Nomes fictícios para preservar a identidade das interlocutoras.

2 A categoria sujeito é entendida aqui conforme as bases da Análise do Discurso de Pêcheux. Para ele, o sujeito é um indivíduo consciente e, ao mesmo tempo, condicionado às coerções biológicas e sociológicas (PÊCHEUX, 2012).

3 Povos e comunidades tradicionais são entendidos, neste trabalho, como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam um território e recursos naturais como condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Decreto nº 6.040/2007).

ticunas do Alto Solimões, é possível encontrar pessoas que só falam a língua ticuna.

Os Magüta (povo pescado), autodenominação deste grupo étnico, habitavam em terra firme, nas mediações do igarapé São Jerônimo em São Paulo de Olivença Contudo, deslocaram-se para outras regiões para trabalharem nos seringais descobertos em outras partes da Amazônia. Além do contato com outros grupos étnicos, os Ticuna mantiveram contatos com os migrantes nordestinos oriundos do Ceará, do Maranhão e do Rio Grande do Norte numa relação de patrão-empregado na exploração da borracha. (HÜTTNER, 2007).

3 | FRONTEIRAS ÉTNICAS E A DIVERSIDADE CULTURAL NA AMAZÔNIA

Barth (1969) apresenta duas definições de grupos étnicos. A primeira é que os grupos étnicos são portadores de cultura e os traços culturais são resultantes dos efeitos da ecologia. Um grupo étnico se espalha sobre um território com circunstâncias ecológicas variadas e seus membros exibirão diversidades regionais no seu comportamento.

A segunda definição de grupos étnicos é a que os vê como um tipo de organização social. Os sujeitos são classificados como pertencentes ao mesmo grupo étnico em termos de sua ancestralidade, modos de se relacionar com o meio ambiente. Nesse sentido, estes sujeitos constroem as suas identidades étnicas em suas interações sociais, baseando-se nas diferenças culturais que eles mesmo consideram importantes.

A configuração cultural do Amazônida ocorreu pela fricção interétnica⁴ do contato com os brancos, os indígenas e os negros. Todavia “o conhecer, o saber, o viver e o fazer na Amazônia Colonial foi um processo predominantemente indígena” (BENCHIMOL, 2009, p.25), pois os recursos naturais da terra eram conhecidos pelos povos indígenas.

O caboclo⁵ desenvolveu as raízes culturais e os valores no contato íntimo com o ambiente físico e biológico favorecidos pelos casamentos interétnicos entre os europeus e as mulheres indígenas. A Amazônia Lusíndia⁶ foi configurada a partir da forte influência dos padrões culturais e espirituais eurocêntricos que desintegraram a identidade cultural indígena, através “das tropas de resgates, aldeias, missões, reduções, catequeses, queima de malocas, dízimos e trabalhos servis” (BENCHIMOL, 2009, p.25).

Essa violência simbólica destinada ao homem nativo amazônida forçou mudanças nas configurações sociais das populações indígenas, pois possibilitou não só o contato forçado com os “civilizadores” e também fez com que as múltiplas culturas nativas da Amazônia fossem desintegradas por conta da separação do indígena com o seu grupo étnico de origem. Essas ações provocaram mudanças ecológicas na forma de viver das

4 Fricção interétnica consiste nas situações de contato entre indígenas e não indígenas, em que as relações entre esses indivíduos evidenciam contradições em virtudes de suas dinâmicas peculiares (OLIVEIRA, 1967).

5 Caboclo é uma expressão utilizada para se referir ao indivíduo miscigenado resultado dos casamentos interétnicos entre brancos e indígenas. “O caboclo é bem o resultado, ao mesmo tempo, de um contato entre uma ordem tribal, e uma ordem nacional, e da fricção interétnica subjacente”. (OLIVEIRA, 1996, p.112).

6 Lusíndia é uma palavra formada pela composição dos termos luso e índia. Consiste num termo definido por Samuel Benchimol para explicar a forte influência dos portugueses (denominados lusos) na cultura do ameríndio.

populações na Amazônia.

Segundo Barth (1969), as variações ecológicas marcam as diferenças entre os grupos sociais, pois algumas características culturais são usadas pelos seus membros como sinalização das diferenças. Estas têm duplo viés: ou podem ser ignoradas, minimizadas e até mesmo negadas por outros nas relações sociais ou podem ser supervalorizadas e exaltadas através do reconhecimento de traços identitários pelos membros do mesmo grupo.

Assim, as fronteiras étnicas são fronteiras sociais, embora elas possam ter territórios duplicados, elas canalizam a vida social, implicando frequentemente em uma complexa organização de comportamentos e de relações sociais. As situações de contato social entre pessoas de cultura diferentes também estão vinculadas à manutenção de fronteiras étnicas sociais. É importante entender que os grupos étnicos somente continuam como unidades significantes se eles implicam diferenças marcadas no comportamento, ou seja, persistir diferenças culturais (BARTH, 1969).

Em se tratando dos Ticuna, eles sempre estão em trânsito na tríplice fronteira Brasil/ Colômbia/Peru. Essa mobilidade humana dá-se por questões de sobrevivência, em virtude de essas pessoas irem em busca dos serviços públicos em Tabatinga (MEDEIROS *et al.*, 2018). Tais serviços incluem a educação, pois muitos pais matriculam seus filhos na zona urbana para que seus filhos aprendam melhor a língua portuguesa. Inclui-se ainda a saúde, pois os países vizinhos não dispõem de um sistema de saúde pública gratuita; e os programas sociais são o bolsa família, o auxílio maternidade e também o auxílio emergencial que o governo brasileiro pagou para as pessoas de baixa renda durante a pandemia.

Para Barth (1969), os sistemas sociais variam profundamente na extensão da identidade étnica, como um status imperativo, obriga a pessoa na variedade de condições e papéis que ele pode assumir. Refletindo a respeito do histórico das relações interétnicas entre os ticunas e outros grupos sociais, percebemos que na região do Alto Solimões, a organização social dos Ticuna subjugou-se ao domínio do seringalista, em virtude de sua habitação estar localizada nas proximidades do barracão, a fim de efetuar a extração do látex.

Isto significa dizer que a condição de ser índio, impingia-o ao trabalho escravo, pois tal convivência aquiesceu aos padrões a propagação de suas ideologias por meio de um regime autoritário de submissão do indígena sob punições e ameaças de morte. Em outras palavras, “o regime do barracão no Solimões prejudicou o modo de viver do Ticuna na figura do patrão, pois tudo estava centralizado em sua pessoa” (HÜTTNER, 2007, p. 25).

Hoje os Ticuna, na cidade de Tabatinga, vendem seus produtos na feira denominada pelo mesmo nome do grupo e também nas ruas. É muito comum vermos as mulheres com uma bacia na cabeça cheia de produtos como banana ou outras frutas da época, tapioca, farinha, verduras caminhando nas ruas debaixo do sol quente com o intuito de vendê-los.

No final da tarde, os homens vendem peixes na Avenida da Amizade, próximo à entrada da fronteira Brasil/Colômbia. Portanto, os Ticuna contribuem para a economia local através do fornecimento de alimentos nas feiras e nas ruas nos municípios do Alto Solimões.

O contato do Ticuna com outros grupos sociais fez com que esse povo se reconfigurasse culturalmente, pois eles assimilaram a religião cristã. Muitos são da Ordem da Cruz, outros congregam a Igreja Batista Regular e há ainda a criação da igreja indígena em Filadélfia –AM, que concilia os princípios cristãos aos saberes tradicionais indígenas. Além da religião, esse povo busca formas de subsistência através do comércio, é muito comum nas terras indígenas a presença de mercearias, que vendem produtos variados como arroz, conserva, feijão, macarrão, charque dentre outros produtos. Há ainda as organizações políticas como a Organização dos Professores Indígenas Ticunas (OGPTB) e o Conselho Geral da Tribo Ticuna (CGTT).

4 | LÍNGUA, RELAÇÕES DE PODER E FRONTEIRAS ÉTNICAS NO CONTATO LINGUÍSTICO

Qual a relação de poder entre as línguas e quais os efeitos de sentido podemos extrair delas quando se trata de populações tradicionais indígenas?

Elias (1970) define uma configuração como um paradigma volátil gerado a partir de indivíduos que compõem o jogo das inter-relações. Nesta teoria, a sociedade é entendida como uma teia de interdependências na qual o homem é visto como *homines aperti*, pois está sujeito às mudanças constantes nos seus modos de convivência. Assim as ações nas relações entre indivíduos serão a partir de regras, criadas pelos próprios integrantes do grupo, formando um entrelaçamento versátil de tensões, visto que tal interdependência entre os sujeitos pode se caracterizar tanto como uma configuração de aliados ou de adversários.

Olhando para a história do Brasil, observamos que as relações de tensão entre a língua portuguesa e as múltiplas línguas indígenas geraram o extermínio de muitas populações tradicionais indígenas e junto com elas as suas línguas. Eduardo Guimarães (2005) apresenta quatro momentos para a implantação da Língua Portuguesa no Brasil.

Começando em 1532 até 1827, o autor apresenta as formas de inclusão da língua portuguesa no Brasil, que resumindo foram: 1. A colonização portuguesa, em que a língua começa a ser trazida para o Brasil e o contato entre as línguas europeias e as indígenas; 2 a chegada da família real portuguesa em 1808 e com ela a vinda de muitos outros cidadãos portugueses para o Brasil. Neste momento, com a consolidação do império, houve o impedimento do uso das línguas indígenas nas escolas através do diretório dos índios (1557) de Marquês de Pombal; 3. Com a vinda da família real para o Brasil, começou-se a discutir a criação da Língua Nacional do Brasil pelo parlamento brasileiro e o seu efetivo uso na corte, a partir da criação da imprensa e da biblioteca nacional por Dom João VI; 4. a partir de 1827 a consolidação da língua portuguesa como a língua nacional e oficial do

país, onde se começou a legitimar as gramáticas e os dicionários.

Através desse processo, os indígenas entraram em contato com a língua oficial, impulsionando-os ao bilinguismo compulsório, visto que não lhes foi dada a opção de escolher entre uma língua e outra. Em outras palavras, o processo de integração do indígena à sociedade nacional forçou o indígena a aprender a língua portuguesa para conseguir sobreviver em meio a um ambiente de intensas violências linguísticas, pois a imposição da política de ensino bilíngue desvozeou as línguas étnicas para vozear a língua portuguesa.

O fragmento abaixo é de uma fala de Girassol⁷. Nele podemos perceber como esta informante se define em relação à língua portuguesa:

Recorte 1

A língua... éh:: portuguesa representa pra mim por causa do trabalho, com com porque **sem... a a** língua portuguesa eu não/muitas vezes... **eu não vou conseguir um trabalho** e por isso eu...preciso... ter um domínio da língua portuguesa na na minha na minha vida e também por outras coisas assim às veze eu **tenho amigo indígena às vezes ele não vai saber falar a língua portuguesa às vezes eu entendo as duas língua eu posso ajudar** éh::...e por outras coisas também na minha vida eu gosto também da língua portuguesa e eu...**amo a língua portuguesa** eu gosto de falar tanto na língua indígena quanto na língua portuguesa ... **assim é necessidade** (Girassol, 2019).

Ela declara que a língua portuguesa é aquela que possibilitará a sua entrada no mercado de trabalho, como aquela que facilitará as suas relações interpessoais com o não indígena. A partir do enunciado “porque **sem...⁸ a a** língua portuguesa eu não/muitas vezes... **eu não vou conseguir um trabalho**”, evidenciamos que a integração completa dela, como indígena à sociedade nacional, só será possível a partir de sua apropriação da língua oficial do Brasil.

Percebemos através de seu discurso que este sujeito está dentro de uma relação de poder que o coloca em segundo plano em relação àqueles que falam a língua portuguesa, pois o seu domínio se torna obrigatório para os indígenas que têm interesse em se engajar na sociedade brasileira. Assim a configuração determinada por ela é a de uma pessoa que está integrada à sociedade nacional e que precisa se estabelecer economicamente a partir de um trabalho.

Norbert Elias (1970) descreve a sociedade como estruturas exteriores aos sujeitos simultaneamente envoltos a ela e também separados entre si através de classes sociais, cuja diferenciação dá-se a partir de uma “barreira invisível. Essas pessoas constituem redes de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escola, cidades, estratos sociais ou estados.” (ELIAS, 1970, p.15).

⁷ Girassol é um nome fictício. Ela é Ticuna nascida na cidade de Atalaia do Norte, contudo reside em Tabatinga há quatro anos desde que se tornou acadêmica da Universidade do Estado do Amazonas.

⁸ A reticências indica que a informante deu uma longa pausa em sua fala.

Margarida⁹ fala sobre sua relação com a língua portuguesa no recorte abaixo:

Recorte 2:

ter conhecimento de/da segunda língua que é da língua portuguesa e também muitas vezes:: é pra/se/ para se comu/comunicar ou muitas vezes se **defender de alguma situação que é desagradável** pra mim porque as vezes o preconceito por ser/eu sou da etnia Ticuna e muitas vezes as pessoa que não é da etnia muitas vez fala ai entendendo a segunda língua eu posso me defender desse... **desse julgamento** que às vezes acontece (MARGARIDA, 2019).

A interlocutora vê a língua portuguesa como um mecanismo de defesa pessoal, pois falar essa língua extrapola as necessidades comunicacionais e se estende para a inevitabilidade de se defender dos preconceitos dos não-indígenas em relação à sua etnia. A utilização das expressões “defender de alguma situação que é desagradável” e “desse julgamento”, revela-nos que a interlocutora sofre preconceitos não só por pertencer a um dos grupos indígenas, mas também passa por situações constrangedoras quando ela não compreende a língua portuguesa. Indagamo-nos ainda sobre a expressão “desse julgamento”. Quais seriam esses julgamentos? Como seriam essas formas de conceber o sujeito indígena em relação à sociedade nacional?

A resposta a que chegamos é a de que esses julgamentos, referidos à Margarida, são os discursos propagados desde a época colonial e que continuou durante a construção da sociedade brasileira. Esses discursos apresentam arquétipos de que indígenas são incapazes e preguiçosos, frutos do imaginário do colonizador (seja português, espanhol ou de outra nação europeia), que para conseguir ocupar o território recém-descoberto, criou arquétipos de submissão para os povos indígenas, submetendo essas pessoas não só às condições de trabalho desumanas, como também à violência sexual praticadas com as mulheres indígenas (GAMBINI, 2000).

“As sociedades se compõem de indivíduos e que os indivíduos só podem possuir características especificamente humanas tais como a capacidade de falar, de pensar, e amar nas e pelas suas relações com as outras pessoas – em ‘sociedade’.” (ELIAS, 1970, p.123). No discurso de Margarida, observamos que ela se configura a partir de outros sujeitos. Isso quer dizer que ao se representar através das línguas em que ela está envolvida (a Portuguesa e a Ticuna) ela estabelece um elo com outras pessoas inseridas em outras configurações como as que a discriminam por ela não ter uma desenvoltura ao falar português. Essa situação gera desconforto a sua condição de sujeito indígena que está em integração com a sociedade nacional.

Recorte 3

Às vezes **falo língua português na minha casa** porque algumas vez também visitar os **colegas civilizados ou amigos mesmos** ou colega...e com minhas

9 Margarida, pseudônimo de nossa segunda interlocutora, é Ticuna e acadêmica da Universidade do Estado do Amazonas. Ela é moradora na comunidade de Umariçu.

famílias éh:: a maioria das minhas famílias falaram em/ de língua maternas e alguns **minhas tias também falaram de espanhóis e língua português e alguns meus primos falaram de espanhol e português** e maioria das minhas famílias que falaram de língua ticuna e na cidade quando vim na cidade falaram de língua português mas utilizamos de língua português também na escola com os professores falaram de língua português e com as minhas colegas de não indígenas mas mesmo usaram de língua Ticuna também porque alguns dos meus colega meus colega minhas colegas indígenas falaram de mesma línguas alguns colegas não indígenas falaram de português (MARGARIDA, 2019).

Evidenciamos, no recorte acima, que Margarida define os espaços sociais dos quais são as línguas são utilizadas. Os espaços da língua portuguesa são a cidade e a escola, ou seja, a zona urbana juntamente com suas instituições sociais. O espaço da língua ticuna é nas relações mais estreitas, como no cotidiano familiar ou com os amigos do mesmo grupo étnico. Evidenciamos ainda que tanto Margarida quanto Girassol utilizam os pronomes pessoais para se definirem dentro das tramas das relações interpessoais. “Os pronomes pessoais são no seu conjunto uma expressão elementar do fato de que cada um se relaciona fundamentalmente com os outros e de que cada ser humano individual é essencialmente um ser social” (ELIAS, 1970, p.135). Ao utilizar os pronomes de primeira pessoa, elas se colocam como o locutoras da comunicação e se configuram em direção ou a um “tu”, representando o interlocutor ou a um “ele” que não está presente na dinâmica conversacional.

Portando, as relações de poder entre as línguas que evidenciamos nos discursos indígenas mostram além dos espaços sociais delimitados para cada língua que o sujeito indígena se configura perspectivacionalmente através dos outros sujeitos de sua convivência, seja na comunidade indígena, seja na zona urbana. A língua portuguesa é a língua do desejo, visto que dominá-la é necessário para que o indígena consiga se inserir no mercado de trabalho ou se defender dos pré-julgamentos alimentados desde o período colonial. Ao passo que a língua ticuna é aquela do conforto, que estreita as relações familiares e o convívio entre o povo.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos indígenas analisados neste trabalho mostraram o quão vivo está o discurso do colonizador no imaginário do sujeito indígena. A formação social da Amazônia derivou de intensas miscigenações da rica etnodiversidade e a cultura indígena foi reconfigurada pelo contato com os nordestinos e europeus. As fronteiras étnicas pelas quais os indígenas passam na região do Alto Solimões são (re)construídas na opacidade do discurso de que os grupos étnicos viveriam numa suposta convivência harmoniosa. Entretanto, a realidade nos mostra que o sujeito indígena sofre no seu dia a dia exclusões sociais pelo fato de serem indígenas e pelo fato de também não “dominarem” a língua

portuguesa.

O sujeito indígena ao falar das línguas constrói sua identidade étnica por meio de uma rede de representações de si e do outro através do uso dos pronomes pessoais. Nisso conseguimos abstrair as relações de poder entre a língua portuguesa e a língua ticuna, a partir do momento em que evidenciamos a determinação dos espaços sociais dos quais as línguas são usadas. Nessa perspectiva, a língua nacional ganha “status” privilegiado, pois é utilizada nas relações sociais urbanas e nas instituições, ao passo que a ticuna é restrita ao uso entre familiares e colegas que compartilham a mesma identidade étnica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; RUBIM, Altaci Corrêa. Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas. In: **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, vol 4, nº1, 2012.

BARTH, F. Introduction. In: BARTH, F. **Etnic groups and Boundaries: the social organization of culture difference**. Noruega, Waveland press, Inc., 1969.

BENCHIMOL, S. **Amazônia: formação social e cultural**. 3ª ed, Manaus: Editora Vales, 2009.

COUTINHO, W. **Gente Valente: uma coletânea Matsés: uma coletânea do Vale do Rio Javari (1866-1974)**. Brasília, DF. Tese de doutorado. Universidade de Brasília -UNB, 2017.

DETURCHE, J. P. J. L; HOFFMANN, K. D. Nomes, subgrupos e qualidades totêmicas – nas águas de uma sociologia Katukina In: **Ilha**, v. 18, n. 2, 2016.

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GAMBINI, R. **Espelho índio: a formação da alma brasileira**. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.

GUIMARÃES, E. A Língua Portuguesa no Brasil. In: **Ciência e Cultura**. vol.57, nº.2. São Paulo, 2005.

HUTNER, E. A igreja católica e os povos indígenas: os Ticuna na Amazônia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

MEDEIROS, A. et al. Povos Ticuna na tríplice fronteira: desafios para o estado e para o direito. In: **Mundo Amazônico**, vol. 9, 2018. 161-198.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O índio e o mundo dos brancos**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

PÊUCHEUX, Michel. Sobre os Contextos epistemológicos da Análise do Discurso. Tradução: Eni Orlandi. In: PÊUCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

WELPER, E. M.. **O mundo de João Tuxaua: (trans)formação do povo Marubo**. Rio de Janeiro - RJ. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

REPETIÇÃO E EXPRESSIVIDADE NA POESIA

Data de submissão: 08/02/2023

Data de aceite: 03/04/2023

Guaraciaba Micheletti

UNICID / USP
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/4227093189308770>

Ana Elvira Luciano Gebara

Direito FGV SP / UNICID
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/8917433006229576>

RESUMO: Os diversos tipos de repetição e a frequência com a qual aparecem na estruturação dos poemas é um fator básico de constituição dos sentidos. Para estudar esses recursos, especificamente o paralelismo, o presente artigo toma essas noções da Linguística Textual (KOCH, 2015; ANTUNES, 2017) e da Estilística (MARTINS, 2003; MICHELETTI, 1997, 2011) para analisar cinco poemas: dois de autores do século XX, Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana, e as demais do XXI, Bruna Beber, Ana Martins Marques, Alice Sant’Anna. Neles, a repetição se faz de modos bastante diversos: ora se aproximando de textos prosaicos, ora se apresentando ao leitor com características mais tradicionais da poesia. São recorrências que reiteram o proposto pelos

temas e que constroem a progressão dos textos. Em última instância, respondem pela expressividade e, dependendo da frequência, pelo estilo.

PALAVRAS-CHAVE: Recorrências, Paralelismo sintático, Expressividade.

REPETITION AND EXPRESSIVENESS IN POETRY

ABSTRACT: The different types of repetition and the frequency with which they appear in the structure of poems is a pivotal factor in the constitution of meanings. In order to study these resources, specifically the parallelism, this article makes use of Textual Linguistics (KOCH, 2015; ANTUNES, 2017) and Stylistics (MARTINS, 2003; MICHELETTI, 1997, 2011) to analyze five poems: two by 20th century authors, Carlos Drummond de Andrade and Mario Quintana, and the others by 21st century authors, Bruna Beber, Ana Martins Marques and Alice Sant’Anna. In them, repetition is produced in quite different ways: sometimes approaching prosaic texts, sometimes presenting the reader with more traditional characteristics of poetry. These recurrences reiterate what is proposed by the themes building the progression of the texts. Ultimately, they are responsible for

expressiveness and, depending on the frequency, for style.

KEYWORDS: Recurrences, Syntactic Parallelism, Expressiveness.

1 | QUESTÕES INICIAIS

Muitas vezes, quando se indaga a um leitor sobre o que é um poema, não é incomum receber a resposta de que é um texto com rimas. Ainda que seja uma imagem de certa forma redutora, não é descabida, ao contrário, os textos poéticos, durante muitos séculos, utilizaram esse e outros recursos.

A percepção desses recursos permite não somente uma identificação, promove a definição de uma postura de leitura que os leitores devem adotar uma vez que não se lê cada um dos gêneros da mesma forma nem com os mesmos objetivos (MARCUSCHI, 2008).

Marcuschi, ao apresentar os critérios que utilizamos para caracterizar um gênero, insere o poema no critério “forma estrutural”, pois o verso é o elemento comum a todos os poemas. (2008, p. 164) Os critérios para se identificar os poemas são de várias ordens, principalmente porque é necessário alinhá-los à estética à qual adere o poeta ou a poetisa, a sua proposta temática, a sua visão de leitor e do gênero.

Pensando no papel desses critérios, selecionamos cinco poemas, a saber: “Família”, de Carlos Drummond de Andrade, “Ritmo”, de Mario Quintana, “Romance em doze linhas”, de Bruna Beber, “Reparos”, de Ana Martins Marques, e “há aquilo que fica firme (um poste)”, de Alice Sant’Anna, para apresentar a repetição como recurso estrutural, e também como frequência expressiva, ou seja, quando esse recurso, pela sua ausência ou pela sua ocorrência, é central para a constituição da expressividade do poema.

2 | REPETIÇÃO E PROGRESSÃO NA POESIA

A repetição consiste em um dos procedimentos fundamentais da língua, um elemento básico discursivo-textual tanto na prosa como na poesia. Manifesta-se em diferentes níveis: fonológico (aliterações, assonâncias, rimas), morfológico (frequência de classes gramaticais e de afixos) e lexical (escolhas em campos lexicais), sintático (em particular, pelas estruturas paralelísticas), no semântico (figuras, em geral) e no discursivo.

Dessa forma, pode-se afirmar que a repetição está presente nos fatores de textualidade, tais como a continuidade e a progressão. A frequência em que a repetição ocorre e se essa repetição será expressiva depende do gênero em questão.

Como afirmamos, a repetição não ocorre só na poesia, a prosa, ainda que com uma frequência menor, também faz uso desse recurso. Na prosa, isso pode ser notado, por exemplo, na exaustiva utilização de determinados conectivos e dos processos de modalização nos contos de M. Carone (cf. MICHELETTI, 2011). Na poesia, como um fator

relevante para a coesão intrinsecamente ligada à construção da coerência, a repetição aparece em primeiro plano, constituindo-se mesmo na arquitetura do poema.

Tomando o ponto de vista dos mecanismos de coesão e coerência, Koch (2015, p. 49) indica que a coesão sequencial:

diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos, e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relação semântica e/ou pragmático-discursiva, à medida que se faz o texto progredir. Essa interdependência é garantida, em parte, pelo uso dos diversos mecanismos de sequenciação existentes na língua e, em parte, pelo que se denomina progressão tópica.

Entre os mecanismos elencados por Koch (2015), há os baseados na recorrência: a) a reiteração ou repetição de itens lexicais; b) a recorrência de recursos fonológicos segmentais e/ou suprasegmentais (metro, ritmo, rima, assonância, aliteração etc); c) recorrência de conteúdo, a paráfrase; d) o paralelismo sintático, em que “o enunciado constrói-se com a utilização das mesmas estruturas sintáticas, preenchidas com itens lexicais diferentes.” (2015, p. 84). Desses, destacamos, neste artigo, a repetição ou a recorrência, como designa Koch (2015), das estruturas sintáticas, o paralelismo.

A escolha pelo paralelismo se deu pela observação de que, na poesia moderna e contemporânea, há um número significativo de poemas que utilizam esse mecanismo, deixando outros, antes característicos do poema, em segundo plano ou simplesmente como ausência. A flutuação ou a livre escolha de mecanismos para o poema é possível como afirma Antunes (2017), em **Textualidade**: noções básicas e implicações pedagógicas, porque

Do ponto de vista linguístico, a coerência do texto poético é inteiramente imanente a ele. Ou seja, se cada texto, em alguma medida, cria sua própria coerência, no texto poético essa possibilidade é muito mais forte. Aí, as unidades linguísticas ganham autonomia de uso e de combinação, perdem a subserviência aos padrões impostos pelas convenções do sistema. São peças de um jogo cujas regras particulares se criam no próprio ato da enunciação, exatamente pela quebra do que era regularmente previsível. (2017, p. 87)

Esse mecanismo aparece, também, nos estudos sobre a estrutura da poesia em Levin (1975). Para o autor, o paralelismo como outros recursos compõe uma espécie de equivalência, uma projeção que constrói a arquitetura temática. Como salienta Martins, citando Dámaso Alonso, o estudo da estilística depende de uma relação das formas no interior da mensagem (2003, p.31). Salienta, ainda, a autora, com base na estilística estrutural, o valor do signo conforme sua posição “no seio do sistema”. Assim, a repetição sintática, que constitui um paralelismo, assume papel fundamental na construção da linguagem poética.

Levin (1975) denomina essa estrutura de equivalência de Tipo II. No paralelismo sintático, ocorrem equivalências de posição de elementos fônicos e semânticos. São

correlações que se vão estabelecendo, formando certas convergências que atuam para a construção de sentido e, dependendo da sua frequência, podem marcar um estilo¹.

Importante destacar que o paralelismo, desse ponto de vista, é um fator linguístico-discursivo responsável pela ampliação ou delimitação de sentidos. Na poesia de F. Gullar, aparece como desdobramento, tal como foi focalizada por Micheletti (1997). Nesse caso, a repetição se manifesta como frequência expressiva, marcando, ainda, uma característica do autor, ou seja, podendo identificar seu estilo.

Neste artigo, ao identificarmos os procedimentos de repetição e, conseqüente, frequência expressiva, colocamos, em evidência, os traços constitutivos e estilísticos da poesia. Para tal, aliamos as questões de textualidade e da estrutura dos gêneros poéticos à Estilística, que, em qualquer um de seus ramos², é uma disciplina dos estudos da linguagem voltada para a questão da expressividade, preciosa auxiliar na identificação dos sentidos (de modo mais amplo) e do *ethos* de um enunciador seja na prosa ou na poesia. Esse aspecto, ao ser analisado, deve ser relacionado à época, à temática e ao tratamento estético dado construído no texto.

Creemos, antes de proceder à análise, que seja necessário esclarecer, do ponto de vista linguístico, a relação entre repetição e recorrência, pois nem toda recorrência é uma repetição; se pensarmos na recorrência semântica, por exemplo, mas toda repetição gera uma recorrência, como as relacionadas aos recursos fonológicos ou a repetição de mesmos itens lexicais. E toda recorrência, como nos lembra Koch (2015), produz um deslocamento de sentido. Como observamos nos poemas, a segunda, terceira ou a enésima ocorrência de um mesmo termo ou estrutura amplia, informa, prolonga ou satura aquilo enunciado anteriormente.

3 | QUANDO A FREQUÊNCIA SE TORNA EXPRESSIVA: REPETIÇÃO E SENTIDO

No poema, há uma tensão constante entre forma e conteúdo em sua inserção no espaço discursivo. Muitas vezes, essa tensão indica um modo do enunciador se posicionar quanto ao tema, de maneira incisiva ou incerta. Os mecanismos de recorrência apoiam esses modos de enunciar. É o caso do poema de Carlos Drummond de Andrade, “Família”

Família

Três meninos e duas meninas
sendo uma ainda de colo.

A cozinheira preta, a copeira mulata,

1 Há nesse caso, uma questão relevante para nossas análises, como afirma Gebara (2009, p. 101-102) ao retomar a noção de acoplamento de Levin em que essas equivalências convergem: “Embora Levin (1975) não tivesse formulado o acoplamento para questões discursivas; os de tipo II projetam equivalências entre palavras ou sintagmas, que carregam para dentro do texto enunciados. Seria equivalente às formas não marcadas para os poemas, em que as alusões, a ironia, o pastiche, trariam pela estrutura ou pelo arranjo do léxico a outra voz, garantindo o diálogo entre elas por essa equivalência.”

2 tradicionalmente, a da língua e a da literatura, hoje se estende à pedagógica, à cognitiva entre outras.

o papagaio, o gato, o cachorro,
as galinhas gordas no palmo da horta
e a mulher que trata de tudo.

A espreguiçadeira, a cama, a gangorra,
o cigarro, o trabalho, a reza,
a goiabada na sobremesa de domingo,
o palito nos dentes contentes,
o gramofone rouco toda a noite
e a mulher que trata de tudo.

O agiota, o leiteiro, o turco,
o médico uma vez por mês,
o bilhete todas as semanas
branco! mas a esperança sempre verde.
A mulher que trata de tudo
e a felicidade.

(ANDRADE, 1988, p. 24-25)

O poema é constituído por um processo de enumeração apoiado em versos paralelos. São possíveis fragmentos de frases que representam, por sua vez, fragmentos de um cotidiano de mesmice e de um certo aprisionamento, principalmente da mulher, responsabilizada por tudo. O ritmo é construído pelo paralelismo de sintagmas nominais, ocorrendo também alguns adverbiais, que apresentam elementos do dia, numa certa disposição. Esse ritmo nascido da recorrência de mesma estrutura e das escolhas do campo léxico-semântico de família de um certo tempo e lugar plasma a mesmice que se desenvolve nas três estrofes, com algumas variações nas duas primeiras.

Mesmo quando o verbo aparece nos últimos versos da primeira e da segunda estrofes (e a mulher que trata de tudo) e da terceira (e a mulher que trata de tudo/ e a felicidade), ele está embutido no sintagma nominal cujo núcleo é mulher, caracterizando-a pela oração subordinada adjetiva. Nessa oração relativa, é possível observar que todos os elementos citados em versos anteriores são retomados pelo pronome “tudo”, que, ao lado, do verbo, reforçam a ideia de que é a figura feminina, a responsável pelo funcionamento do quadro que se apresenta.

O efeito do uso da repetição de sintagmas nominais em uma configuração simples - especificador + substantivo (o papagaio) -, ou em uma configuração mais complexa - especificador + substantivo + sintagma adjetival (o gramofone rouco) parece não apenas mostrar a complexa rede de objetos, pessoas e animais envolvidos nessa família, mas também indica o que é a família para o enunciador, o que dela deve ser mencionado.

Trata-se de um quadro descritivo em que não se ultrapassa a designação, que “compreende *nomear*, *indicar*, ou seja, *dar a conhecer*” (MARQUESI, 2004, p. 103) sendo esse modo de configurar uma frequência expressiva. A expressividade decorre da frequência do uso desse mecanismo que envolve a repetição de estrutura e a rede de relações nem

sempre recíprocas, mas reconhecíveis do campo léxico-semântico, delimitados pelo frame³ estabelecido no título “Família”.

Ainda que existam metáforas (o gramofone rouco, a esperança sempre verde), são os substantivos abstratos (esperança e felicidade) que mostram o que falta à indicação seca dos elementos do universo da família e que nos impulsionam a uma interpretação - talvez ligada a uma imagem de família dos leitores, talvez ligada à ausência do homem da família, olhar externo no momento da criação dessa sequência de “fotos”, representadas pelas estrofes.

A frequência expressiva, portanto, na leitura do poema, se constrói pela ausência de um elemento que se torna observador, um ponto de vista do ausente, e por tantos outros que se mostram na repetição de uma mesma estrutura.

4 | A REPETIÇÃO A SERVIÇO DA ARGUMENTAÇÃO

Já em “Reparos”, o paralelismo sintático, recorrência de estrutura, aparece como exemplificação em uma estrutura argumentativa, não tem o peso da enumeração do poema de Drummond, aparecendo em uma frequência menor.

REPAROS

Algumas coisas
quando se quebram
são fáceis de consertar:
uma xícara lascada
uma estatueta de gesso
um sapato velho
uma receita que desanda
ou uma amizade arruinada.
Ainda que guardem
as marcas do remendo,
é possível que essas marcas
tenham um certo charme
como algumas cicatrizes.
Mas experimente consertar
um poema que estragou.

(MARQUES, 2009, s.p.)

Há, nesse poema, três blocos: do primeiro ao oitavo verso onde se apresenta a tese e os exemplos; do nono ao décimo terceiro, em que se qualifica positivamente o resultado do conserto em meio a expressões (“Um certo charme”) e uma oração de teor concessivo (“Ainda que guardem/as marcas do remendo”) e, por fim, do décimo quarto ao décimo quinto, em que o eu lírico, em uma ruptura em relação aos outros blocos, desafia o leitor e a si mesmo em sua tese inicial. O poema se desenvolve em um tom bastante prosaico;

3 Segundo Ferrari (2011, p. 50), “O termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência.

notam-se, especialmente, os conectivos: “ainda que” e “mas” e, mesmo, a utilização de dois pontos para adicionar a sequência de exemplos, estabelecendo uma ligação de caráter mais lógico, a qual poderia, aparentemente, exilar o lírico; no entanto, na estratégia argumentativa em si e no desafio final, observa-se sua força lírica como fonte de um saber construído no vivido.

Os dois versos finais e a distribuição das frases na página, em versos, imprime a ideia de que o texto é um poema. A repetição, mesmo em uma frequência menor, também colabora para a construção do texto como poético, pois o processo enumerativo, um objeto por verso, põe em evidência a reflexão que é apresentada ao leitor. Nesse bloco de versos paralelos, o eu lírico estabelece uma relação entre a poesia e objetos do cotidiano e, até mesmo, com algo não concreto - a amizade. Vê, neles, a impossibilidade de uma restauração, mas há uma possibilidade de conserto, e, assim, ficam cicatrizes.

No entanto, o poema não pode ser consertado segundo o eu lírico dando ao leitor a impressão de já haver tentado esse conserto e falhado. Há, nos dois primeiros blocos, a descrição de um processo com seus elementos constitutivos e sua dinâmica; e, ao final, o eu lírico lança uma espécie de desafio ao seu leitor, o qual se pode notar pelo conectivo adversativo e pelo modo verbal, “experimente”, no imperativo - um pseudo desafio, uma interrogativa indireta de caráter retórico, uma vez que o eu lírico acredita que não haja outra possibilidade.

Como em “Família”, ocorre uma descrição a partir de um processo enumerativo, mas sem a mesma fragmentação frasal e sem o mesmo “peso”. A função do paralelismo sintático é concretizar ao leitor como e em que medida esses concertos podem ser realizados. Se a vida tratada em “Família” é a do cotidiano, aqui a vida é aquela que se constrói e que sobra para além do poema. Ambos ficam sem conserto - um paralelismo discursivo entre a arte e a vida.

5 | RITMO NO E DO PARALELISMO SINTÁTICO

Outro uso da repetição de estrutura, dessa vez ampliada para a sentença, pode ser observado em “Ritmo”⁴, de Mario Quintana:

Ritmo

Na porta
a varredeira varre o cisco
varre o cisco
varre o cisco

Na pia
a menininha escova os dentes

4 A análise do poema aqui apresentada se baseia nessa disposição do poema na página como encontramos na edição da Editora Globo de 1987.

escova os dentes
escova os dentes

No arroio
a lavadeira bate roupa
bate roupa
bate roupa

até que enfim
se desenrola
toda a corda
e o mundo gira imóvel como um pião!

(QUINTANA, 1987, p. 8)

Como no poema “Família”, há a transposição de um cotidiano, relacionado à figura feminina e à mesmice. Nesse caso, em lugar de fragmentos representados por frases nominais, três verbos no presente do indicativo se repetem nas três primeiras estrofes, construindo a frequência das ações como recorrentes e inconclusas⁵.

Essa frequência estabelece o ritmo, anunciado metalinguística e metacognitivamente. São três estrofes construídas em paralelismo sintático que partem, cada uma delas, da fragmentação de uma oração que, também, será disposta paralelamente. Apresentam um primeiro verso indicativo de um espaço, um segundo, ligeiramente mais longo, que introduz a figura humana feminina praticando uma ação. O terceiro verso provém da segmentação do anterior, pondo em relevo a ação desenvolvida que se repetirá paralelamente no quarto verso.

Sem nos alongarmos, trazemos três das muitas definições de ritmo (HOUAISS, 2001) que podem ser aplicadas a este caso, especialmente no que diz respeito ao recurso do paralelismo e a seus efeitos de sentido. São elas:

1.4 *ret.* efeito causado no discurso pela repetição ordenada de elementos de ordem prosódica, principalmente de entoação, pausas, quantidade de sílabas, aliteração e acento tônico.”;

1.4.1 *lit* na arte literária, esp. na poesia, o efeito estético ocasionado pela ocorrência de unidades melódicas, dispostas numa sequência contínua <poesia com r.> <uma prosa que possui r.>.”, (...)

4 *p.metf.*(da acp. 3) sucessão de situações ou atividades que constituem um conjunto fluente e homogêneo no tempo, ainda que não se processem com regularidade <r. frenético da vida moderna> <r. de uma revolução social> <r. de estudos>” (HOUAISS, 2001, s. p.)

Do ponto de vista estrutural, além da repetição de itens lexicais (o predicado verbal que ocorre três vezes em cada estrofe, portanto três repetições de verbo e sintagma nominal) , há, também, uma recorrência a fonemas de um espectro sonoro semelhante,

5 Travaglia, em **O aspecto verbal em português: a categoria e sua expressão** (2016), apresenta o presente do indicativo como habitual - reforçado ou não por expressão adverbial e durativo. Ambos os casos aparecem nos poemas analisados neste artigo uma vez que o presente do indicativo reforça ação que se repete sem conclusão.

especialmente com os fonemas /t/ e /d/. Isso coincide com a definição de ritmo apresentada nos itens 1.4 e 1.4.1. Ambas indicam que essa recorrência configura o ritmo.

A terceira definição que, pela analogia, imprime a extensão do uso da palavra “ritmo” para configurar certas situações pode ser observada na quarta estrofe. Ainda que essa estrofe rompa com a regularidade em termos da estrutura que vinha sendo desenvolvida, pois não há mais o paralelismo sintático, ela prolonga a ideia do repetitivo, uma vez que distribui os três versos na página, criando uma imagem do prolongamento da corda - como se as três ações descritas nas estrofes anteriores pudessem ser representadas por outras indefinidamente, nesse “até que enfim/se desenrola/toda a corda”.

A síntese da ideia da terceira definição está no último verso “e o mundo gira imóvel como um pião!” que conclui o poema e a própria reflexão que um leitor pode ter de que as mudanças são apenas aparentes. Apesar de as estrofes trazerem três quadros do cotidiano feminino, cada um com suas peculiaridades, a estrutura sintática desses quadros é a mesma:

SP - Adjunto Adverbial SN - Sujeito SV - predicado (V + SN) SV - predicado (V + SN) SV - predicado (V + SN)	Na porta a varredeira varre o cisco varre o cisco varre o cisco
--	--

Outra estrutura que se repete é a rítmica:

Na porta (1) a varredeira (2) varre (3) o cisco varre o cisco varre o cisco	Na pia (1) a menininha (2) escova (3) os dentes escova os dentes escova os dentes	No arroio (1) a lavadeira (2) bate (3) roupa bate roupa bate roupa
---	---	---

A sílaba tônica dos três versos (1) iniciais das estrofes se repete, porque mesmo sendo pia um monossílabo, a vogal [i] se sobressai. No caso do sintagma nominal na função de sujeito (2), há o mesmo número de sílabas, como se, mesmo sendo diversas, essas pessoas se apresentassem em uma mesma estrutura. Por fim, os verbos (3) que representam as ações também guardam uma semelhança - todos são paroxítonos, VARre, esCOva, BAte. Cria-se, assim, a imagem de ações que giram em torno de um eixo como o próprio pião gira sem sair do lugar.

O que resta é a ‘mesma mesmice’ apresentada por Drummond em “Família”.⁶ Lá eram as pessoas, animais e objetos que se apoiavam na figura feminina; aqui são as ações do cotidiano que prendem as figuras femininas, apagando-as como sujeitos, porque, nos

⁶ para uma análise desse poema como um todo cf. Micheletti, 2002.

versos 3 e 4 de cada estrofe, a função sujeito é elíptica (varre o cisco / varre o cisco; escova os dentes / escova os dentes; bate roupa/ bate roupa) e as ações parecem, pela estrutura sonora, repetir indefinidamente.

6 | A REPETIÇÃO SUTIL NA INDEFINIÇÃO

há aquilo que fica firme (um poste)
e não comove e há o que se mexe (uma árvore)
e faz barulho e chega a parecer um polvo com tentáculos
tentando agarrar as nuvens, ao contrário
das montanhas muito firmes
e sérias e certas de onde estão
mas há também o que se movimenta
rápido demais na moldura da janela: um pássaro
sempre pode ser uma andorinha ou uma águia
e um avião nunca sabemos
de onde parte para onde segue
(SANT'ANNA, 2013, p. 12)

O poema de Alice Sant'Anna apresenta uma afirmação, assentada no pronome indefinido (“há aquilo”) e, partindo de duas categorias: uma de posição fixa e outra de posição mutável, foca o desconhecimento que se tem sobre a existência, apesar de os versos serem declarativos. O processo de repetição é mais sutil, ocorre no interior dos versos e faz uso de elipses (do objeto da oração principal e do sujeito, pronome, da oração relativa) e do polissíndeto (e). Há uma espécie de recorte do mundo, objetos visualizados pelo olhar que os abarcam, estabelecendo comparações ancoradas em metáforas, resultado do ponto de vista subjetivo do eu lírico que confere vida a esses objetos.

As elipses, identificadas como (1) no quadro de exemplificação a seguir, se apresentam como ausência e reafirmam a indefinição contida no pronome “aquilo”. Já o polissíndeto, repetição do conectivo “e” (2), cria a ideia de um não acabar como se o encadeamento desses elementos (“aquilo”, “poste”, “árvore”, “montanha”) fosse uma tentativa de imprimir sentido.

Quadro de exemplificação

há aquilo que fica firme (um poste) (2) e (1 <i>que</i>) não comove (2) e há o que se mexe (uma árvore) (2) e (1 <i>que</i>) faz barulho (2) e (1 <i>que</i>) chega a parecer um polvo com tentáculos tentando agarrar as nuvens, ao contrário das montanhas muito firmes (2) e sérias (2) e certas de onde estão (...)

O eu lírico, subjacente nas afirmações e ausente no poema, é o olhar pela moldura da janela, percebendo o mundo *in media res*, pois o que está fixo (o poste) se prolonga para além dessa moldura (“e chega a parecer um polvo com tentáculos /tentando agarrar

as nuvens”) e o que se move é visto em pleno voo (“o pássaro”, “uma andorinha ou uma águia e um avião”), um momento de seu percurso que irá para além da janela. Tudo que foi descrito buscando um sentido se esvai no ar, dos tentáculos que se aderem o objeto e das montanhas certas de onde estão, chega-se ao “nunca sabemos/ de onde parte para onde segue”, impossibilidade de apreensão dos sentidos.

71 A RECORRÊNCIA PLEONÁSTICA EM DOZE VERSOS

romance em doze linhas

quanto falta pra gente se ver hoje
quanto falta pra gente se ver logo
quanto falta pra gente se ver todo dia
quanto falta pra gente se ver pra sempre
quanto falta pra gente se ver dia sim dia não
quanto falta pra gente se ver às vezes
quanto falta pra gente se ver cada vez menos
quanto falta pra gente não querer se ver
quanto falta pra gente não querer se ver nunca mais
quanto falta pra gente se ver e fingir que não se viu
quanto falta pra gente se ver e não se reconhecer
quanto falta pra gente se ver e nem lembrar que um dia se conheceu.

(BEBER, s.d., s.p.)

O poema que a autora nomeia como “romance em doze linhas” atrai a atenção do leitor pela repetição exaustiva de uma estrutura que se apresenta apenas com pequenas variações. O tempo e o seu transcorrer constroem a relação do eu lírico com o tu amado, pois o título menciona romance e os versos projetam um futuro desse relacionamento que ainda não parece ter-se estabelecido ou um passado de um relacionamento mal sucedido.

A expressão anafórica “quanto falta pra gente” se configura em um tom interrogativo que não se efetiva pelo sinal de pontuação, mas que procura o interlocutor amado, o “tu” dessa relação. Além de denotar uma certa insegurança do eu lírico (pela constante e insistente interrogação), a estrutura anafórica mostra que se trata de uma relação unilateral uma vez que não há resposta do interrogado ou, ainda, que o eu lírico não dá espaço para o outro responder. Essa busca constante pelo outro sem resposta (não há espaço entre os versos) leva a uma linha do tempo imaginada que desgasta o sentimento do eu lírico - “quanto falta pra gente se ver e nem lembrar que um dia se conheceu.” - apresentando no último verso, não somente o fim da relação, sobretudo a sua não existência.

Há, no poema, em função do tamanho crescente dos versos, de uma relação ‘pesada’, que se configura como impossível. É de se notar que os versos polimétricos se iniciam mais curtos e, à medida que a narrativa lírica avança, vão-se tornando mais longos e a sensação de cansaço de saturação vai-se construindo pelo paralelismo, num ritmo

muito repetitivo e que, ao final, no último verso, se arrasta e deixa no ar a sensação de cansaço. Dada essa configuração, trata-se de uma relação já finda lembrada pelo eu lírico ou de uma relação que se projeta para o futuro em uma expectativa e incerteza que paira ao final do poema.

Considerando a projeção do eixo paradigmático no sintagmático, como formulou Jakobson (1969), ou ainda no acoplamento como descreve Levin (1975⁷), observa-se, na estrutura geral dos versos, recorrência de termos e de estrutura com prevalência desta:

Quanto falta pra gente + SV (verbo + SP)

Quanto falta pra gente + SV (verbo) e SV (verbo)

Nota-se que, nos primeiros sete versos, na posição final, tem-se menção a tempo, sempre respondendo a um “quando”, num indicativo de possibilidades. Na estrutura paralelística, do primeiro ao quarto versos, vão-se construindo possibilidades eufóricas (se ver hoje, logo, todo dia, sempre); do quinto ao verso final, as possibilidades se tornam disfóricas. Já do quinto ao sétimo, as expressões de tempo marcam essa quebra com uma frequência que vai-se reduzindo (dia sim dia não, às vezes, cada vez menos). No oitavo e nono versos, a quebra se dá pela inserção do “não querer” - o acréscimo do verbo modal (querer) transforma o que antes parecia um fato (se ver) em desejo negado (não querer).

Os três últimos versos, décimo, décimo primeiro e décimo segundo, retomam a expressão básica anterior: “quanto falta pra gente se ver”, mas acrescidos de um segundo elemento, não mais temporal, ainda que se trate de um “quando” inicial: “e fingir que não se viu” que progride, nos dois últimos versos, para um “não se reconhecer” “e nem lembrar que um dia se conheceu”. Reforçando a negativa instaurada nos verbos, o conectivo “e” adquire duplo sentido, pois, simultaneamente, adiciona e contrapõe as ações expressas nos versos.

Nesse poema, a repetição paralelística conduz paulatinamente a um cansaço, uma espécie de processo de saturação, quando se exploram infinitas possibilidades e se chega a um “nada”, a uma não ação reforçada pelos verbos das orações reduzidas de infinitivo. São doze linhas possíveis ou todas elas acabam no ponto final, único sinal e pontuação presente que encerra o poema?

8 | TEMPO, MUDANÇA, INDEFINIÇÃO E DESILUSÃO: AS POSSIBILIDADES DO PARALELISMO SINTÁTICO

O primeiro poema analisado, “Família” e o último apresentam a recorrência de modo fragmentário. Em “Família”, a recorrência de frases nominais, apresentadas em processo enumerativo, oprime a mulher cujo agir está subordinado na oração relativa também ela de caráter nominal. A recorrência aqui se configura como o desenho de um quadro ou o virar das páginas de um álbum já que todos estão dispostos em versos paralelos como

7 cf. nota de rodapé 1

parte de memórias do cotidiano da casa e da família pelo eu lírico, um observador ausente desse quadro. Em “Romance em 12 linhas”, a fragmentação não é nominal, refere-se a uma cronologia implícita em que cada verso corresponde a um instante do relacionamento malgrado envolvendo o eu lírico e um interlocutor ausente. A disposição dos versos em uma única estrofe intensifica e acaba por saturar a história do relacionamento no poema representado, daí o verso final: “quanto falta para a gente se ver e nem se lembrar que um dia se conheceu”. É a história de uma só personagem.

Em “Ritmo”, o paralelismo, ao ser ampliado para a estrofe, cria quadros fechados em si, com marcas de indefinição temporal, os quais podem remeter às ações que, embora diversas, têm o mesmo eixo. Essa repetição moveria o mundo, sem tirá-lo do lugar.

A recorrência de estruturas pode ser menos evidente como nos poemas, “Reparos” e “há aquilo que fica firme (um poste)”. Em “Reparos”, o paralelismo sintático está na enumeração de elementos que, do concreto (“a xícara lascada”) ao abstrato (“a amizade arruinada”), são arregimentados pelo experiente eu lírico para exemplificar sua tese; já em “há aquilo que fica firme (um poste)”, o paralelismo constituído pelo polissíndeto e pelas elipses corporifica a impossibilidade demonstrada pelo enunciador de encontrar uma definição no espaço que o seu olhar alcança.

Em todos os poemas, há uma indefinição que nem mesmo a recorrência ora encadeando, ora reafirmando, ora exemplificando consegue superar.

Pela repetição e recorrência, se fazem as buscas. O poema termina, mas os sujeitos das ações não atingem o pretendido. Não há respostas. Neles, o lirismo que se baseia nesse tipo de recorrência concretiza, nas projeções de estruturas - o paralelismo, a busca infinita do eu lírico de encontrar um padrão, uma organização no mundo, um sentido.

Embora, na análise, o estilo não fosse o nosso foco, ao final, pelo estudo da expressividade das recorrências, o que emerge é um estilo de representação do eu lírico numa determinada época. Nos poemas, parece estar concretizada a fragmentação do mundo moderno, a destituição do sujeito que se recusa a participar do tecido do poema como marca linguística tradicional da lírica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Família. In **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

BEBER, Bruna. Romance em 12 linhas. In **Bruna Beber** (site). Disponível em <https://brunabeber.com.br/portfolio/romance-em-doze-linhas/> Acesso em 02-02-2023.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **O ensino dos gêneros poéticos: reflexões e propostas**. Tese (Filologia e Língua Portuguesa). FFLCH - USP. São Paulo. 266 pp. 2009.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#2 Acesso em 04-02-2023.

ANTUNES, Irandé. **Textualidade**: noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábola, 2017.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. In **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969

KOCH, Ingedore V. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LEVIN, Samuel R. **Estruturas Linguísticas em Poesia**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, Ed. Universidade de São Paulo, 1975.

MARQUES, Ana Martins. Reparos. In **Tudo é poema** (site). Disponível em <https://www.tudoepoema.com.br/ana-martins-marques-reparos/> Acesso em 05-02-2023.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUESI, Sueli Cristina. **A organização do texto descritivo em língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARTINS, Nilce Sant´anna. **Introdução à Estilística**: A Expressividade na Língua Portuguesa. 3. ed. São Paulo: T.A.Queiroz, 2003

MICHELETTI, G. Repetição e significado poético (O desdobramento como fator constitutivo na poesia de F. Gullar). In **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 1, 1997, p. 151-164.

_____. Enunciação e estilo nos contos de Modesto Carone. In: MICHELETTI, Guaraciaba (org.). **Enunciação e Estilo: Práticas de análise estilístico-discursivas**. São Paulo: Terracota, 2011.

MICHELETTI, Guaraciaba. (coord.) **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002, p.51-64

QUINTANA, Mario. Ritmo. In **Apontamentos de História sobrenatural**. Porto Alegre: Globo, 1987. p. 8

SANT'ANNA, Alice. Rabo de Baleia. In **Rabo de Baleia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 12.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O Aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 5. ed. Uberlândia; EDUFU, 2016.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INGLESA PARA AS ESCOLAS

Data de aceite: 03/04/2023

Patrícia Cabral Duarte

Especialista em Ensino-Aprendizagem em Língua Inglesa pela FIBRA Pará e professora de Inglês da SEMEC via Pss – Belém

RESUMO: Através da literatura estrangeira, estudantes e professores são diretamente expostos à sociedade e história do país onde a língua-alvo é falada. Juntamente com o conteúdo de cada livro, há também oportunidades de aprender vocabulário novo e frases idiomáticas utilizadas noutros períodos. Na maioria dos casos, a linguagem nestes livros é bastante complexa. No entanto, cabe ao professor preparar os alunos antes da leitura. Isto deve envolver “pré-leitura”, na qual é apresentada informação sobre o autor, a sociedade em que o autor viveu, o seu estilo de escrita, os temas da obra, vocabulário e expressões etc. Como resultado, os professores podem envolver e interessar os alunos na aula e facilitar a leitura do trabalho. A literatura também permite aos professores proporcionar aos estudantes discussões sobre temas que ainda hoje são debatidos, tais como diferenças sociais, preconceitos,

casamento, educação, religião e política. Assim, os professores que se propõem trabalhar com textos literários em aulas de inglês, seja um livro inteiro, um extrato ou um poema, ganharão estudantes com perspectivas críticas e bons conhecimentos linguísticos e culturais como resultado do seu trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura estrangeira, língua-alvo, vocabulário, textos literários, conhecimentos linguísticos.

ABSTRACT: Through foreign literature, students and teachers are directly exposed to the society and history of the country where the target language is spoken. Along with the content of each book, there are also opportunities to learn new vocabulary and idiomatic phrases used in other periods. In most cases, the language in these books is quite complex. However, it is up to the teacher to prepare students before reading. This should involve “pre-reading”, in which information is presented about the author, the society in which the author lived, his writing style, the themes of the work, vocabulary and expressions, etc. As a result, teachers can engage and interest students in class and make the work easier to read. Literature also allows teachers to provide

students with discussions on topics that are still debated today, such as social differences, prejudice, marriage, education, religion, and politics. Thus, teachers who propose to work with literary texts in English classes, be it an entire book, an extract or a poem, will gain students with critical perspectives and good linguistic and cultural knowledge as a result of their work.

KEYWORDS: Foreign literature, target language, vocabulary, literary texts, linguistic knowledge.

INTRODUÇÃO

Como professora de inglês, posso dizer que a leitura na sala de aula de línguas estrangeiras é um grande desafio que surge em qualquer gênero de texto, e é ainda mais pronunciada quando se trata de textos literários. Os fatores envolvidos são inúmeros, começando com o tipo de leitor encontrado na sala de aula e como esse leitor deve ser transformado.

De acordo com Vera Maria Tietzmann Silva (2009), existem três níveis de leitura. Três níveis de leitura são possíveis: mecânica, mera decodificação de letras e palavras; leitura do mundo, que consiste num processo contínuo e subjetivo de todas as atividades significativas, e não apenas da escrita; e leitura crítica, que é o processo de leitura do mundo.

Que alia a leitura mecânica à de mundo, numa postura avaliativa, perspicaz, tentando descobrir intenções, comparando a leitura daquele momento com outras já feitas, questionando, tirando conclusões. Esse é um patamar de leitura que não se atinge de imediato, que requer um percurso por parte do leitor. Para ser capaz de fazer tal leitura, é preciso estar com todo o conhecimento –a bagagem cultural –a postos, estar com a mente aberta e ser capaz de relacionar, confrontar, chegar à sínteses e conclusões. Ser leitor crítico não é dom, é aprendizado. Por isso, está ao alcance de todos nós, é um processo que se cumpre aos poucos (SILVA, 2009, p.24).

Tal como existem níveis de leitura, existem diferentes tipos de leitores, tais como decodificadores, leitores mundiais e leitores críticos. Este é o âmbito do processo de ensino e aprendizagem, não apenas na língua materna e línguas estrangeiras, mas em todo o currículo escolar, o que significa fazer dos alunos cidadãos libertados no universo da leitura, capazes de ler, compreender e fazer a ponte entre os significados dos mais diversos gêneros de texto, tanto primários como secundários.

Hoje em dia, o ensino nas escolas públicas brasileiras está cheio de muitas dificuldades: estrutura, materiais didáticos, falta de avaliação profissional, entre outros fatores, que em última análise para desencorajar o ensino e mostrar indicadores de alta qualidade.

O ensino da língua inglesa nas escolas públicas envolve a maioria destes problemas, porque em muitas escolas, os professores enfrentam problemas de organização, poucos recursos para planejar e implementar aulas e cargas de trabalho fragmentadas. Além disso,

os estudantes não estão interessados em aprender uma língua estrangeira precisamente porque não veem um objetivo na aprendizagem da mesma.

A literatura como instrumento que pode gerar interesse pela escrita e pela leitura, e como estratégia para desenvolver as quatro competências. A utilização de textos literários como poesia, romances, contos e peças de teatro fornece uma sequência de atividades que podem promover o vocabulário, o conhecimento de diferentes estilos de língua e culturas, assim como a discussão e interação entre os estudantes.

Vários estudos confirmaram que o Brasil tem um baixo número de leitores, e o uso da literatura nas aulas de inglês tem como principal objetivo incentivar a leitura, as escolas enfrentam dificuldades que dificultam o encorajamento dos hábitos de leitura.

No processo de ensino e aprendizagem, os livros didáticos são muito importantes para um bom ensino. Temos observado e experimentado que uma atenção cuidadosa aos materiais utilizados na sala de aula pode motivar os alunos a ler e a torná-los conscientes da importância da literatura na sua vida cotidiana.

Durante muito tempo, as escolas no seu conjunto têm privilegiado grandes dicionários de literatura nas aulas de língua materna, exigindo resumos e aprendizagem normalizada das línguas. Além disso, nas aulas de línguas estrangeiras, o espaço era dedicado exclusivamente ao conteúdo gramatical, deixando de lado os aspectos culturais.

A gramática é sem dúvida importante, mas não deve ser o único aspecto e não deve ser tratada sem contexto. A ligação com os aspectos culturais do país onde a língua é falada é tão importante como a sintaxe. Assim, mesmo que não se tenha conhecimentos de vocabulário suficientes para ler um romance, por exemplo, pode-se lê-lo a priori numa língua materna que seja válida por razões históricas e culturais.

Com textos literários, os professores podem explorar qualquer tópico, qualquer preconceito, desde leituras profundas que se relacionam com outros conhecimentos até às mais variadas atividades, tais como espetáculos, pesquisa de campo, debates, exposições escolares e sociais, blogues, concursos, gincanas, criação de desenhos animados e jogos. Pode dizer-se que é possível. Outra opção muito rica é relacionar obras literárias e figurativas e fazer com que os estudantes as produzam. Nas palavras de William Roberto Cereha (2005):

A nosso ver, uma metodologia consequente de ensino de literatura deve estar comprometida com a formação de leitores de textos literários. Nesse sentido, o texto literário deve ser não só o objeto central das aulas, mas também abordado com base em pelo menos duas dimensões: as de suas relações com as situações de produção e de recepção –nas quais se incluem elementos do contexto social, do movimento literário, do público, da ideologia, etc., conforme a visão de Antônio Cândido –e as duas relações dialógicas com outros textos, verbais e não verbais, literários e não literários, da mesma época ou de outras épocas, conforme o conceito de dialogismo de Mikhail Bakhtin (CEREJA, 2005, p.161).

Trabalhar com textos literários nas aulas de línguas estrangeiras é ainda mais

difícil do que nas aulas de língua materna. Isto porque, para além da falta de motivação dos estudantes, o pouco vocabulário e conhecimento sintático que possuem constitui um obstáculo, dado que muitos contos, poemas, crónicas e romances utilizam uma linguagem vasta e sofisticada.

Considerando a importância do ensino de literatura nas aulas de LE e os desafios acima mencionados, sugerimos formas de envolver os estudantes neste género de texto e melhorar as suas competências linguísticas e, mais importante ainda, culturais.

O uso de obras literárias nas aulas de inglês tem como principal objetivo incentivar a leitura, uma vez que há poucos leitores no Brasil e as dificuldades enfrentadas pelas escolas impedem os alunos de desenvolver o hábito da leitura.

A literatura tem sido o objeto de estudo de todas as sociedades analfabetas durante séculos. As várias obras literárias conhecidas no ambiente escolar visam apresentar leituras que representam os sentidos humanos, representam a vida, nunca são exaustivas e evocam sempre múltiplas interpretações e opiniões.

O ENSINO-APRENDIZAGEM NA LITERATURA INGLESA

A literatura pode ser considerada como o compromisso inicial com o texto, uma vez que os estudantes se reconhecem no texto, contrastam os elementos socioculturais presentes e pensam sobre os diferentes temas propostos no texto a partir de diferentes perspectivas, é a força motriz que os motiva a aprender inglês. Neste sentido, as inter-relações que emergem desta reflexão podem ser corretamente chamadas uma abordagem intercultural.

Dado o curto tempo de aulas e a falta de tempo para desenvolver todas as competências necessárias para educar os alunos a estarem criticamente conscientes, a inclusão de literatura na sala de aula de língua inglesa pode ser feita de uma forma mais objetiva e com maior esforço por parte dos professores, pode ser ensinado de uma forma mais objetiva e de uma forma menos demorada.

Atualmente, observa-se que o ensino da língua inglesa nas escolas públicas é dominado por atividades gramaticais e a leitura de textos literários é frequentemente omitida, em segundo lugar. Face a muitos métodos existentes, problemas estruturais significam que os professores têm de fazer malabarismos com um horário muito fragmentado, tornando difícil a aplicação de uma metodologia que inclua a leitura, interpretação e releitura de textos (NAVES; VIGNA, 2006, p.36).

Se esperamos resultados do ensino da língua inglesa com obras literárias, é importante ter em mente que a leitura deve ser desenvolvida a partir das suas três fases: pré-leitura, leitura e pós leitura.

A pré-leitura é o momento em que os estudantes se familiarizam com o texto e o seu objetivo é para facilitar o acesso à própria leitura e para construir conhecimentos prévios,

os professores discutem e observam o que os alunos já sabem em relação ao tema.

Ao fazer a segunda fase da compreensão de leitura, leia primeiro em silêncio e depois leia de novo e de novo para descobrir quais as palavras que já conhece, também é necessário analisar a literatura, olhando para a hora, o local e as personagens, traduzir palavra por palavra não só ocuparia demasiado tempo de classe, como também dificultaria a exploração da compreensão global do texto.

A implementação de processos de pré-leitura, leitura e pós leitura nas aulas de língua inglesa exige que os professores medem discussões temáticas e pesquisas específicas de informação, orientando os alunos para refletir e descobrir a natureza polissêmica das obras literárias.

A literatura é uma parte necessária do ensino da língua inglesa, pois ajuda-nos a compreender o mundo que nos rodeia. Através de textos de ficção, os estudantes podem aumentar os seus conhecimentos construir significado e relacioná-lo com a realidade em que vivem.

As posições dos alunos perante os textos literários demonstram o que temos relatado ao longo deste estudo, que eles são capazes de ser mais críticos e apresentar os argumentos necessários para defender os seus pontos de vista.

Mesmo na sua língua materna, se houver uma deficiência de leitura, os estudantes devem ser aproximados do texto, mediar a sua relação com o mesmo e procurar um melhor desempenho. O principal objetivo da leitura de obras literárias é desenvolver a capacidade de reflexão dos estudantes sobre o seu papel como cidadãos:

Ainda segundo os PCN, para os jovens e adultos exercerem a cidadania, é necessário que se comuniquem, compreendam, saibam buscar informações e sejam capazes de interpretá-las e de argumentar a partir delas, o que implica o desenvolvimento de todas as habilidades linguísticas. (NAVES, VIGNA, 2006, p.37)

A literatura é apresentada como uma forma eficaz de abordagem de questões culturais que enriquece o ensino do inglês, o ensino de línguas deve não só transmitir um conjunto de termos e expressões para fins comunicativos, mas também como uma forma de aprender e promover a interação com as múltiplas expressões culturais do mundo.

Desta forma, o processo de aprendizagem torna-se mais produtivo e os estudantes são encorajados a praticar a leitura e a aprender sobre outras formas pluralistas de aprendizagem de uma segunda língua.

Assim, mais do que pensar num ensino que integra literatura e inglês, estamos a pensar num ensino que nos ajude a compreender quem somos. Enquanto atores sociais, participantes num mundo globalizado, o acesso a um mar de informação que a literatura pode acrescentar ao ensino da língua inglesa, de acordo com Hişmanoğlu (2005), proporciona oportunidades de aprendizagem intercultural que expandem, melhoram e transcendem o conhecimento linguístico.

Em geral, notamos que o conhecimento do potencial da literatura para o processo de ensino e aprendizagem do inglês é apresentado como uma perspectiva pedagógica fascinante. Contudo, para pôr isto em prática, compreendemos que os (futuros) professores de língua inglesa necessitam de formação e investimento no seu trabalho para garantir que tenham acesso aos conhecimentos e ferramentas de que necessitam para realizar realmente o seu trabalho.

Quando estas necessidades são satisfeitas, a literatura abre o caminho para que as histórias sejam trazidas para a vida dos estudantes, e para que estes sejam expostos à interligação que existe entre linguagem, arte e vida.

De acordo com Kumaravadivelu (2012), o processo de formação da identidade do orador ocorre de formas diversas e constantes. Em termos simples, tanto os alunos como os professores são indivíduos. Também eles estão empenhados na formação e reforma da identidade neste mundo globalizado. Isto porque existe uma ligação essencial entre os dois:

De forma breve, aprendizes e professores também são indivíduos. Eles também estão engajados na tarefa de se formarem e reformarem suas identidades neste mundo globalizado. Por conta da intrínseca conexão entre linguagem e sociedade, as aulas de inglês oferecem uma oportunidade única para eles tentarem encarar e articular suas ansiedades quanto as complexidades deste processo de formação identitária (KUMARAVADIVELU, 2012,p. 12)

Salientamos que a literatura pode ser um aliado importante no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa, a literatura pode fazer com que os leitores queiram saber algo diferente, discutir determinados tópicos, expressar as suas opiniões, ideias e sentimentos críticos, partilhar histórias e sonhos. Portanto, considerar o seu lugar na sala de aula de inglês significa abrir o espaço para que as nossas histórias sejam contadas e recontadas.

Ensinar inglês é, portanto, uma viagem maravilhosa e uma experiência no mundo das culturas mundiais e das suas peculiaridades. Atualmente, o ensino da língua inglesa tornou-se uma parte importante e integral do desenvolvimento educacional humano, não apenas como um cumprimento curricular. Desempenha o papel de um conteúdo indivisível de conhecimentos, um conjunto de conhecimentos necessários para a aquisição de uma formação extensa e abrangente. (CELANI, 1997).

No entanto, o ensino da língua inglesa nas escolas é um desafio porque, contudo, ensinar inglês nas escolas pode ser um desafio para os educadores, uma vez que muitas aulas são aborrecidas e requerem apenas memorização.

Ao incorporar literatura na sala de aula, os professores podem fornecer aos alunos uma vasta gama de línguas e textos, oferecendo uma forma diferente e divertida de aprender, quebrar a rotina é uma garantia de sucesso.

Atividades que utilizam textos literários praticam as quatro competências linguísticas,

exercem a criatividade e despertam o pensamento crítico. Estes textos contêm diferentes tipos de interpretações e opiniões. Utilizar textos literários na sala de aula de inglês significa fornecer material culturalmente rico, autêntico, interessante e agradável.

Alarga o leque de experiências de vida e ajuda os estudantes a construir um sentido, algumas atividades propostas pelos professores permitem aos alunos desenvolver a expressão das suas emoções e sentimentos através de obras literárias tais como poesia, drama e contos, e expressar as suas aspirações, muitas vezes escondidas devido à timidez ou falta de oportunidade.

Finalmente, aprender uma língua que não seja a língua materna é considerado uma matéria difícil para os estudantes, a utilização de metodologias desatualizadas e não planeadas mina o objetivo de tal ensino.

É da responsabilidade do educador planear as lições de forma meticulosa e precisa, a formação e as atividades em curso devem ser bem planeadas, o processo de ensino-aprendizagem é facilitado pelo que está presente na realidade do estudante.

A LITERATURA INGLESA E AS SUAS CARACTERÍSTICAS

No contexto das línguas estrangeiras (LE), o processo de ensino de uma língua exige ainda que os professores compreendam a natureza comunicativa desta língua. enfrenta várias mudanças no que diz respeito à estrutura do currículo de ensino. De acordo com documentos oficiais, o desenvolvimento das quatro capacidades de leitura, escrita, audição e fala é essencial para que a aprendizagem de línguas estrangeiras seja significativa. No entanto, a natureza formativa da língua não pode ser excluída.

O ensino de línguas estrangeiras é fundamentalmente importante não só para permitir aos aprendentes comunicar eficazmente numa nova língua, mas também para melhorar a sua competência linguística e comunicativa e dar-lhes acesso a uma série de informações que contribuam para a formação da cidadania (BRASIL, 2000b).

O objetivo é algumas opiniões teóricas sobre a abordagem da literatura no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa, salientando a importância e as vantagens da sua utilização no contexto do inglês como língua estrangeira, e apresentar sugestões de estratégias e atividades que possam servir como metodologia, alternativas metodológicas relativas à aplicabilidade da literatura no ensino da língua inglesa no ensino, e mais especificamente nas escolas públicas.

As ideias dos professores e dos alunos sobre a função de o estudo da literatura deve partir do ponto de que é uma forma envolvente de aprendizagem, lidando com o universo de informação que provém do contexto histórico e cultural e através da discussão de questões que afetam as práticas sociais dos estudantes, tais como ideologias dominantes, questões de poder e discurso, relações de género etc. Há também temas que encorajam a reflexão e melhoram a criticidade do indivíduo em contacto com o mundo à sua volta (MALARD,

1985).

O ensino da literatura não é apenas sobre os aspectos linguísticos do inglês, mas também sobre como colocar os estudantes em contacto com as várias culturas em que a língua é falada, a literatura permite a exposição a diferentes culturas e promove atividades contextualizadas, evoca a aprendizagem contextual de línguas estrangeiras, o pensamento autónomo e crítico do aprendente, e é orientado pelos documentos oficiais que definem o ensino básico.

Com o seu crescimento como língua internacional, o inglês tem imprimiu e alterou várias características culturais, tais como a gramática, a fala e o significado, contra este pano de fundo, literatura pode ser entendido como um sistema que articula diferentes compreensões do mundo, que na maioria dos casos os estudantes só podem aceder através da literatura.

Dado que o objetivo da educação não é apenas transferir conhecimentos, mas também criar espaços e estratégias para desenvolver o conhecimento, num contexto de aprendizagem real, o ensino de em inglês necessita de uma metodologia eficaz para desenvolver o gosto dos estudantes pela leitura literária e para lhes permitir discutir os temas propostos pelos textos literários teoria são necessárias.

A poesia fornece um repertório rico e variado de informação cultural, embora ainda seja um elemento subutilizado nas escolas. No entanto, é raramente utilizado na prática da sala de aula, uma vez que os alunos têm dificuldade em compreender e, do seu ponto de vista, em ler poesia, e os professores disseram-nos que o trabalho é enfadonho.

Em termos de abordagens ao drama, a utilização de textos dramáticos no ensino da LI é considerada mais simples, uma vez que o drama é quase sempre mais curto (especialmente os clássicos em forma paradigmática e alguns mais curtos) e numa linguagem mais simples, mais coloquial.

No que respeita à utilização de histórias, uma vez que são um dos tipos mais extensos de obras literárias, uma estratégia adequada para a utilização na sala de aula é desenvolver atividades baseadas no enredo da obra. Por outras palavras, os estudantes tentam compreender a obra através do enredo, e os professores podem obter uma compreensão geral da obra literária sem a necessidade de aceder ao enredo, trazendo informação extra para a aula que pode contribuir para o conhecimento dos estudantes.

No entanto, os contos curtos são também uma opção para o envolvimento com narrativas na sala de aula de Inglês, uma vez que são contos curtos que tratam de temas relevantes e são leituras curtas.

A exposição à literatura na aprendizagem de línguas estrangeiras torna os estudantes mais interativos e de mente aberta, e envolve-os nas questões sociais, culturais e pessoais sobre as pessoas e o seu espaço que são tão ativamente discutidas nos dias de hoje.

As abordagens à literatura em salas de aula de línguas estrangeiras não devem basear-se em práticas historicistas que enquadram textos literários em termos de períodos,

estilos e autores, sem ter em conta a troca de experiências entre textos e leitores no processo de leitura literária. Por outro lado, a utilização destes textos na sala de aula deverá permitir aos alunos viver a experiência de se tornarem pessoas melhores no processo de construção da cidadania (ZILBERMAN, 2008).

O estudo da literatura é importante no processo de aprendizagem FL porque expõe os aprendentes de uma língua a Linguagem - LI, neste caso em vários contextos importantes, permite-lhes desenvolver não só competências linguísticas mas também capacidades imaginativas, cognitivas e de conhecimento cultural, e estimular o pensamento crítico enquanto apreciam a sua própria cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores de inglês devem deixar de utilizar métodos repetitivos e ornamentados de aprendizagem de gramática e vocabulário de línguas estrangeiras e utilizar técnicas apropriadas para os dias de hoje, quando meios de comunicação como o cinema e a televisão têm um enorme impacto na vida das pessoas, especialmente dos jovens, e a informação chega e passa rapidamente através da Internet Identificação de desafios.

A partir destas premissas teóricas, pode concluir-se que o ensino da língua inglesa e da sua literatura pode contribuir para a formação de estudantes num contexto globalizado e no constante progresso tecnológico dos nossos dias. Contudo, a realidade das escolas públicas requer mudanças institucionais e de conteúdo para assegurar que uma educação de qualidade reflita realmente o que o texto legal expressa, nomeadamente que os cidadãos brasileiros têm direito à educação pública e que esta é de alta qualidade. Como professor, espera-se que esta reflexão contribua para melhorar o sistema educativo inglês no país.

O ensino da literatura, especialmente em inglês, sempre foi de importância crucial. Isto porque, além de desenvolver mecanismos linguísticos para a comunicação, desenvolvimento crítico dos leitores e interação comunicativa, só através da leitura de literatura se pode conhecer uma nova cultura.

Portanto, ensinar aos estudantes a literatura de uma nova cultura, neste caso o inglês, tem o poder de os fazer interagir, participar e formar um ser social e crítico.

Finalmente, procura proporcionar uma compreensão abrangente, objetiva e estruturada da notória importância da literatura como fator que interfere e molda aspectos do homem e da sua sociedade, desde a sua percepção de si próprio como ser social até à sua maior reflexão sobre o mundo e os seus pares à sua volta.

No que diz respeito à aprendizagem, à prática dos professores e aos interesses dos alunos, os interesses dos alunos precisam de estar totalmente interligados para serem bem-sucedidos, no entanto, descobrimos que a motivação para aprender LI reside no aprendente, mas é gerada pela prática do professor.

Muitos professores só aprendem estruturas gramaticais, e muito menos textos,

fazendo o ato de ensinar LE é aborrecido. Há várias vias para métodos de ensino eficientes. Por exemplo, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são uma vantagem para os professores de LI.

Assim, em combinação com a literatura, formam uma trindade perfeita, com o objetivo de dar mais um passo em frente no caminho para a implementação de um ensino inovador e abrangente da LI, que coloca os alunos na sala de aula e aprende LI de uma forma diferenciada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio (Bases Legais)**. Brasília: MEC, 2000a

CELANI, Maria Antonieta Alba. **Ensino de línguas estrangeiras: olhando para o futuro. Ensino de segunda língua redescobrimo as origens**. São Paulo: EDUC, 1997.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura**. Uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.

SILVA, Vera Maria Tietzmann Silva. **Leitura literária e outros saberes**. Impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

NAVES, Rosana Reigota. VIGNA, Dalva Del. **Os parâmetros Curriculares Nacionais e o Ensino de Inglês no Brasil**. Brasília, X Convenção Nacional do BrazTesol, 2006.

MALARD, Letícia. **Ensino e Literatura no 2º Grau. Problemas e Perspectivas**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 75.

HIŞMANOĞLU, Murat. **Teaching English through literature**. Journal of Language and Linguistic studies, v.1, n.1, abr.2005.

KUMARAVADIVELU, B. **Individual identity, cultural globalization, and teaching English as an international language: the case for an epistemic break**. In: ALSAGOFF, Lubna; MCKAY, Sandra Lee; HU, Guangwei; RENANDYA, Willy A.(eds.). Principles and practices for teaching English as an international language. Nova York:Routledge, 2012.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e Pedagogia**. Ponto & Contraponto. Campinas: Global/ALB, 2008, p. 23.

IDENTIDADE, HISTÓRIA E MEMÓRIA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE “RESPEITEM MEUS CABELOS, BRANCOS,” DE CHICO CÉSAR E “IDENTIDADE”, DE MIA COUTO

Data de aceite: 03/04/2023

Fernanda Diniz Ferreira

Mestranda em Literatura, no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba. É especialista em Literatura & Ensino pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN – Campus Avançado – Zona Leste. Ainda detém Curso de Aperfeiçoamento em EJA: diversidade e inclusão pela Universidade Federal da Paraíba. Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa pela mesma instituição

Jailton dos Santos Silva

Especialista em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN. Especialista em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professor da Rede Pública de Ensino das Prefeituras de Conde e Marcação – PB

categoria analítica a identidade, e a partir desta analisar o significado que é dado tanto à identidade nacional moçambicana quanto à brasileira, através da poesia e da música. A produção deste trabalho se justifica por dois motivos: o primeiro por não existir, até o presente momento, um trabalho comparativo como propomos aqui. Já o segundo motivo está relacionado às questões identitárias e a relação que isso tem como instrumento de reflexão acerca da estruturação estético-ideológica sobre a identidade negra, ponto este fulcral para nossos estudos. Para melhor explanação do trabalho, aqui proposto, apoiamos-nos nos estudos de Barros (2009), Fernandes; Alves Junior (2009), Stuart Hall (2006), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Poesia. Mia Couto. Música Popular Brasileira. Chico César.

IDENTITY, HISTORY AND MEMORY:
A COMPARATIVE ANALYSIS OF
“HAVE SOME RESPECT MY HAIR,
WHITES,” BY CHICO CÉSAR AND
“IDENTITY”, BY MIA COUTO

ABSTRACT: The aim of this study is to make a comparative analysis between the

RESUMO: O objetivo deste estudo consiste numa análise comparativa entre a canção “Respeitem meus cabelos, brancos,” de Chico César, e o poema “Identidade”, que compõem a coletânea *Raiz de Orvalho e Outros Poemas*, de Mia Couto, tendo como

song “Respeitem meus cabelos, brancos,” (Have some respect my hair, whites), by Chico César, and the poem “Identidade” (Identity), which make up the collection Dew Root and Other Poems, by Mia Couto, having as an analytical category the identity, and from this to analyze the meaning that is given to both Mozambican and Brazilian national identity, through poetry and music. The production of this work is justified for two reasons: the first one because, until now, there is no comparative work as we propose here. The second reason is related to identity issues and the relationship that this has as an instrument for reflection on the aesthetic-ideological structuring of black identity, a key point for our studies. For a better explanation of the work proposed here, we rely on studies by Barros (2009), Fernandes; Alves Junior (2009), Stuart Hall (2006), among others.

KEYWORDS: Identity. Poetry. Mia Couto. Popular Brazilian Music. Chico.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa tecer um trabalho comparativo entre a canção “Respeitem meus cabelos, brancos”, de Chico César e o poema “Identidade”, de Mia Couto. Consideramos que, antes de mais nada, fazer uma comparação entre gêneros diferentes não é uma tarefa fácil, no entanto, é, ao mesmo tempo, instigante e desafiador, uma vez que, as *corpora* são de épocas e nacionalidades diferentes, e mesmo assim, existe um ponto comum: a identidade negra, que é o ponto fulcral no estudo que pretendemos desenvolver em ambos os textos, tendo como base de categoria analítica a identidade.

Diante da ausência de trabalhos comparativos sobre os textos escolhidos é que propomos nos debruçar acerca de aspectos que os destoam e os aproximam. Nesse sentido, a produção deste trabalho se justifica por dois motivos: o primeiro corresponde ao fato de ainda não existir, até o presente momento, um trabalho comparativo como propomos aqui analisar tomando uma obra do escritor moçambicano, Mia Couto, e do compositor brasileiro Chico César. O segundo motivo, por sua vez, está relacionado às questões identitárias e a relação que isso tem como instrumento de reflexão acerca da estruturação estético-ideológica sobre a identidade negra nas referidas obras.

CONCEITO DE IDENTIDADE

O choque cultural provocado pelo processo de colonização nas colônias brasileiras e africanas fez com que surgisse uma nova cultura, e com ela, uma maneira de reconhecer esses povos, a partir da construção da identidade de cada um. Em seu livro, *A Identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2006, p. 24) afirma que para o sujeito pós-moderno “a identidade é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”, mas, sim, construído socialmente.

Ainda de acordo com Hall (2006) existem três concepções de identidade, a saber: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo

é caracterizado pela centralidade; defende o indivíduo como um ser individual e masculino, concepção esta que não se sustenta à medida que a sociedade moderna vai evoluindo, o sujeito individual não dá mais conta desta evolução. Já na concepção de sujeito sociológico, a identidade é construída “na interação entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p. 11), levando em consideração que a identidade se modifica constantemente de forma social, política e cultural.

E, por fim, o sujeito pós-moderno que, segundo Hall, a identidade

torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...] O sujeito assume identidades em diferentes momentos [...] (HALL, 2006, p. 13).

É nesse momento em que se encaixa a canção de Chico César e a poesia de Mia Couto, pois elas trazem a historicidade dos sujeitos e suas identidades. O canto e a poesia se encontram a partir do momento em que ambas ecoam a amargura vivenciada ao longo dos anos pelos povos negros, mas também, a história de resistência e de construção de identidade as quais os representam na sociedade. Tais características estão bem presentes na produção poética de Chico César e Mia Couto, principalmente no que se refere à busca e à afirmação da identidade negra em uma sociedade de brancos. Isto se trata de entender que as múltiplas identidades é o que constituem os sujeitos.

Nesse sentido, corroboramos com Fernandes e Alves Junior (2009), ao dizer que:

As múltiplas identidades que passaram a constituir o sujeito fizeram com que, em diferentes momentos, esse sujeito assumisse diferentes identidades. No interior dos discursos, **o sujeito assume diferentes posições**, portanto, **a identidade do sujeito nunca será a mesma em diferentes momentos e lugares por onde se encontre**. (FERNANDES; ALVES JUNIOR, 2009, p. 113). (Grifos nosso)

Nesse trecho, percebemos que as reflexões sobre as identidades são construídas por meio de diferentes momentos e lugares, isso faz com que a identidade seja estabelecida, demonstrando, assim, uma forma de pertencimento construída por meio de referenciais sobre o passado que ecoa no presente resgatados pela história e memória de um povo.

HISTÓRIA E MEMÓRIA: BREVES CONSIDERAÇÕES

O processo de escravização ocorrido no Brasil, iniciado por volta de 1550 e estendeu-se até 1888, foi o mais nefasto acontecimento humanitário registrado pela história brasileira, conhecidos pela historiografia como período colonial e período imperial. Essas duas épocas deixaram marcas profundas de atraso econômico no país, uma vez que o comércio de escravos era uma prática bastante lucrativa para os donos de terras e senhores de engenho. Era um fato ‘impolítico e abominável’ (SCHWARZ, 2000, p. 11), visto que o racismo era uma prática cultural aceita pela maioria dos cidadãos, pois a classe dominante concebia os negros africanos como raça inferior, o que permaneceu como

estigma mesmo após a abolição da escravidão.

Não há como negar que parte das nossas origens é africana. Porém, ainda hoje, mais de um século após o encerramento do sistema de escravidão, os descendentes afro-brasileiros sofrem bastante com a disseminação do ódio, do racismo e do preconceito contra o povo negro e a herança cultural herdada dos antepassados. Nas palavras de Schwarz (2000, p. 11) era “[...] grande degradação, considerando-se que as ciências eram as Luzes, o progresso, a humanidade.” Com efeito, as artes sempre encontram um meio de trazer à tona (até mesmo como forma de resistência) o legado deixado por essa cultura através da memória histórica. Desse modo, a subjetividade presente nos discursos dos sujeitos sempre encontra, no tempo e no espaço, formas de aparecimento para que essa memória se mantenha sempre viva.

Em seu artigo, José D’Assunção Barros, refletindo sobre as relações entre memória e história, faz algumas considerações acerca da memória individual, no entanto, ele pontua que a memória coletiva é o que mais vem sendo estudado nas últimas décadas, e para ele a memória coletiva

se refere não apenas a esse processo de registro de acontecimentos pela experiência humana, como também à construção de referenciais sobre o passado e sobre o presente de diferentes grupos sociais e sob a perspectiva de diferentes grupos sociais, ancorados nas tradições e intimamente associados a mudanças culturais (BARROS, 2009, p. 41).

José Barros ainda acrescenta que “[...] devemos pensar na Memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos” (BARROS, 2009, p. 37), o que se inscreveria na história como perspectivas identitárias aos mais diversos grupos sociais, e para isso “seria imprescindível para que a Memória Coletiva pudesse ser captada não mais apenas na palavra escrita, mas no gesto, na imagem, nas festas, ritos, comemorações.” (BARROS, 2009, p. 43).

Na concepção de Navarro-Barbosa (2004, p. 120), “a emergência de novas representações para o conceito de brasilidade nutre-se, então, do passado, ao retomar figuras e acontecimentos que marcaram a história do Brasil.” Desse modo, é nessa relação entre o passado e presente que se forma esse espírito de pertencimento, de territorialidade - um cidadão do mundo.

ANÁLISE TEXTUAL

Antes de adentrarmos na análise propriamente dita, faz-se necessário, dizer que guardadas as devidas diferenças entre ambas as obras, devemos levar em consideração que, mesmo havendo pontos em que elas possam se cruzar, foram produzidas em contextos e condições de produção diferentes.

Para uma melhor análise tanto da música quanto do poema, devemos considerar algumas particularidades estruturais de ambas. Começemos por estabelecer uma macro divisão: a canção “Respeitem meus cabelos, brancos”, autoria de Chico César, foi produzida em 2002, e compõe o álbum que tem o mesmo título da canção. A música é composta por 17 versos, dividida em 4 estrofes. Já o poema “Identidade” foi escrito em verso livre, composto por 14 versos e distribuídos em 6 estrofes. Segue, portanto, letra da canção, para posterior análise:

Respeitem meus cabelos, brancos

“Respeitem meus cabelos, brancos
Chegou a hora de falar
Vamos ser francos
Pois quando um preto fala
O branco cala ou deixa a sala
Com veludo nos tamancos

Cabelo veio da África
Junto com meus santos

Benguelas, zulus, gêges
Rebolos, bundos, bantos
Batuques, toques, mandingas
Danças, tranças, cantos
Respeitem meus cabelos, brancos

Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero colorir, deixa
Se eu quero assanhar, deixa
Deixa, deixa a madeixa balançar.”

De acordo com Fernandes e Alves Junior (2009, p. 113) “a existência do eu se dá pela constituição de múltiplos fragmentos do outro.” Nesse sentido, é interessante notar que, na canção de Chico César a questão da marca de identidade já se encontra presente logo no primeiro verso: “Respeitem meus cabelos, brancos”. (CÉSAR, 2002). Notemos que, na semântica do verso, o substantivo masculino plural “brancos” não está se referindo à coloração dos cabelos. Esse substantivo, é, na verdade, de acordo com a sintaxe da língua portuguesa um vocativo, ou seja, um chamamento à atenção de alguém, evocado pela

identificação do cabelo como herança cultural afro-brasileira. Com efeito, cabe também dizer que esse vocativo se faz presente na música porque os indivíduos afrodescendentes brasileiros são, corriqueiramente, alvo de violência verbal, fruto do racismo e do preconceito, advindos dos períodos da colonização e dos períodos em que vigorou o I reinado e o II reinado, no Brasil.

Vale afirmar, ainda, que ao analisar a frase que abre a canção percebemos uma acidez acentuada na crítica com relação às questões de racismo direcionando o seu discurso para uma classe de brancos em cor e pensamentos, os quais não toleram a presença de negros na sociedade. Logo, ao dizer “respeitem meus cabelos, brancos”, reforça a ideia de uma identidade de afirmação, aceitação e respeito às diversidades, isso reverbera em vários âmbitos, tanto na simbologia de luta, representação e valorização da cultura negra quanto na política construída através do movimento *Black Power*¹.

Para Navarro-Barbosa (2004, p. 127):

A identidade nacional constrói-se a partir dessa dispersão de enunciados imagéticos e verbais que (re)atualizam temas, tais como: movimentos culturais, manifestações populares, diversidade racial e cultural (a influência africana e indígena), escravidão, trabalho infantil, luta pela terra.

Nos versos seguintes, há a presença de uma indignação ante à situação de preconceito racial, como podemos perceber nos versos 2-5:

Chegou a hora de falar
Vamos ser francos
Pois quando um preto fala
O branco cala ou deixa a sala
Com veludo nos tamancos. (CÉSAR, 2002).

Essa imagem de indignação é bastante representativa no que tange à questão da resistência, das lutas contra o racismo e o preconceito, e da afirmação de pertencimento de raça. Dessa forma, “a identidade produzida pelas práticas discursivas nas diferentes posições-sujeito, conforme a seguramos, é tomada como um elemento que corrobora a produção de diferentes lugares de existência para o sujeito.” (FERNANDES; ALVES JUNIOR, 2009, p. 113).

Para Navarro-Barbosa (2004, p. 121),

Como não existe enunciado que apareça pela primeira vez, o processo de produção de identidade decorre do fato de cada enunciado colocar em cena o sujeito, por ele significado, e o interdiscurso, isto é, a memória do dizer.

Assim como na canção “Respeitem meus cabelos, brancos”, a questão identitária também se faz presente no poema de Mia Couto (1999), e é sugestiva desde o título do poema, o qual segue na íntegra para análise:

¹ Conhecido por ser um símbolo de forte representação e também ícone de movimentos de luta e resistência com repercussões por todo o mundo. O movimento Black Power (Poder Negro), tem sua origem desde os anos de 1920, mais proeminente no ocidente ao final dos anos 1960.

Identidade

“Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem inseto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato
morro
no mundo por que luto
nasço.”

Estamos falando sobre o primeiro poema da coletânea **Raiz de orvalho e Outros Poemas**, intitulado de “Identidade”. Este é fortemente marcado pelo o eu lírico, que a todo momento nos apresenta um sujeito que se preocupa em auto definir-se. Podemos notar isso logo nos dois versos iniciais:

**“Preciso ser um outro
para ser eu mesmo”**. (COUTO, 1999, p. 13). (grifos nosso).

Nos versos em destaque, é possível perceber aqui um contraponto entre as ideias de identidade e alteridade, as quais não são excludentes, mas que a alteridade é vista como experiência fundamental para instituir a identidade. O eu lírico nos apresenta vocábulos que contrastam, e isso não é à toa, uma vez que, a identidade surge a partir das dualidades confrontadas entre a tradição e a modernidade, isso faz com que não haja um apagamento da identidade negra, nem uma individualidade, mas sim, a união de diversas identidades construídas ao longo do tempo.

Em seu ensaio, intitulado “Quem precisa da identidade?”, Hall afirma que,

[...], as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com

precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu **exterior constitutivo**, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído. (HALL, 2014, p.110). (Grifos do autor).

Detendo-se à afirmação do autor, percebemos que a questão da relação de alteridade e identidade são construídas por meio da diferença, isso é perceptível no poema, assim como a falta de pertencimento e instabilidade do povo moçambicano, como podemos perceber nos versos 3-4:

“Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta.” (COUTO, 1999, p. 13).

Em seguida, o eu lírico ainda pontua a incerteza da perpetuação do povo africano que guardam as identidades de seu povo. A representação do pólen sem inseto, de forma comparativa, nos mostra a incerteza da existência tanto do povo africano quanto da sua cultura, do seu chão. Como podemos observar nos trechos a seguir:

“Sou pólen sem inseto,
Sou areia sustentando
o sexo das árvores.” (COUTO, 1999, p. 13).

No decorrer do poema há uma forte presença de versos que representam a alternância de estranhamento àquilo que é novo e foi imposto pelos colonizadores ao povo moçambicano, mas também a consolidação da identidade nacional.

A nosso ver, tal transição de período cultural causa um conflito e também um rompimento com o passado, abrindo espaço para a construção de uma identidade futura, que, como bem pontua Stuart Hall,

[...] não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiraram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (2014, p.52).

Hall observa que, quando se trata de cruzamentos e misturas culturais, isso é cada vez mais comum, visto que estamos mergulhados em um multiculturalismo, e que por isso, os traços culturais permitem nos enxergarmos no outro.

No caso da canção de Chico César, é possível percebermos uma clara referência às origens africanas nos versos de 7 a 13:

“Cabelo veio da África
Junto com meus santos
Benguelas, zulus, gêges
Rebolos, bundos, bantos
Batuques, toques, mandingas
Danças, tranças, cantos
Respeitem meus cabelos, brancos.” (CÉSAR, 2002).

A construção dessa memória remonta ao passado colonial, quando centenas de

negros foram trazidos cativos do continente africano para o Brasil, forçados ao trabalho escravo, principalmente nas lavouras de cana-de-açúcar e café. Tal memória aponta ao mesmo tempo para o processo de miscigenação, ocorrido durante o período citado. Fica nítido, então, o quanto temos de identidade africana na nossa vida, quer seja pela música, pelos traços físicos (tranças) ou pela forma de dançar. É nesse sentido que “[...] identidade vai, pois, sendo construída a partir da memória que emerge em determinados momentos, sempre lembrando que em cada emergência há a produção de um novo sentido, nunca o mesmo.” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 121)

Na quinta estrofe do poema o eu lírico há, de forma velada, um saudosismo referente à terra natal e a esperança de um dia voltar e revê-la, pois é lá que estão as raízes, como podemos conferir na quinta estrofe:

“Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro.” (COUTO, 1999, p. 13)

Para o eu lírico, o lugar em que ele habita faz-lhe sentir-se estranho. É a expressão de estar num lugar, mas sem sentir o sentimento de pertença a essa pátria, a esse chão.

“No mundo que combato
morro
no mundo por que luto
nasço.” (COUTO, 1999, p. 13)

Esta última estrofe faz uma referência ao mundo da desigualdade social. Há uma relação semântica antagônica entre os verbos combater e lutar, assim como, existem entre os verbos “morrer” e “nascer”, as quais são empregadas de maneiras simbólicas, entendidas como renascimento e reconstrução de uma consciência cuja formação da identidade se constrói no presente. Tal leitura é possível, uma vez que, os verbos no presente do indicativo e no gerúndio nos dão respaldo para esta interpretação. Logo, a palavra “combater” traz a ideia de enfrentamento a um determinado conflito, ao passo que “lutar” pode estar relacionado a ideias e ideologias, e “[...] é nessa rede interdiscursiva que se veem constituídas identidades.” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 128).

Por fim, na última parte da música do compositor paraibano, a construção dos versos por meio de anáforas (se eu quero / deixa) sinalizam para a alteridade no tocante à representação dessa subjetividade, reafirmada pela identidade, pois, na verdade, “[...] O que existem, na verdade, são práticas de subjetivação que produzem identidades, por isso a identidade é um processo que está em constante mutação.” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 121), conforme pode-se notar nos versos a seguir:

“Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero colorir, deixa
Se eu quero assanhar, deixa

Deixa, deixa a madeixa balançar.” (CÉSAR, 2002).

Analisando estes últimos versos, vale destacar que a insistência pela diferença expressada na letra da música de Chico César traz essa ideia de apego às raízes africanas, visto que “identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência” (SILVA, 2000, p. 74). Desse modo, “[...] as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade.” (SILVA, 2000, p. 75).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando tudo que foi exposto, pensamos que a categoria da identidade tanto na canção quanto no poema é bastante significativa e expressiva no tocante à afirmação da identidade. O resgate da memória histórica se apresenta em ambos os textos como formas memorialísticas do passado que remonta às origens e das lutas contra o racismo e preconceito.

O segundo ponto de fechamento da nossa análise está no olhar que tivemos ao comparar tais *corpora*, e perceber que existe um ponto crucial que as ligam bem como a pertinência para os estudos sobre identidade negra, tanto moçambicana quanto brasileira e o enriquecimento literário através das discussões, aqui, apresentadas. Por conseguinte, com o objetivo de identificar traços dos tipos de identidades em cada texto, buscamos discorrer sobre os aspectos que os caracterizam.

Na leitura de Stuart Hall aprendemos sobre as três concepções de identidade e como ela é construída na interação entre o eu e a sociedade, trazendo como centro a historicidade dos sujeitos e suas identidades. Tais reflexos estão presentes nos textos escolhidos, os quais trazem heterogeneidade e o multiculturalismo, mas também, uma manifestação coletiva de compartilhamento de ideias, valores, crenças e modos de pertencimento que aos poucos mostra uma ruptura na hegemonia de uma estética, social, cultural e política construída ao longo do tempo por uma classe dominante branca e burguesa.

Nas análises, é possível perceber uma diferença entre a canção de Chico César e o poema de Mia Couto no que tange à questão da identidade. Há, no poema, margem para pensarmos essa construção do eu lírico como um saudosista da sua pátria - um “eu” que está longe de sua terra, mas que não esquece sua origem, pois ela é sua identidade. Já, na letra da canção, a expressão da subjetividade do sujeito constitui-se como uma reafirmação da identidade, diante da violência e do silenciamento na voz dos afrodescendentes. Dessa forma, esta música de Chico se caracteriza como uma voz que brada na cultura brasileira não como imposição política, mas sim, de reconhecimento de um multiculturalismo que está entranhado no Brasil, e que foi neste chão que a heterogeneidade cultural se formou e é preciso respeitá-la, porque representa o sangue derramado e as lutas de um povo, suas

memórias e suas histórias.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. História e memória - uma relação na confluência entre tempo e espaço. In: **Revista Mouseion**. v. 3. n. 5. 2009, p. 35-67. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf. Acesso em: 30 jan. 2023.

CÉSAR, Chico. **Respeitem meus cabelos, brancos**. Disponível em: <https://armazemde texto.blogspot.com/2020/06/musica-respeitem-meus-cabelos-brancos.html>. Acesso em: 30 jan. 2023.

COUTO, Mia. Identidade. In.: **Raiz de orvalho e Outros Poemas**. Lisboa: Caminho, 1999.

FERNANDES, Cleudemar Alves; ALVES JUNIOR, José Antônio. Mutações da noção-conceito de sujeito na análise do discurso. In: SANTOS, João Bosco Cabral dos (Org.). **Sujeito e subjetividades: discursividades contemporâneas**. v. 6. Uberlândia: Edufu, 2009, p. 103-119.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Gua-cira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006, p 7-13.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 103 –133.

NAVARRO-BARBOSA, P. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs.). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 97-130.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000, cap. 1. p. 9-31.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 73-102.

OS LIMITES DA PERSONAGEM: CRIAÇÃO E EXPANSÃO NA *TRILOGIA DO ADEUS*, DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Data de aceite: 03/04/2023

Tacel R. C. Leal

Professor adjunto na Universidade Estadual de Londrina (UEL)

INTRODUÇÃO

Um dos aspectos mais interessantes da literatura é entrar em contato com personagens fascinantes, que nos marcam, nos inspiram e nos espelham. Igualmente fascinante é tentar entender os processos de criação das personagens de um (a) escritor (a). Que tipo de processo e tratamento foi preciso para criar estes seres fictícios que nos dizem tanto? Ao longo dos anos, a teoria literária tentou descrever, e mesmo catalogar (no caso do Estruturalismo), estes processos. Através das várias correntes de crítica literária o tema foi abordado com maior ou menor ênfase. No entanto, ainda há muitas lacunas sobre o assunto. Parece que chegamos a uma época em que a questão da personagem precisa ser revista e expandida. Como disse Todorov, há várias décadas, o estudo da personagem “coloca

múltiplos problemas que estão ainda longe de ser resolvidos” (TODOROV, 2013, p. 230). Diferentemente dos estruturalistas, hoje já podemos ver a questão da personagem não mais como um problema, mas como possibilidades, experimentação e liberdade de criação.

Movido por este espírito, este trabalho se propõe a analisar o tratamento da criação das personagens na *Trilogia do Adeus*, do escritor João Anzanello Carrascoza, publicada pela editora Alfaguara no ano de 2017. A trilogia começa com o volume *Caderno de Um Ausente*, romance que se enquadraria no gênero epistolar, visto se tratar de um caderno escrito por um pai para sua filha. Os dois outros romances que compõe a trilogia, *Menina Escrevendo com o Pai* e *A Pele da Terra*, não apenas estendem o tema e suas repercussões, mas o próprio limite do alcance das personagens. Ironicamente, isto se dá em romances onde o grande tema é a ausência. O formato de trilogia também proporciona uma análise prolongada do tratamento da personagem,

uma vez que as personagens se expandem ao longo dos três romances, uma influenciando a outra. Existe um sentido de dilatação e interligação que perpassa os três volumes. Para tal efeito, Carrascoza cria personagens que recebem um tratamento bastante intrincado, multifacetado, ainda que se trate de narrativas breves, como é próprio do escritor.

As relações familiares entre as personagens na *Trilogia do Adeus* são multiformes, complexas (no primeiro livro através do diário, no segundo com a relação da filha com o pai, e no terceiro na relação do filho, Mateus, com seu próprio filho – neto do personagem no primeiro romance). Em todas estas expansões, a presença do pai, tão forte no primeiro livro, é evidente, exerce influência, e continua a existir.

Sabemos da importância das personagens nas tramas dos romances, contos e peças teatrais. São elas que atribuem um sentido de vivacidade e poder relacional conosco, os leitores. É através delas que captamos o sentido de uma obra. São elas que nos comunicam toda a *humanidade* que circula por trás de seus atos e palavras. Por isto, o tratamento dado pelo escritor às personagens é de total interesse para o estudo da literatura. Talvez esta seja a hora da teoria lançar um novo olhar sobre a questão; a literatura neste novo século, bem como as outras artes como o cinema e o teatro, continuam produzindo personagens memoráveis e ampliando nossa concepção e as formulações teóricas das últimas décadas. O novo século pede que nos debruçemos mais uma vez sobre a personagem do romance e suas configurações. Este estudo almeja criar uma pequena contribuição neste sentido.

LIMITES E EXPANSÃO

Em 2014, o escritor João Anzanelo Carrascoza deu uma entrevista no canal da UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo), no YouTube, falando do lançamento do livro *Caderno de um Ausente*, então publicado pela Cosac Naify (e que, mais tarde, viria a ser incorporado na trilogia de 2017 pela editora Alfaguara). Na entrevista o escritor detalha o processo de criação deste enredo familiar de um pai com uma filha. O pai de meia idade que escreve um caderno de reflexões para a filha que acaba de nascer. O mote para a criação da personagem João, o pai do romance, se desenrola em torno da angústia da personagem que sabe que a diferença de idade entre ele e a filha certamente irá gerar uma separação prematura: o pai não conseguirá acompanhar a filha por muito tempo. Daí a ideia do pai de escrever o caderno como um guia futuro para a filha.

Segundo o autor, na mesma entrevista, o enredo também reflete, de forma indireta, as novas organizações familiares de pais mais velhos que já tiveram uma família e acabam por vivenciar um segundo casamento, daí gerando o descompasso entre as idades dos novos filhos que chegam; fato recorrente nas sociedades contemporâneas. No que se refere ao processo de criação da personagem, aqui já temos duas referências bastante importantes. De acordo com Antonio Candido,

de maneira geral, só há um tipo eficaz de personagem, a inventada; mas que

esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca; e que a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada, segundo a concepção do escritor, a sua tendência estética, as suas possibilidades criadoras [...] Uma das grandes fontes para o estudo da gênese das personagens são as declarações do romancista; no entanto, é preciso considerá-las com precauções ..." (CANDIDO, 2017, p. 65).

A realidade matriz que precede as obras em análise aqui traz um forte traço de conexão com nossa época e se mostra amplamente correlacional. João, assim, poderia ser visto como este "pai universal," que representa uma inquietação contemporânea real e recorrente na sociedade que nos cerca. Da mesma forma, Bia, a filha, personagem central do segundo romance, representa a filha jovem que tem no pai idoso sua noção central de família (já que a mãe morreu). Assim, temos aqui personagens inventadas, mas com uma forte relação com a realidade no mundo contemporâneo, como o próprio autor declara. São, também, personagens em consonância com a contemporaneidade e suas transformações. Para tal trama, as possibilidades criadoras de transformação da realidade no novo século se mostram ideais.

Candido também afirma que "a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista (CANDIDO, 2017, p. 69). De fato, nas obras aqui analisadas, a natureza das personagens se desenvolve através da mesma concepção, fortemente ligada à contemporaneidade. Carrascoza cria narrativas curtas, permeadas por espaços e pausas, que dialogam fortemente com as limitações das personagens, todas marcadas pela separação, pela ausência. A intenção e a forma criada pelo escritor acabam por engendrar narrativas marcadamente congêneres, inclusive com quem as lê; na trilogia de 2017, a materialidade dos volumes, os signos, os símbolos gráficos espalhados ao longo das páginas, o enredo e, principalmente, o desenrolar das personagens e seus universos particulares formam um todo coeso e fortemente interligado.

A dimensão tátil dos livros replica e dialoga com a fragmentação e a ausência, temas tão centrais na trilogia e, também, ecoa a vida interior das personagens, do enredo e do todo narrado. A vida interior das personagens se expande para além do mundo ficcional criado pelo autor para invadir a página e a maneira como nos relacionamos com os livros, bem como na forma com que os lemos. Nos parece que a intenção do autor (em concordância com a editora) foi a de potencializar o alcance das personagens nos três romances de maneiras diversas, que se presentificam no ato da leitura. Nossa relação com elas se estreita ainda mais, seus dramas contemporâneos são os nossos.

Segundo Carrascoza, na mesma entrevista, aqui temos um pai que fala para sua filha, mas também fala para si próprio, tentando lidar com sua própria ausência, com sua mortalidade. O caderno também é para si próprio, uma carta para o desconhecido em si mesmo, de um futuro do qual ele não fará parte. Em *Caderno de um Ausente* o pai escreve "eu só sei, Bia, que a minha história talvez termine quando a tua estiver no meio,

--- eu não sei um universo inteiro de coisas, não sei e nem terei tempo de aprender – e eu queria tanto aprender a tocar um instrumento!” (CARRASCOZA, 2017, p. 307). Em outro momento, o pai também complementa “não é por acaso que te escrevo, filha, eu sou a tua perda futura” (CARRASCOZA, 2017, p. 107). Por refletirem tanto ao mundo dito *real* na contemporaneidade, nos dramas contemporâneos em torno da perda, do tempo sempre escasso na vida urbana, os romances produzem grande afinidade com que lê.

Em seu clássico volume *Aspectos do Romance*, E. M. Forster (2005) lista cinco experiências fundamentais que marcam a vida humana (e que são a matéria prima dos escritores ao criar suas personagens) – nascimento, alimentação, sono, amor e morte. O autor explora a importância destes cinco fenômenos na vida humana, mas aqui o que nos interessa é como tais fenômenos tomam forma na ficção. As perguntas levantadas por Forster são “Será que o romancista tende a reproduzi-los com precisão ou, na verdade, a exagerar, diminuir, ignorar e expor a passagem dos personagens por esses processos que não são os mesmos pelos quais vocês e eu passamos?” (FORSTER, 2005, p. 73). Ao analisar o nascimento e a morte e, principalmente, como estas duas experiências são tratadas pelos romancistas em seus romances, Forster afirma

Por isso consideremos que as pessoas começam a vida com uma experiência que esquecem, e a terminam com outra que até imaginam, mas não podem compreender. São estas as criaturas que o romancista se propõe apresentar como personagens de seus livros; ou outras, razoavelmente parecidas com elas. O romancista pode lembrar e entender tudo, se lhe convém. Ele conhece toda a vida exterior. Seus personagens serão por ele tomados quanto tempo depois do nascimento? E até que ponto ele os acompanhará antes da morte? E o que dirá ele, ou fará sentir, a respeito dessas duas experiências tão extravagantes? (FORSTER, 2005, p. 73-74).

É notório que na narrativa de Carrascoza os dois fenômenos, nascimento e morte, são continuamente sobrepostos, misturados. Um evoca e cria o seguinte. Para o pai João, o nascimento da filha, Bia, precisará ser negociado com a separação precoce que irá existir. A forma encontrada é a escrita do caderno. Ao longo de sua trilogia, Carrascoza cria uma narrativa que gira em torno das angústias e inquietações dos personagens presentes em sua trama, sentimentos que provêm desta imbricação de nascimento e morte. Por conta do caderno que recebe do pai, Bia não pode esquecer seu nascimento e o que isto representou para o pai. Em *Caderno de um Ausente*, o pai escreve em seu caderno para a filha que acaba de nascer:

“acabas de nascer e eu tenho de te explicar, como se já pudesses entender, e, da mesma forma, estou dizendo a mim, que não vamos passar muito tempo juntos, que deves te preparar pra viver mais longe de mim do que perto – eu farei parte, pra sempre, só do início da tua história [...] Vens com esta marca, de minha ausência, a envolver inteiramente a tua vida.” (CARRASCOZA, 2017, p. 10-11).

Daí provêm toda a força da narrativa e seu centro motor. Respondendo à pergunta

de Forster (2005) – “até que ponto ele os acompanhará antes da morte?” – aqui o autor acompanha os personagens até a terceira geração familiar e a existência do pai no primeiro romance, de certa forma, se prolonga. No segundo volume, Bia, a filha, terá de negociar a ausência do pai e vivenciar, na prática, todos os ensinamentos presentes no caderno. No terceiro volume, Mateus, o filho de outro casamento, viverá o drama da ausência e da separação com seu próprio filho, João (neto de João-pai, no primeiro romance).

Não apenas a narrativa nos dá a vívida sensação de continuidade, mas, em termos de criação de personagem, o autor é capaz de expandir os limites da existência de seus personagens, multiplicando o alcance de suas ações. Romances sobre genealogias e sagas familiares não são novidade no campo da ficção, mas Carrascoza o faz de forma elegante e magistral, conseguindo uma narrativa contemporânea e de grande poder relacional. Os personagens da trilogia somos eu e você, ou nossos amigos e primos. Os dramas nos são familiares e palpáveis, as personagens nos são próximas e reconhecíveis, exemplos expressivos de uma criação de personagens sólida.

Em seu seminal capítulo Reflexões Sobre o Romance Moderno, Anatol Rosenfeld (1973) enfatiza a nova sensibilidade moderna – tempo e espaço tornam-se relativos na concepção artística e de mundo; o mundo dos sentidos abarca tal percepção, ampliando as possibilidades no romance. Para Rosenfeld “A visão de uma realidade mais profunda, mais real, do que a do senso comum é incorporada à forma total da obra. É só assim que esta visão se torna realmente válida em termos estéticos” (ROSENFELD, 1973, p. 81). Talvez nunca a fragmentação temporal e espacial teve um significado tão aparente como na contemporaneidade; e talvez, como nunca antes, nossa sensibilidade e percepção foi alterada num mundo marcadamente digital. Assim, a velocidade e a virtualidade das relações potencializam exponencialmente o que foi exposto por Rosenfeld. Na trilogia de Carrascoza a profundidade da temática e do mundo interior das personagens se conecta à fragmentação causada pelo tempo e pelo espaço. É justamente pela separação inevitável causada pelo descompasso de idades que o pai empreende a escrita do caderno, dando início a todas as conexões que une os três romances.

De fato, estes temas irão ecoar constantemente nos três volumes. No primeiro, o pai afirma: “[...] e que possamos num feriado qualquer montar juntos um imenso quebra-cabeça de mil peças – para que, sem te dares conta, comeces a entender o quantos somos feitos de fragmentos, o quanto somos desinteirados de nós mesmos” (CARRASCOZA, 2017, p. 50). A imagem do quebra-cabeças assume forte conotação aqui, as personagens terão que montar o quebra-cabeça das relações familiares e das perdas, e o leitor precisará montar o quebra-cabeça que une os três romances. Nesta tarefa, várias possibilidades se apresentam: “ – não há como te esterilizar do passado (que veio de mim e de tua mãe e já se aderiu ao teu espírito feito solda), qualquer história, enquanto se desdobra, é um reino de possibilidades” (CARRASCOZA, 2017, p. 55). Os fragmentos irão acompanhar as personagens ao longo de toda a trilogia. No terceiro volume, Mateus afirma:

E se eu, Mateus, disse o que disse, com meus passos, eu não disse que, enquanto caminhava, comigo levava, em cada respiração, meu pai, João, e → você, meu filho, outro João. Eu não disse, com meus passos, que levava comigo meu pai, João, morto para o mundo, mas vivo em mim, e → você, meu filho João, que herdara o nome dele, o avô que mal conheceu, mas que está em todas as suas células, e estará até o último suspiro (CARRASCOZA, 2017, p. 67)

Merece destaque aqui o papel da escrita nestes processos de continuação e herança. Em inúmeras passagens, evocação do passado e continuidade se dão também na forma de discurso. E não seria diferente, já que o fio condutor das três histórias é o caderno, presente no primeiro volume. Em *Menina Escrevendo com o Pai*, a filha afirma:

O caderno represa outro tempo, não o que se move, como água corrente, em mim. Tudo o que o pai escreveu nele já passou, mas, com a minha leitura, recomeça a acontecer. Ler, tanto quanto escrever, é fazer a ressurreição de um mundo (CARRASCOZA, 2017, p. 10).

É através da linguagem que a memória e a presença do pai se prolongam na narrativa. O caderno irá criar ondas de lembranças que se projetam no futuro:

Daí recordei uma frase do pai, escrita lá no caderno dele: metáforas em cores a partir de clichês cinzentos. Só que hoje eu me peguei com a metonímia. Metonímia: o pai e eu. A parte pelo todo. O todo na parte (CARRASCOZA, 2017, p. 83).

Tais evocações e sensações, produzidas tanto pela memória quanto pela escrita, também nos dão a dimensão da profundidade do universo interior das personagens que nos é revelado. Forster (2005) define este aspecto como a *vida secreta* das personagens num romance, algo que está intimamente ligado ao “nível de realidade” de uma personagem num romance. Este se daria pelo grau de conhecimento que o autor possui acerca das personagens:

Agora, sim, podemos chegar a uma definição sobre quando um personagem de livro é real: ele é real quando o romancista sabe tudo acerca dele. O romancista pode escolher não nos contar tudo o que sabe – muitos fatos podem ser omitidos, mesmo os que consideramos óbvios. Ainda assim, ele vai nos deixar com a sensação de que, apesar de o personagem não ter sido explicado, ele é explicável, e com isso se estabelece uma espécie de realidade que nunca encontraremos na vida real (FORSTER, 2005, p. 87)

Nos três romances, o autor interliga a vida secreta das personagens não apenas através de seus laços de sangue, mas, principalmente pelas evocações e lembranças. No primeiro volume, o diário nos revela o universo interior de João, o pai, ligado a um futuro incerto, o qual tenta cartografar através do caderno, mas também preparar sua filha. Nos dois volumes seguintes, a vida secreta e o inconsciente de Bia e Mateus também se desenrolam através da evocação, da memória e da herança. No terceiro romance, a personagem Mateus revela:

Eu, surpreso, mas feliz com a sua pergunta, tirei os olhos da terra e respondi.

Respondi porque aquele era um trecho da minha vida que você desconhecia – a sua pergunta vinha de um trecho seu que eu ignorava –, respondi, contando o que havia em seu avô de folhagem bonita, mas também de espinho. Respondi, contando não fatos mas rastros dele em mim, respondi, contando que seu avô João morrera quando você era bebê, que eu sentia a falta dele – como sentia a sua, mas isso eu não disse –, respondi, fazendo um resumo do que ele fora, porque de tudo o que se vive, só podemos mesma dar, para os outros provarem, o sumo (CARRASCOZA, 2017, p. 38)

Filho e pai se desconhecem, trechos da vida de cada um são desconhecidos. Como nos mostra Forster, mesmo fatos inexplicados tornam os personagens palpáveis, explicáveis. Dentro do possível narrado, e dentro do que o autor nos revela, as personagens se materializam de forma contundente, tornando-se *reais* no universo ficcional que nos é apresentado.

Indo de encontro a este traço, podemos dizer que Carrascoza cria personagens que são, não apenas palpáveis, mas também dinâmicos e que dão grande movimento à cena descrita, adicionando assim um forte sentido de ação ao enredo. Embora a trilogia traga narrativas que girem em torno de lembranças e expectativas futuras, a ação está sempre presente. De acordo com o crítico contemporâneo James Woods, um erro frequente nas narrativas de autores iniciantes é criar retratos imóveis, como se fora a descrição de uma fotografia para o leitor. Para o autor

O romancista inexperiente se prende ao estático, porque é muito mais fácil de descrever do que o móvel: o difícil é tirar as pessoas desse amálgama estagnado e movimentá-las numa cena. [...] Bastam pouquíssimas pinceladas para, digamos, dar vida a um retrato; e – como corolário disso – o leitor pode captar personagens miúdos, efêmeros e mesmo planos tão bem quanto heróis e heroínas grandiosos, redondos e elevados (WOODS, 2011, pp. 95,96)

Se observarmos as primeiras frases dos três romances já notamos as pinceladas usadas pelo autor que adicionam grande ação e movimento às narrativas. No primeiro romance temos: “Filha acabas de nascer, mal eu te peguei no colo, e pronto, *já chega*, disse a enfermeira, e te recolheu de mim” (CARRASCOZA, 2017, p. 9). No segundo: “Só agora o caderno que o pai escreveu há anos chegou às minhas mãos, embora eu já soubesse que existia” (CARRASCOZA, 2017, p. 9), e no terceiro e último: “Rabanal está ali – e nós aqui. Vivemos muitos anos depois daquele dia até hoje” (CARRASCOZA, 2017, p. 9). Não somente são cenas de grande ação e impacto, mas cenas com um paralelismo e ligação muito forte. Mesmo a dimensão material das três narrativas cria um forte eco, em páginas que trazem o mesmo número, a mesma ideia de continuidade, o mesmo movimento que é tudo, menos estático.

Encontramos aqui três narrativas que se unem de forma muito peculiar. Temos flashes da vida de três personagens que se ecoam e multiplicam, mas não temos uma cronologia perfeita dos passos de cada uma delas. Por se tratar de narrativas que lidam com a memória e com a ausência física das pessoas, o leitor precisa, muitas vezes, ir

construindo esta imagem palpável das personagens (como já mencionado acerca do quebra-cabeças). As personagens são palpáveis, mas envolvem um processo ativo de construção por parte de quem lê. Woods (2005) questiona o que, de fato, pode um personagem, esta entidade de existência tão peculiar. No caso da trilogia aqui analisada, temos apenas as evidências que nos são dadas pelo autor, suficientes para nos revelar algo “vivo e humano” (WOODS, p. 2011, 98) acerca delas. No caso aqui analisado, as personagens evocam amplos universos.

Para o autor, a narrativa “pode dar, e muitas vezes dá, uma noção vívida de um personagem sem dar uma noção vívida de um indivíduo” (WOODS, 2011, p. 98). Não conhecemos essas três personagens em particular, mas conhecemos seus “comportamentos particulares” (WOODS, 2011, p. 98) ao longo das tramas, o que é suficiente para criar estas personagens de forma expressiva e intensa em nosso imaginário. O próprio Forster (2005) dizia, como já discutido acima, que nem tudo precisa ser revelado ou explicado para que uma personagem se torne palpável, possível ou *real*.

Personagens marcantes nos fazem querer especular mais sobre suas vidas, mesmo que saibamos se tratar de seres de ficção, de serem *meros* conjuntos de palavras, como toda a literatura o é, mas, de acordo com Woods (2011), bem mais do que isto. Personagens marcantes carregam consigo muito mais do que signos verbais e criação artística. Quanto ao que pode ser dito sobre elas, Woods também afirma

as coisas que se podem dizer sobre as pessoas também podem ser ditas sobre eles. Todos são “reais” (tem uma realidade), mas de modos diferentes. Esse grau de realidade é diferente de autor para autor, e nossa fome de profundidade ou de grau de realidade de um personagem é dirigida por cada escritor e se adapta às convenções internas de cada livro (WOODS, 2011, p. 112).

As convenções internas da trilogia oferecidas por Carrascoza ficam já claras a partir do primeiro romance. Somos instruídos que se trata de narrativas que versam sobre a ausência, sobre o desconhecido no futuro. Também sobre tentativas para, de alguma forma, conceber estratégias de minimizar tal realidade. O pai fala com a filha Bia que acaba de nascer. Fala para uma Bia do futuro, que irá entender o que ele quer transmitir. Um mapa de navegação para proteger o caminho que a filha irá trilhar. No segundo romance Bia entra em contato com a perda e o diário, e no terceiro romance Mateus encara suas perdas, o pai em si próprio e, de certa forma, a perda de seu próprio filho, João. As convenções internas satisfazem nossa *fome de profundidade*, como Woods (2005) o coloca, uma vez que o autor tece as conexões de maneira elaborada, embora nem sempre explícitas.

Para Woods (2005), um romance falha quando o escritor não consegue instruir os leitores como se adaptar às suas convenções internas e não suscita a *fome* dos leitores pelos seus personagens. Esta é a receita para um romance frustrar seus possíveis leitores: seus personagens não possuem um *grau de realidade*, digamos, sólido, que sustente

a ilusão, muito menos o elo com as pessoas no mundo dito *real*. Talvez por isto tantos personagens de Hollywood nos interessem tão pouco, chegando mesmo a serem banais e enfadonhos.

Personagens, para serem cativantes e despertar nosso interesse precisam de vitalidade. Sobre a vitalidade das personagens, Woods nos diz

A vitalidade do personagem literário não tem muito a ver com a ação dramática, com a coesão narrativa, nem sequer com a simples plausibilidade – e menos ainda com a probabilidade – estando mais ligada a um sentido filosófico ou metafísico mais abrangente, nossa consciência de que as ações de um personagem são profundamente *importantes*, que há algo profundo em jogo, o autor ruminando sobre a face daquele personagem como Deus sobre a face das águas. (WOODS, 2011, p. 116)

Ainda que exista um forte senso de coesão entre os três romances da trilogia, e, pelo que já foi exposto sobre a ligação entre o tema da trilogia e as relações familiares na contemporaneidade, não são estes elementos que conferem vitalidade às personagens criadas por Carrascoza. Como Woods afirma, ao lermos os romances, o que nos chama a atenção é o tratamento dado aos dramas vividos pelas personagens, de que suas ações, aspirações e inquietações carregam algo de grande profundidade e importância. É a partir de tal criação que nossa conexão com as personagens se dá de imediato, já no início do primeiro volume. Ao lermos, sentimos que existe algo de essencial, nosso *vínculo* com estas personagens se dá através da dimensão humana que *compartilhamos* com eles (as), embora saibamos do jogo da ficção.

Tal vitalidade e poder relacional que sentimos nas personagens da trilogia nos remetem, também, ao grau de profundidade conferido a elas pelo escritor. Woods revisita as categorias de personagens criadas por Forster (2005) em seu famoso livro *Aspectos do Romance*. Para Woods, as categorias de personagens redondos e planos precisariam ser revisitadas e ampliadas, pois não dão conta de abarcar a complexidade de personagens na ficção. Segundo ele, muitos dos personagens mais interessantes na literatura são planos, uma vez que, mesmo secundários e cômicos, servem para “iluminar uma verdade ou característica humana essencial” (WOODS, 2011, p.118). Da mesma forma, ele afirma que a *redondeza* das personagens literárias é um ideal impossível, pois os “personagens literários, embora muito vivos à maneira deles, não são iguais a pessoas de verdade” (WOODS, 2011, p. 118).

Para Woods (2005), o que importa mesmo é o grau de sutileza empregado pelo autor no tratamento da personagem. Por se tratar de romances, as obras na trilogia, mesmo sendo curtas, permitem espaço para o aprofundamento e a sutileza no desenvolvimento das personagens. As personagens apresentam profundidade, e nos “surpreendem” (como Forster colocaria). Mesmo em sua existência ficcional, nos comunicam num nível de profundidade relacional muito próximo do que viveríamos por sua vivacidade, tão conectada ao tempo presente. Por tudo isto, todas poderiam ser consideradas personagens redondas,

altamente múltiplas, plurais em sua representação.

Um outro ponto levantado por Woods (2005) se dá em relação ao aspecto muito recorrente da “monomania” de muitas personagens consideradas vívidas nos romances clássicos. Para ele, muitos personagens com grande vivacidade na literatura preocupam-se apenas com um único tema ao longo de todo o romance, suas intervenções nos romances giram em torno de uma única obsessão. Para o autor, estas personagens:

Não são essencialmente planos? De início podem nos surpreender, mas logo não nos surpreendem mais, ocupados em sua necessidade central. Todavia, nem por serem planos são personagens menos vívidos, interessantes e autênticos. Certamente não são caricaturais, aspecto implícito na discussão de Forster. (Não são caricaturais porque a monomania deles não é caricatural em si mesma, e sim interessante – *uniformemente surpreendente*, digamos.) (WOODS, 2011, p. 119)

Poderíamos encontrar tal traço na trilogia aqui analisada? O pai passa todo o primeiro romance escrevendo o caderno, mas o faz pensando no futuro da filha, não de si mesmo. Também sabe que o caderno é endereçado a si mesmo, ao desconhecido em seu próprio futuro. Sua preocupação central se mostra, assim, interessante. Já no segundo romance, a filha tenta fazer sentido do mundo e se relacionar com o pai através das lembranças e do caderno, suas preocupações são diversas e giram em torno de encontrar sentido no mundo, já que está no começo da vida. Por fim, no último volume Mateus preocupa-se em se aproximar do filho distante, mas este caminho também se volta para o desconhecido em seu próprio interior, fato que o liga diretamente ao movimento traçado pelo pai no primeiro romance. A preocupação central de Mateus também é *uniformemente surpreendente*. As necessidades centrais de cada uma das personagens vêm somar ao universo criado por Carrascoza, tornado as personagens ainda mais palpáveis, ainda mais atraentes. Queremos “saber o que acontece” com elas, a leitura flui e nos cativa a cada página virada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas segunda metade do século passado, Anatol Rosenfeld já apresentava suas reflexões sobre o que ele chamou de “unidade espiritual das fases históricas” (ROSENFELD, 1973, p. 79), o chamado *zeitgeist*. As representações históricas, sociais e artísticas carregam em si o reflexo de sua era, seu espírito dominante. Também para Rosenfeld, a modernidade fragmentou nossa percepção de tempo, espaço e, assim, também nossa sensibilidade. A *Trilogia do Adeus*, de Carrascoza, é essencialmente uma obra pós-moderna, que só a contemporaneidade poderia produzir. Os romances retratam o mundo e a sociedade como nunca vistos antes – o aparente descompasso entre as idades de pais e filhos, a rapidez da vida pós-moderna, a mobilidade acessível e constante, o crescente número de novas configurações familiares, a solidão, a efemeridade e o isolamento. Personagens que representem tais alterações no tecido social não poderiam existir antes deste momento na história humana. Aqui, vemos a pós-modernidade como velocidade, excesso de informação,

perda da memória. O caderno do pai, por mais analógico que seja, também é uma tentativa de opor este padrão de apagamento de memória, de vivências, de troca e de afeto.

A criação de Carrascoza é fruto de tal época. É justamente este fato que possibilita a criação e a expansão de seus personagens. A sociedade da informação e dos processos digitais potencializa infinitamente a fragmentação e a distância nas relações, fato sentido na trilogia. Mas, também, as mesmas configurações sociais que possibilitam a criação dos romances parecem gerar confrontos com reflexões teóricas clássicas acerca do romance. Forster (2005) afirmava que os romancistas conhecem toda a vida exterior de seus personagens, nada escaparia à sua mirada. Dado o contexto social e temporal que cerca a trilogia, o *zeitgeist*, a convicção de que o escritor poderia saber tudo sobre as personagens hoje nos parece rodeada de incertezas, ainda mais numa trilogia que trata da ausência, da perda, do descompasso da experiência humana e familiar na contemporaneidade. Caso o escritor ainda assim o desejasse e o fizesse de forma explícita, talvez a criação literária estaria em desalinho com a incerteza e a velocidade tão marcantes na pós-modernidade, chegando mesmo a perder a força de seu poder relacional. As personagens criadas por Carrascoza avançam em vários sentidos, como apresentado neste breve estudo, mas também parecem escapar às formulações teóricas de décadas passadas. Muito provavelmente, os métodos estruturalistas de análise da narrativa de Claude Bremond e Tzvetan Todorov, por exemplo, não se aplicariam fielmente às narrativas e personagens aqui analisadas. O que fica aparente é que em pleno século XXI a questão da personagem continua com lacunas ainda por responder (talvez as mesmas questões que o próprio Todorov apontava).

É espantoso constatar que quase já não se teoriza mais sobre a personagem do romance no novo século (com poucas exceções, como James Woods, por exemplo). Será que nossa época não consegue mais produzir reflexões acerca das personagens nas narrativas ficcionais e suas novas configurações? Ironicamente, no mundo da informação e da sobrecarga de estímulos visuais e de entretenimento, o que se nota é um provável esgotamento de formulações teóricas que deem conta de produzir conhecimento sobre o fazer literário hoje. A velocidade, o visual e, mais ainda, o digital, se sobrepuseram sobremaneira. Vivemos ainda sob as formulações de décadas passadas que, apesar de sua preciosa contribuição, parecem não dar mais conta do mundo contemporâneo e sua constante mudança e pulverização da experiência humana. A trilogia de Carrascoza nos apresenta possibilidades novas e excitantes da literatura hoje em dia. Ainda que estejamos na pós-modernidade com seu turbilhão de meios e imagens vertiginosas e, frequentemente, efêmeras, a literatura continua a surpreender e ir adiante da teoria, de suas possíveis limitações e, talvez, de seu esgotamento.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance, em CANDIDO et al. A Personagem de Ficção. São Paulo: Perspectiva, 2017.

CARRASCOZA, João Anzanello. Caderno de um Ausente. São Paulo: Alfaguara, 2017.

---. Menina Escrevendo com o Pai. São Paulo: Alfaguara, 2017.

---. A Pele da Terra. São Paulo: Alfaguara, 2017.

FORSTER, E. M. Aspectos do Romance. São Paulo. Ed. Globo, 2005. ROSENFELD, Anatol. Texto/ Contexto. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1973.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária, em BARTHES, Roland et al. Análise Estrutural da Narrativa. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 2013.

WOODS, James. Como Funciona a Ficção. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

UNIVESP. Livros 92: Caderno de um ausente - João Anzanello Carrascoza. YouTube, 13 de agosto de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zp36_3Aps7c&t=581s>. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

GIOVANA REIS LUNARDI - Possui graduação em Licenciatura em *Letras Habilitação Português/Espanhol e suas Respectivas Literaturas* pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), concluída no ano de 2008. Com especialização em *Produção e Revisão de Textos* pela Unochapecó, com pesquisa em *Autoria e Análise do Discurso*, concluída no ano de 2009. Também tem especialização em *Literaturas do Cone Sul* pela Universidade Federal Fronteira Sul (Chapecó), com pesquisa sobre “Metáforas na ficção de Jorge Luis Borges”, concluída no ano de 2013. É Mestra em *Letras/área de Concentração em Estudos Linguísticos* pela Universidade de Passo Fundo (UPF), concluída no ano de 2014. Com dissertação intitulada “Teoria dos Blocos Semânticos e orientação argumentativa para construção do sentido em reportagem jornalística: compreensão leitora do título metafórico ao texto”. É *Doutora em Linguística* no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), linha de pesquisa *Cognição e Uso* (2022). É autora de artigos científicos, palestrante e tutora de cursos. Atuou como professora na Educação Básica com experiência em cursinhos pré-vestibular, além de experiência e atuação no Ensino Superior, tanto em instituições particulares quanto em federais, há mais de dez anos. Atuou como colunista de jornal, produzindo uma coluna de literatura no jornal “A Sua Voz”, da cidade de Pinhalzinho (SC). Também atuou como revisora de revistas e jornais nos municípios do oeste de Santa Catarina. Atualmente, a autora desenvolve diversos trabalhos como conteudista de produção de material didático para o ensino superior, tanto videoaulas quanto aulas, ebooks e bancos de questões. Além disso, a autora exerce a função de professora substituta no departamento de Letras da Universidade Federal Fronteira Sul, no *campus* de Realeza (PR) e desenvolve pesquisas na área da linguística e ensino com publicações relevantes em periódicos nacionais e internacionais.

A

Alto Solimões 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104

América Latina 46, 47, 48, 51, 52

B

Brasil 13, 26, 30, 34, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 48, 56, 60, 63, 88, 98, 100, 101, 102, 105, 122, 123, 126, 129, 132, 133, 135, 138, 139

C

Carlos Drummond de Andrade 50, 106, 107, 109

Chico César 130, 131, 132, 134, 137, 139

Competência leitora 81, 83, 87, 88, 91, 92, 93, 95

D

Democracia 29, 30, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44

Discurso 2, 3, 11, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 49, 80, 98, 102, 103, 104, 105, 113, 126, 135, 140, 146, 153

E

Edmund Husserl 1

Estereótipo 11, 13, 17, 18, 19, 23, 24, 27

Estilística 106, 108, 109, 119

Ethos 15, 109

Etimologia 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80

Etiqueta 11, 12, 13, 15, 16, 17, 20, 23, 24, 25, 26, 27

Executivo 11, 12, 13, 14, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28

F

Fenomenologia 1, 2, 9, 10

Filosofia 1, 2, 38, 45

Formação de palavras 63, 64, 65, 66, 67, 78, 79, 80

Fronteiras 49, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105

G

Glossário 63, 64, 66, 67

H

História 13, 18, 25, 29, 30, 40, 43, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 62, 71, 79, 96, 101, 118,

119, 120, 130, 132, 133, 140, 143, 144, 145, 150

I

Identidade 8, 52, 97, 98, 99, 100, 105, 125, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Item lexical 63, 64, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77

J

Jacques Rancière 47, 48, 49, 62

K

Koch 106, 108, 109, 119

L

Lakoff e Johnson 29, 30

Língua-alvo 120

Linguagem 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 15, 31, 32, 33, 38, 39, 50, 82, 85, 89, 108, 109, 120, 123, 125, 127, 128, 140, 146

Linguística textual 106, 119

Literatura de resistência 46, 50, 61

Literatura inglesa 120, 123, 126

Lógica 1, 6, 8, 22, 42

M

Mapas conceituais 81, 82, 83, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Maranhão 63, 64, 65, 66, 67, 69, 78, 79, 99

Marcuschi 107, 119

Mario Quintana 106, 107, 112

Memória 10, 50, 111, 130, 132, 133, 135, 137, 138, 139, 140, 146, 151

Metaficção historiográfica 46, 51, 61

Metáfora conceptual 29, 30, 31, 32, 33, 43

Metáfora de jornada 30, 39

Mia Couto 130, 131, 132, 135, 139

Mikhail Bakhtin 30

N

Narrativa 48, 49, 50, 51, 53, 61, 62, 116, 144, 145, 146, 148, 149, 151, 152

O

Ôntico 1, 4, 6, 8

P

Personagens 46, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 61, 124, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

Poemas 106, 107, 108, 109, 113, 118, 123, 130, 136, 140

Político 17, 29, 31, 32, 36, 47, 50, 55, 59, 61

Profissão 12, 13, 17, 18, 19, 25, 26, 27, 64, 68, 70, 72, 75, 76, 77

S

Secretário 11, 12, 13, 14, 18, 19, 25, 26

Significação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 49

Stuart Hall 130, 131, 137, 139

Sujeito indígena 96, 97, 103, 104, 105

T

Tabajara Ruas 46, 47, 48, 50, 51, 53, 61

Tabuização 63, 64, 67, 79

Tabus linguísticos 63, 64, 65, 78, 79

Tecnologia social 81, 83, 85, 86, 93

Textualidade 107, 108, 109, 119

Trilogia do Adeus 141, 142, 150

U

Urna eletrônica 29, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: DISCURSOS E POLÍTICAS



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: DISCURSOS E POLÍTICAS

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br